ROMANCES NACIONAES

ROMANCES NACIONAES

O DEMONIO DO OURO

ROMANCE ORIGINAL

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

II VOLUME

LISBOA
TYP. EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67—Praça de D. Pedro—67
1874

INTRODUCÇÃO

Os successos d'este segundo tomo principiam no anno 1798.

Já não vivem os principaes personagens do primeiro livro.

Dá-nos susto o morrer, do sol radioso
Perder a amada luz...
E a morte é mais medonha
Pensada que sentida...

Escreveu Philinto Elysio.

E pensal-a tantas vezes quantos são os trespasses dos entes, que nos vivem na phantasia, ou nos reverberam na alma a existencia que viveram, é magoa maior do que se pensa.

Contrista-nos este ir ceifando a morte umas creações, que nos avultam fórma e espiritualidade humanas, quer as trasladassemos da realidade, quer as realisassemos

na imaginativa, por que viveram em o nosso lar, scismaram comnosco nas solidões da montanha, e as vimos em nossas insomnias, soffrer e gosar.

O leitor não ganhou affecto a essas entidades que o desenfadaram de estudos, canceiras e tedios. Acompanhou-as com impassivel curiosidade até ao cemiterio, e abriu mão do livro como ao recolher dos responsos funebres de defuncto que deixou herdeiros prestadios, um attencioso frequentador de mortuarios despe a casaca dos pêsames convencionaes, e vae espairecer-se nas ligeirezas dos vivos, dizendo de si comsigo sentenciosamente o epiphonema: «Somos todos mortaes.»

Ah! que não sejam assim os chronistas das paixões boas e más!

Nós, os operarios das regalias de vossas horas de sesta, vestimos a alma de lucto quando vasquejam e se apagam as visualidades queridas, que nos eram riquezas, sociabilidade e labor, tão honesto e mais mortificativo que as vossas lides apremiadas com muito ouro. Quando o livro concluido nos leva do recinto, onde o aviventamos, as imagens que nos davam parte de sua vida ideal, como que sentimos, ao redór de nòs, despovoar-se o mundozinho, e finar a sociedade que nos dulcificava o tremendo *só* da alma. Imaginae que é o descer-se de noite sem estrella e silenciosa pelo respaldo dos outeiros aldeados de povoações, que ao pôr do sol bailavam em seus descantes. Na mente do escriptor ha estas grandes e incomprehensiveis tristezas.

As creações d'elle eram uns seres immateriaes, incorporeos, phantasticos, e todavia sujeitos á alçada da morte. Eil-os que se desluzem na tela do espirito. O livro é já esquecido; e nòs, volvidos annos, ainda avistamos

essas sombras muito ao longe na penumbra da mocidade, e saudamol-as com lagrimas. Pobre vida é essa dos que a vivem com taes chimeras!

Todavia os entes da vida real são acaso mais estaveis, menos perecedouros? Não vistes, em breve lapso de annos, grandes torrentes de vida rebalsadas por essas jazidas, brilhantes podridões encineradas em urnas de marmore? Familias que, ha vinte annos, se vos figuravam com vertiginosa vida para longo estádio—amores desastrosos, tragedias que estrondearam, ridiculezas que vos deram pabulo ao riso e á satyra—tudo isso, cerebros e corações que fulguravam por petulancia de pensamento e arrojo da paixão, não se resfriou e deliu debaixo d'esses columnelos rendilhados de jaspe que infeitam a morte—o antro do dragão? Não era pois tudo isso um vago de phantasia, de neblina, de phosphorescencia como as creações do poeta?

Que mais monta lastimar o pó que se doirou ao raio do sol diurno, ou a nuvem que se coloriu do prisma da imaginação? Ai! o desfazer-se de um ser chimerico é tão dolorido á phantasia dos tristes, como o subito apagarem-se uns olhos que ainda hontem nos radiavam o calor do coração que nos era enlêvo. Tudo é morrer; tudo é soledade em volta do homem que pôz sua alma inteira nos livros que lhe viram a lampada do seu trabalho por horas da noite alta, quando as aves saudam o arrebol da manhã.

I

Em 1798, Roberto Bearsley, João Verissimo Vieira, Luiza, Manuel Vieira, e Anna Bearsley eram já mortos.

Manuel, com cincoenta e um annos, adormeceu no Senhor—phrase creada á cabeceira do leito de um justo, no seu manso cerrar de palpebras arraiadas da luz immortal.

Sobreviveu-lhe Eulalia uns escassos dois mezes, e muito longos paroxismos lhe deu a saudade em suas prezas. Ali se finaram todos no formoso retiro de Westminster, no trajecto de doze annos, que seriam doze auroras do paraiso, se não houvesse o morrer.

Em 1799, todos aquelles nomes estavam consubstanciados em dez algarismos: Réis 1.200:000$000, e por toda a terra de Portugal se fallava na herança de Londres.

Os haveres de Roberto herdára-os Anna Bearsley. O socio da casa Vieira, ou antes Eulalia, havia sido universal herdeira da viuva Chesterfield. Portanto, e em resumo de verbas constantes dos dois testamentos de Manuel Vieira e da sua viuva—*tres milhões*. Esta quantia em 1799 era um colosso de ouro, uma fabula oriental, o sonho de um avarento, o mais que poderiam dar de si as fabricas de moeda que cabiam na imaginação de Lacalprenède e Radcliffe.

Antes de se arrolarem os co-herdeiros d'este El-Dorado, transferido para os penhascaes de Lanhoso, digamos do destino de Christina de Magalhães, filha do falecido monge do Bouro, canonisado pela pia crença dos seus irmãos conventuaes.

O morgado de Garfe, irmão da infeliz Paula, falecida no pio carcere da Tamanca, teve um filho que não herdou a indole do pae implacavel, com as culpas da irmã. Ás occultas d'elle, quando cursava rudimentos no convento do Populo, em Braga, visitou algumas vezes sua tia, em presença das vedêtas, e viu a creancinha que nascera manchada do ferrete sacrilego.

O morgado, ferido em sua honra pelo proprio filho, nunca lhe perdoou, e amiserava-se não ter outro que lhe succedesse nos prasos; que o vinculo a pouco montava. Pedro de Magalhães, o compadecido da sorte de sua tia, cansado de soffrer asperos despresos do pae, alistou-se no exercito organisado pelo conde de Lippe, e provou seu esforço na guerra com os castelhanos. Depois, como o morgado, insandecido por amores em annos mais que serodios, vivia á laia de rapaz desbaratando os bens, Pedro seguiu por necessidade a vida militar, até ao falecimento de seu pae, no mesmo anno

em que sua prima Christina sahiu do recolhimento da Tamanca.

Apossado do tenue vinculo, e sem recursos para reivindicar os prasos fraudulentamente alheados a filhos bastardos, deixou a cazeiros o solar de Garfe, e proseguiu na carreira das armas. Procurou por esse tempo novas de sua prima, e soube a prospera mudança de fortuna que tivera.

Occasionou-se-lhe em Lisboa fallar com um consignatario da firma Bearsley & Vieira, mediante o qual escreveu a Christina, perguntando-lhe se ainda se lembrava do estudantinho que ia ao recolhimento da Tamanca visitar a tia Paula.

Recordou-se a irman de Manoel Vieira, e referiu ao irmão que sua mãe, nos ultimos dias de vida, lhe dissera: «Se algum dia vires teu primo Pedro, dize-lhe que eu sei o que elle soffre por que me não desprezou como seu pai; e, por isso, pedirei a Deus por elle na outra vida.»

Manoel, incluio na resposta da irman, uma carta sua, convidando instantissimamente Pedro de Magalhães a ir a Londres. O militar, obtida licença, foi; e, quando voltou, trez mezes depois, era marido de sua prima, dotada com cem mil cruzados. Manoel Vieira, porém, estipulou que o marido de sua irman não privaria os filhos bastardos de seu pai da posse dos bens herdados, por que, se o transmittir-lh'os quem lh'os déra foi iniquidade, os filhos eram innocentes perante a lei e tinham direitos respeitaveis perante Deus.

Pedro foi residir em Garfe, o Christina pôde embalar seus filhos no berço em que sua mãe havia sido acalentada.

Agora, abramos a lista dos co-herdeiros dos trez milhoens da herança de Manoel e Eulalia Vieira.

Determinaram ambos os testadores que a terça fosse distribuida pelos pobres de Rendufinho, onde Manoel havia nascido, e pelos de Villar e Geraz, d'onde eram os pais de Eulalia. Do restante da herança foram nomeados herdeiros em diversas proporçoens: Pedro de Magalhaens; sete filhos do padre Bento Ribeiro; os descendentes das irmans de Carlota das Courellas; os filhos de Maria, mulher de Tiburcio, em rasão de ter sido ella quem déra de esmola o cardenho onde morrêra Carlota e a mortalha com que a sepultaram; os descendentes do almocreve Leonardo Cigano, que em Braga dera agasalho e um merendeiro bem provído ao mocinho, quando ia para o Porto, mendigando; os sobrinhos de João Verissimo, filhos do irmão que duas vezes lhe negára algum soccorro á sua indigencia; Jacintho da Gaivota, condiscipulo de Manuel e seu bemfeitor em troca de traslados. Estes foram os principaes legatarios; mas alguns mais, de menor importancia, omittimos por falta de noticia bem averiguada.

Na cobrança dos legados contra-vieram estorvos e trapaças de toda a especie, desde a justa precaução da lei até á ladroeira desbragada.

Por parte dos pobres, contemplados com a terça, sahiram com procuração uns sollicitadores que já se haviam enriquecido, mancommunados com as justiças inglezas, antes que os herdeiros pozessem a vista nas pilhas dos soberanos. Com os mais avultados herdeiros correu a mesma sorte. Deram-se as mãos juizes, meirinhos, escrivaens, e quantos figuravam no processo da distribuição, por maneira que a herança, transferida de

Londres para o Banco do Porto, e d'aqui para a villa da Povoa de Lanhoso, ia jarretada em mais de quinhentos contos.

Nada obstante, o colôsso de ouro sem uma perna era ainda colôsso.

Na repartição da terça pelos pobres de Villar e Rendufinho resaltaram novos impedimentos. As outras freguezias do concelho destacaram moradores provisorios para as duas contempladas. Cada lavrador encheu as suas córtes de criados gratuitos, sob condição de os arrolar na lista dos pobres. Quando escacearam albergarias para os forasteiros, houve d'elles que construiram choças palhiças nas quebradas dos montes pertencentes ás duas freguezias. Lavradores remediados apresentaram certidão de pobreza, com grande escandalo dos verdadeiros pobres, que umas vezes espancavam os adventicios, e algumas vezes os seus proprios visinhos, de quem haviam recebido mercês.

Na espectativa da herança, que em Lanhôso soffrera grossa sangria dos agentes imparceirados com a justiça, os jornaleiros recusavam pegar da enxada, e as mulheres olhavam para as rocas e sarilhos com entojo. Faltaram braços para as ceifas; a colheita de dois annos foi mesquinha; e, primeiro que se emborcasse a cornucopia das peças, houve fome.

Chegou em fim o dia da repartição da terça. Eram cêrca de oito centos os pobres dados na lista, e dozentos contos a terça dos tres milhões. Orçou por sessenta moedas de ouro a esmola de cada um. Debandaram aquellas chusmas para as suas freguezias, maldizendo a ladroice dos cobradores da herança, e ao mesmo tempo gargalhando do logro que haviam pregado aos verdadeiros pobres, favorecidos nos testamentos.

Quanto aos outros herdeiros, temos, entre os mais contemplados, Pedro de Magalhães, que arredondou dosentos mil cruzados com os cem mil que recebera do dote de Christina. Com este accrescento a casa de Garfe primou entre as mais gradas da comarca.

Os outros irmãos de Manoel Vieira receberam cincoenta mil cruzados cada um.

Digamos de corrida a posição destes seis filhos de padre Bento Ribeiro, nenhum dos quaes passava dos quarenta annos.

Antonio da Anastacia, o da vocação de capador, trocára a gaita deste alegre officio pelas armas: era sargento de cavallaria; e, como pedisse logo a baixa para pacificamente governar os seus bens, ficou chamando-se o Antonio *Cavallaria.*

Mathias do Couto, fiel á sua aspiração, era cornetim de uma banda militar. Desligou-se da tropa, e assentou residencia em Braga, onde tinha cazado.

Leonel Roixo, o das propensoens a magarefe, tinha um açougue em Barcellos; e, depois da herança, abriu mais tres em diversos pontos do Minho: era inclinação sincera e invencivel.

Caetano Simoens cazara com uma lavradeira remediada de Cerzedello, e dispensara-se da tripeça que tanto em Londres lhe acenára; no entanto, dizia-se que elle, para matar a paixão, algumas vezes fizera uzo da sovella no corpo da mulher. Este homem era alcunhado o *Torno* de Cerzedello, por que uma vez castigara um filho empregando aquelle instrumento em lhe apertar as orelhas.

Raymundo da Luiza, que não queria ser nada, fez-se sacristão no mosteiro de Villar-de-Frades; e, recebida a herança, comprou uma quinta em Thelheiros, fez-lhe

capella, gastou muito em alcançar licença de ter missa em casa, á qual elle ajudava com a maior perfeição e compostura, excellencias que lhe grangearam para esposa uma viuva beata e rica. Chamavam-lhe o *Bonzo*, á conta da sua gravidade e pachorra fradesca.

Francisco Tamanqueiro (assim alcunhado em rasão de sua mãe ter sido casada com um fabricante de tamancos) posto que aspirasse á vida clerical, examinou-se de cirurgia nas infermarias do hospital de S. Marcos, em Braga; porem, depois de um tyrocinio medico digno da forca pelos muitos homicidios que perpetrou, abriu mão do perverso officio e fez-se boticario, para se vingar nos que lhe fugiram das receitas. Este, com acertada chacota, era chamado o *Mata-sanos*. Honremos-lhe, porém, a memoria, louvando-o por haver trancado a botica e vendido as garrafas do veneno, assim que recebeu os cincoenta mil cruzados — Isto pelo que respeita aos filhos de padre Bento Ribeiro.

O irmão de João Verissimo Vieira já não vivia. Desgostos e remorsos o tinham matado. Tivera dois filhos e uma filha. O mais velho mandara-o estudar para clerigo; e, quando o esperava com ordens sacras, soube que o seu padre, como elle o já appellidava em affronta do tio, se havia casado clandestinamente com uma concubina de conego, extremadamente formosa, chamada a *Russa das Larangeiras*, sobrenome que lhe vinha do sitio onde morava em Braga. O outro filho, a quem elle deu a casa, amoriscou-se de uma jornaleira, e casou com ella.

A filha, estando em Braga a ouvir uns missionarios falperristas, depois de rebater com exorcismos a tentação diabolica, succumbiu no prelio desigual, deixando-se

raptar por um tenente de cavallaria, que a levou para a Ilha do Fayal. D'esta ultima lançada cahiu traspassado na sepultura o homem que negára soccorros a seu irmão cego, por que elle virtuosamente se casára com a tecedeira de Geraz.

Os dois irmãos brigaram depois por causa dos patrimonios, esfaqueando-se, e desbarataram a casa em pleitos criminaes.

Quando Manuel Vieira falleceu viviam elles da caridade de seu tio, emquanto sua irmã, já repatriada e sem vestigios da belleza que incitára o descaroado tenente, era ama secca de meninos em Geraz. Cada um d'estes co-herdeiros recebeu trinta mil cruzados.

Viviam nas Courellas seis primos e primas de Manuel Vieira, filhas de duas irmãs de sua mãe, já com numerosa descendencia, exemplar de honestissimo porte. Recebeu mais de cem contos esta familia. As raparigas solteiras casaram com lavradores abastados, e os rapazes seguiram varios rumos, professando alguns em conventos ricos.

Existia um filho e uma neta de Leonardo Cigano, chamada a menina de Simães, da qual se ha de escrever opportunamente mais comprida historia.

Os netos do Alferes de Cima-de-Villa cobraram o premio da caridade de sua avó. No logar do cardenho erigiram uma capella da invocação de Santa Isabel, rainha portugueza, modelo maviosissimo da caridade ch tã.

Agora, diremos de uns que não herdaram e todavia prevaleceram aos herdeiros no melhor quinhão da herança de Londres.

Dois homens endinheirados e ladinos se travaram de

mão na fraudulenta cobrança dos legados dos pobres, e ainda nas heranças dos irmãos do testador: eram um ricasso de Travassô, chamado o *Brazileiro*, e outro de egual pulso pecuniario, de Varziellas, de appellido o *doutor*, bem que não houvesse estudado leis na Universidade; mas as burlas de velhaco demandista condecoraram-n'o, a um tempo, do cognome de doutor e do proveito de sua destreza.

Cresceram-lhes aos dois, a olhos vistos, os haveres na liquidação da herança, e com elles a reputação de ladrões—labeo que não os tresnoitava nem impecia no regular amanho dos seus negocios. O brazileiro ordenou uns filhos de clerigos regulares, arranjou outros em claustros de Bernardos e Bentos, fez algumas filhas tambem religiosas, e esperava morrer contente com tamanha posteridade, bem armada de sotainas e cogúlas para disputarem a Beelzebut a alma de seu pae.

O doutor, menos glorioso de ostentações, amuou nos esconderijos de sua casa os saccos das peças, e mandou a Inglaterra doutorar-se em cirurgião o unico filho que tinha para aproveitar a parte do legado de alguns mil cruzados que Manuel Vieira testára a tres moços da comarca da Povoa de Lanhoso, a fim de se habilitarem cirurgiões pela Universidade de Londres. Porventura, tão caridoso alvitre incitara-o o curativo da cegueira de João Verissimo, que tantos annos chorára em trévas, á mingua de operador de cataractas.

O doutor de Varziellas e o brazileiro de Travassos recearam, bem avisados, que a plebe, esbrugados os ossos da herança cuja polpa elles tinham espostejado entre si, lhes desse assalto ás casas.

Era prudente o mêdo, logo que, desbaratadas as ses-

senta moedas de cada operario ou artista, desafeito da enxada ou da bigorna, uns a outros proposessem a liquidação por fazer da grande parte da herança roubada aos pobres. E, entretanto que os perdularios, por feiras e romarias, esbanjavam o oiro não sagrado do suor de seu rosto, tanto o brazileiro como o doutor, previstos como todos os velhacos espiritados pela fortuna, mudaram residencia para Braga.

Summariando os males que immediatamente á distribuição do dinheiro se experimentaram, não houve no decurso do anno seguinte jornaleiro nem official de alguma arte que acceitasse trabalho. As filhas dos lavradores, vendo as jornaleiras equipadas de grilhões e arrecadas de oiro, affligiam os paes com rogos de eguaes infeites; e, se lh'os negavam, fugiam da labutação dos campos, compellindo os paes a premiarem-lhes a desmoralisação da desobediencia.

Convergiram áquelles sitios jogadores de longe, sendo a esquinêta o jogo mais na voga e livremente exercido em publico.

Alguns lucros ardilosamente concedidos aos jogadores boçaes, tal engodo foi para todos que, a poucos passos, a paixão do ganho e a desesperação das perdas arrastáram alguns centenares d'aquelles cegos á extrema pobreza, em quanto outros, illudidos pela sorte, campeavam de afortunados, até esbarrarem na voragem commum.

Duas especialidades de luxo, de algum modo ridiculas, se manifestaram n'aquelle gentio de oito centas pessoas, apostadas a dissiparem algumas centenas de contos: uma era que todo o herdeiro comprou seu garrano; a outra era regular cada qual o seu tempo por

dois relogios á feição dos «incriveis» do Directorio em França. Em dia de romagem, de cada freguezia regorgitava uma caravana de romeiros, cavalgados em garranos, gritando á desgarrada: «Viva Londres!» e, á porta de cada taverna, se algum ebrio bastante cynico bebia á saude do defunto Manuel Vieira, a chusma gargalhava, babujando com a espuma do vinho uns chascos villanazes como elles esvurmam d'esta relé do Minho, a mais bestial raça que estanceia na Europa.

II

D'essa turba dos oitocentos herdeiros não vem ao nosso intento particularisar a rapida queda em pobreza, peorada por vicios adquiridos. A muitos cortou a morte no catre dos hospitaes, nas brigas das romarias, nas casas de jogo em desavenças travadas á faca de ponta. Bastantes voltaram á mendiguez; poucos ao trabalho agricola, e os mais d'elles, decorridos alguns annos, alistaram-se no exercito contra a invasão franceza, e ahi foram mais temiveis no saque dos seus concidadãos que as hordas invasoras. Opportunamente, encontraremos alguns em Braga, a sevarem o seu patriotismo no cadaver acutilado do general Bernardim Freire, e nas gavetas dos cidadãos bracharenses.

Outros personagens, a quem o oiro complanou a es-

trada de infortunios menos ordinarios, nos desviam a attenção d'aquelle vulgacho, que não tem á margem do seu infecto lamaçal flôr onde a elegia libe uma lagrima, nem face innocente onde a piedade possa enxugal-a.

Vamos ver que linda creança é esta que lá chamam a menina de Simães; e, aos quinze annos de edade, tão apregoada já anda como noiva de morgados que a pedem, e se disputam a preferencia, retaliando-se na pureza das castas.

A menina de Simães, de nome Rosa, é uma das quinhoeiras da herança de Londres, e das mais avantajadas, por ser neta d'aquelle Leonardo Cigano, o almocreve que matára a fome de Manuel Vieira, em Braga, e lhe déra farta subsistencia para chegar ao Porto, sem esmolar. Seu pae, tambem alcunhado o *Cigano*, era bufarinheiro, ou tendeiro volante, de uns que divagam com recova de cavalgaduras, quando inesperadamente se viu na posse de passante duzentos mil cruzados.

Deu de mão ao negocio, e comprou a grande quinta de Simães, com predio apalaçado ao gosto antigo. Tinha unicamente uma filha, já orphanada de mãe. Aconselharam-lhe que a mandasse em collegio educar, ou lhe tomasse mestra de prendas para casa. Bernardo Cigano refutava os conselheiros com muitas rasões que ainda hoje vigoram nas povoações sertanejas de Portugal, sendo bastantemente persuasiva a que dispensava Rosa de saber prendas, pois tinha que farte dinheiro para se servir de criadas prendadas. Não obstante, Rosa entre os seis e doze annos recebeu em um collegio do Porto a melhor educação litteraria, que podia receber n'aquelle tempo.

Era a menina de Simães bonita e delicada de fórmas. Descendia de uma casta de mulheres que os velhos do concelho de Lanhoso não encareciam por virtudes, mas celebravam por boniteza com feitiços de ciganagem. Os mais antigos tinham ouvido contar a seus avós que a primeira mulher d'aquella geração bohemia viera do cabo do mundo com um fidalgo de appellidos Berredo Marramaque, castellão de Lanhoso, e inçara aquellas terras de guapas mocetonas e latagões affoitos e gentis. A tradição corria alterada quanto à procedencia da cigana, que não era bem do cabo do mundo. Com certeza, um Simeão Pereira de Berredo Marramaque, senhor do castello de Lanhoso, trouxera de Hespanha, por meado do seculo XVI, uma *gitana*, oriunda de França, e de lá expulsa com os de sua raça por uma ordenação, chamada de Orleans, promulgada com severissimas penas em 1560. É tambem certo que a zingara procreou, de harmonia com o senhor donatario, descendencia que por alli ficou na camada inferior da sociedade, bem que as mulheres de tal linhagem se distinguissem por formosura, e os homens por actividade industriosa.

Ninguem, todavia, destrinçava a progénie de Rosa de Simães, a presumptiva herdeira do maior patrimonio dos tres concelhos comvisinhos.

Um dos noivos offerecidos a Bernardo Cigano era um neto de padre Bento e de Paulo de Magalhães, o primogenito de Christina, o qual, áquelle tempo, 1801, cursava a faculdade juridica na universidade de Coimbra. Este viria a ser o marido da filha do cigano, ainda então muito novo, se não se interpuzesse grande calamidade. Na florente vida dos dezenove annos, e no quar-

to anno de formatura, morreu Luiz de Magalhães, atravessado pela baïoneta de um miliciano, na lucta travada entre os academicos e o regimento de milicias de Coimbra. Desta desgraça daremos, no mais opportuno lance deste livro, noticia particularizada, quando mencionarmos os infortunios da familia de Garfe.

Por ora, não nos convem perder de vista a menina de Simães, cujas lagrimas pelo noivo assassinado não foram muitas, nem tenho a certeza de que fossem algumas. Ia nos treze annos. N'estas idades, e em clima temperado, o amor philoginio está tão embrionario que uma menina, se é de cá, e á mingua de muito ler não tem ares de fora, não sabe, nem pode chorar por noivos. Rosinha, sobre ser tão flor em botão, era tão insensitiva como as flores.

Não assim, passados quatro annos, quando um filho do capitão mor de Calvos, alferes do segundo regimento do Porto, esbelto mancebo, ousado, galanteador e sem grandes preconceitos de honra, appareceu n'aquelles sitios, com licença de alguns mezes.

As virtudes portuguezas em 1806 orçavam por estas de 1873; mas os alferes d'aquelle tempo, quando acertavam de ser galans e namoradiços, tinham mais vitriolo no coração que todo um estado-maior de hoje em dia.

Era ruim laia de fidalgo Alexandre José Gonçalves, filho do capitão-mór de Calvos. Este appellido *Gonçalves*, de que não usam os solarengos modernos (*solarengo* antigo vinha de *solar;* o moderno vem de *sola:* entre as duas derivações está o *Progresso*) usava-o com grande ufania o capitão-mór, introncando-se por bastardia nos Gonçalves Pereiras e Berredos do castello

de Lanhoso. Os egregios antepassados de Alexandre deram ao seu representante azo de introduzir-se no gremio das familias illustres do Porto, entre as quaes deu trela á sua libertina condição, apaixonando as meninas aristocratas, e campando de as pôr em rivalidade. Alguns maridos não o consideravam hospede extremamente digno de confiança; e d'estes, dois ou mais, se não o estocaram de lado a lado, foi por evitar escandalo.

Tal era o alferes que por incidente encontrára a menina de Simães, em casa de sua prima Josephina da Motta, filha do sargento-mór de Fonte-Arcada.

Bernardo, como aspirasse a dar á filha a convivencia de senhoras, colheu optima occasião, quando emprestou alguns mil cruzados ao sargento-mór, Christovam da Motta, pae d'aquella menina, que se criára pelas salas de Lisboa. O fidalgo, percebendo a ambição perdoavel do Cigano enriquecido, e, sobre rico, serviçal, foi com sua filha visitar a Rosinha de Simães, e abrir-lhe assim ensejo de se relacionarem e entre-verem a miudo.

Rosa passava temporadas em Fonte-Arcada, e era tão querida de Josephina que se tratavam de *tu*, com secreta magua do sargento-mór, devedor quasi insoluvel de Bernardo. Este Motta lembrava-se muito do almocreve Leonardo Cigano, avô de Rosa, e da tia Joanna Crasta—a cantadeira—mãe da amiga intima de sua filha. Ora, de mais a mais, o sargento-mór tinha brazão de armas que o fazia descender dos Mottas da Torre, inclita estirpe de D. Mem de Gundar, capitão da hoste do conde D. Henrique. O que elle não tinha era a costella fidalga, rija e inflexa que impede arquear-se o

peito em zumbaias ao dinheiro d'um villão. No mais, tinha coisas magnificas, a filha, por exemplo, que era belleza a primor, muito mais distincta que Rosa, no porte, nos ademanes, n'aquillo que transluz nobilissima natureza e grandes espiritos em corpo de pouca seiva.

Quando Alexandre Gonçalves encarou nas duas amigas, amou-as ambas immediatamente e simultaneamente, fiel ao seu costume pantheista de idolatrar a mesma essencia divina em todas as meninas galantes.

A de Simães purpurejou-se escaldada pelo ardor petulante dos olhos do alferes; mas folgava de ver e ouvir aquelle mocetão fardado, palavroso, alegre, estouvado, dizedor de historietas das damas portuenses relativas a lances de amores: era, em fim, o primeiro homem que lhe apparecia com o prestigio da educação e dos artificios, aos dezesete annos de idade. Os que ella até então conhecera, eram uns morgados canhestros, lerdos, parvoeirões no feitio e nos dizeres, honestos, e talvez com excellentes predicados para maridos, mas prendados da maior semsaboria.

Rosa captivou-se tão seriamente que não estranhou a declaração, seguida da prova do osculo, que, em 1806, não era acto indifferente como hoje, em que um beijo se dá e recebe como signal de respeito na mão, e de amisade na fronte; mas acto de mediana limpeza em qualquer das manifestações labiaes.

Se a menina de Simães reparasse com attenção experiente nos mal rebuçados modos e phrases de Josephina, intenderia que as suas confidencias amorosas lhe despraziam. Tambem ella, a filha do sargento-mór, amava o primo, desde as primeiras flôres que lhe elle

dera, na vespera de apartamento de ambos, um para as aulas de Braga, e Josephina para o collegio em Lisboa. Viram-se apoz nove annos de ausencia. Ella amava-o ainda; elle amou-a de novo, e estava sempre prompto a reamal-a e esquecel-a, quantas vezes se vissem e se apartassem. Não obstante, Alexandre, alardeando fortunas com seus amigos, dizia:

—A unica mulher que eu respeitei e respeitarei sempre, é minha prima de Fonte-Arcada.

—E' feia?—perguntavam-lhe os outros, fundando o respeito na froixidão do estimulo.

—É a mais formosa mulher que tenho visto.

—Então, guardas immaculada a tua prima para a vida honesta de marido?

—Se eu casar, hei de preferil-a á mais rica princeza da Europa.

—E sabes se ella te prefere aos principes persas e tártaros que hão de enviar a Portugal os seus embaixadores, a pedirem a mão da rainha de Fonte-Arcada?—perguntava-lhe o morgado de Villar de Perdizes, fidalgo portuense, seu emulo em triumphos, e fino jogador de ironias.

—Tenho tanta certeza que ella me adora como a tenho de que tu, como morgado que és, tens em ti dois morgados tolos, com pretenção a tres.

—Mas que nos contas da outra?—perguntou Augusto Alcoforado, da casa da Sylva, gentilissimo moço, que todas as damas do Porto requestavam.

—De qual outra?—disse Alexandre.

—As mulheres d'este sugeito—interveio o morgado da Insua, sorrindo—estão numeradas como as praças da sua companhia. Pergunta-lhe pela 33, que é o numero da tal Rosa... desfolhada.

Esta palestra, passava-se em casa de D. Antonio de Amorim, na Praça Nova das Hortas, no Porto, seis mezes depois do primeiro encontro de Alexandre com a neta de Leonardo Cigano. Aquella phrase *Rosa... desfolhada* teria profundo mysterio, se as reticencias não fossem inventadas para acabar com os mysterios d'esta especie.

Alexandre, expansivo quanto cabe na fatuidade dos vinte e tres annos corrompidos, havia alardeado a conquista de certa menina, que valia duzentos e cincoenta a trezentos mil cruzados, metal sonante, chamada a *Rozinha de Simães.* O poeta João Antonio Frederico Ferro, conviva faceira dos rapazes de esphera alta, compoz logo alli uma especie de solão, sob o titulo «Rosinha de Simães» cujo remate era assim conceituoso:

. . . .
E, segundo reza a lenda,
Roza, a joia das mulheres,
Esquecendo-se da tenda,
Amou a banda do alferes.
Já na Flora eu conhecia
(Messieurs, il faut m'entendre)
A roza de Alexandria;
Haja Roza de Alexandre.
Mas olor, frescura e viço
Ó florinha já não tens;
Nós, que não somos papalvos,
D'este Alexandre de Calvos,
Bem conhecemos o inguiço,
Pobre Roza de Simães!
Até já se desconfia
(Fundo-me em alta rasão)
Que a Roza os viços perdia
Por ter no seio um botão

E, embora a moral se queixe,
Venha o menino! hão-de vêr
Que nadador ha de ser,
Sendo filho de tal peixe!

Brindaram todos a Frederico Ferro! Alexandre Gonçalves ouviu aquillo jubiloso como Vasco da Gama ouviria as suas façanhas na epopeia de Camões.

Ah! lacrymaveis senhoras ruraes d'aquelle tempo! se soubesseis o que eram os filhos de capitães-móres que vos açabarcavam e mais aos presuntos das vossas salgadeiras!...

III

A pêca poesia do futuro epico da invasão franceza aos mosteiros femininos do Porto, deixou-nos esclarecidos e edificados. A linguagem dos anjos expressou as durezas que repugnam ao pudor da proza. Sabemos, pois, que a menina de Simães, tão innocentemente se devotára que, ainda depois de immolada, se nos pinta mais candida, sem nódoa na alma, porque o pezar da queda lhe não morde a consciencia. Mulheres perdidas são umas que perdidas se julgam.

Nem ainda quando Josefina, sua confidente involuntaria, lhe condemnou, quasi injuriando-a, a loucura, ella viu sequer a possibilidade de ser desgraçada.

—Porquê?—argumentava Roza—Meu pae deixa-me casar com Alexandre.

—E quem te disse que Alexandre quer casar comtigo?—acudiu a outra despeitada.

—Quem m'o disse? Foi elle!...

—E fias-te em meu primo!—volveu Josefina soffreando as lagrimas e o ciume—Se tu soubesses quantas infelizes esperam a realisação de iguaes promessas!

—Pois elle havia de enganar-me?!—acudiu a neta da *gitana* com os olhos fulgentes de estranho lume—Não me digas isso, Josefina!

—Mas, se elle quer casar comtigo, quem o impede? — redarguiu a outra com desdenhosa ironia—És tão rica e elle é tão livre! Meu tio capitão-mór tem a casa tão empenhada como nós. Tomára elle uma nora que lhe levasse duzentos e cincoenta ou trezentos mil cruzados! Não sei realmente quem embaraça o primo Alexandre de casar comtigo agora! Perguntaste-lh'o?

—Eu não, nem me importava. Eu amo-o tanto que não pensei ainda em casamento, senão depois que tu me estás a dizer coisas impossiveis, minha querida amiga!...

—Impossiveis...—murmurou sorrindo cruelmente a filha do sargento-mór—Não sabes o que é o mundo, Roza... Não ouviste umas historias que elle nos contou? As paixões de fulanas e cicranas?

—Ouvi; mas isso que tem?... O Alexandre não é capaz de me enganar...

—E, se enganar... olha tu que desgraça... que hasde tu fazer? que fará teu pae?... Tanto te pedi que lhe não fallasses sósinha!... E chegaste a mentir-me, promettendo-me que não o deixarias ir ás escondidas a tua casa...

—Pois sim, tu dizes bem; mas, se o amasses como eu o amo...

Josefina estrangulou um gemido no coração, e cortou o dialogo que lhe era afflictivo pelo constrangimento com que disfarçava grande amor, grande odio, e ainda receio de que a riqueza de Roza lhe fosse merito e distincção entre todas as mulheres amadas e regeitadas.

Ora, a ingenua confiança de Roza, no honesto desenlace do seu erro, começou a esmorecer-lhe desde que Josefina tão penetrantemente lhe sangrára o coração, e talvez o orgulho de rica herdeira.

N'este em meio, Bernardo teve revelações do estado de sua filha pela governante da casa que a menina não auctorisára. Este homem do povo infimo sentiu os fidalgos brios, a chispa que resalta das algibeiras repletas e abraza o fluido nervoso. Os olhos coruscaram umas ascuas que pozeram mêdo á denunciante do proximo augmento da familia.

Arquejou alguns minutos, abrindo e fechando as mãos, como a fera que exercita a flexura das garras. Depois, levando os punhos aos olhos como para reter as lagrimas, arrancava uns rugidos soturnos.

N'este lance, a filha, ignorante da denuncia, entrou ao salão onde o pae gesticulava, esmurraçando as proprias faces. Assim que a presentiu, travou-lhe do braço, levou-a de rojo ao fundo da sala, e disse-lhe tartamudo:

—Então, malvada, envergonhaste os meus cabellos brancos?...

—Ó meu pae...—exclamou Rosa, pondo as mãos—não lhe faça mal, que elle casa commigo.

—Quando?—bradou Bernardo—Já?

—Elle está no regimento... Assim que vier...

—Bem!... eu t'o vou buscar ao Porto... Se não vier, resa-lhe por alma! e tu vae-te preparando para entrar n'um convento, n'um recolhimento, no inferno, onde eu te não veja mais!...

Emquanto o irritado velho se apercebia para a jornada, Rosa escreveu a Josefina consternadamente contando-lhe o succedido, e rogando-lhe que avisasse Alexandre. A menina de Fonte-Arcada enviou ao Porto, por caminhos de atalho, um proprio que, encurtando a jornada, precedeu algumas horas Bernardo.

Alexandre, lendo o aviso, sorriu-se, no ponto em que sua prima lhe pedia que se acautelasse das iras do cigano. Das angustias de Rosa não dizia nada a informadora.

Relampagueou no espirito do alferes a scena de D. João Tenorio e do commendador; mas para logo a prosápia do neto dos Berredos lhe pintou o pae de Rosa, tendeiro ambulante e não commendador. Feito o lisongeiro parallelo, Alexandre deitou-se a dormir a sesta, e adormeceu scismando no terno alvoroço de sua prima Josefina.

Quando despertou na sua camara do quartel, alguns camaradas e fidalgos entraram de roldão annunciando-lhe que era procurado por um homem de catadura sinistra.

—Que entre esse homem de catadura sinistra—disse o alferes ao seu auxiliar.

Voltou o auxiliar, dizendo que a pessoa que o procurava era Bernardo de Simães, e desejava fallar particularmente com o sr. alferes.

—Meus amigos—disse Alexandre—tenham a bondade de ceder o canapé ao sr. Bernardo de Simães.

O morgado de Villar de Perdizes, correndo a escôva nas lapelas de alterosa gola da casaca verde, recitou com emphase burlesco:

Mas olôr, frescura e viço,
Ó florinha, já não tens;
Nós, que não somos papalvos,
D'este Alexandre de Calvos,
Bem conhecemos o inguiço...
Pobre Rosa de Simães!...

N'aquelle tempo, leitor socialista, o dinheiro não era ainda alçaprema que nivelasse o homem peão com a espora de oiro do cavalleiro fidalgo. Os direitos do cidadão, a razoira equitativa da lei, a egualdade dos variadissimos exemplares da especie humana eram apenas embriões que levedavam nas magnanimas almas de Fernandes Thomaz, Ferreira Borges, Gomes Freire e dos mais a quem não erigistes estatuas, ó burguezes, por que preferistes dal-as aos reis que elles educaram ou obrigaram a ser liberaes.

Verdade é que Bernardo, sobre ser rico, era pae, entranhadamente vulnerado em coração e honra. Tal pae, com os cem contos d'aquelle, hoje em dia, se um alferes da casa dos Marialvas ou dos Braganças lhe deshonrasse a filha, em vez de deixar a barba intonsa como o Barbadão de Veiros, desdourado pelo mestre de Aviz, arrancaria os bigodes calamistrados ao seductor de sua filha.

Bernardo de Simães illudira-se, quando, na vertigem de sua honrada ira, se lhe prefigurou ser o homem de meio seculo depois.

Como o impulso da vindicta resurtira mais da ri-

queza que da consciencia de sua dignidade de homem egual a outro, assim que entrou ao quartel do 2.º regimento, e viu o remecher dos soldados, a lepida turba dos officiaes, o bulicio da armaria, a toada das cornetas, o rufar das caixas, em fim a actividade da força que resguardava o poderio dos grandes e dos pequenos despotas, aquelle homem do povo olhou em si, e viu-se insignificante. Esfriara-o já a timidez, sentia-se mais homem para exorar do que para arguir, quando o camarada do alferes o mandou entrar.

Alexandre recebeu-o urbanamente, chegando-lhe cadeira. Bernardo, hesitando sentar-se, balbuciava expressões de agradecimento. A primeira phrase que lhe sahiu do coração foi eloquente e sagrada: era lagrimas. Os soluços cortavam-lhe as outras que vibravam tremulas de immensa agonia.

O alferes era mais castigado por aquellas lagrimas do que esperava ser pelas queixas desabridas. Estava compungido; a euménide da consciencia apertava-lhe a alma; as palavras não lhe occorriam como disfarce ao vexame que lhe impunha a humildade do velho.

—Eu venho aqui, sr. Alexandre—disse Bernardo com intercadencias de soluços—saber qual é a tenção de v. s.ª a respeito da minha filha. Esta desgraça nunca me passou pela idéa! Cuidava eu que a minha filha se portava honradamente... Enganei-me... O amor que lhe tenho não me deixa... matal-a; se não lhe quizesse tanto, antes a queria na cova que diffamada. Em fim, sr. Alexandre..., v. s.ª tem irmãs; imagine que lh'as deshonram: e verá que a dôr de um pae deve ser muito maior, sem comparação... Declaro-lhe, senhor, que eu assim com este labéo não posso viver... Se v.

s.ª não casa com minha filha sem perda de tempo, faça-me uma esmola; pegue da sua espada e trespasse-me o coração com ella, que eu perdôo-lhe a morte!...

Empediram-no os gemidos anciadissimos que desde o começo lhe cortavam as palavras.

O alferes, obedecendo ao irreflectido impulso da commiseração, aproximou-se do pae de Rosa, e apertando-lhe a mão com transporte, disse em tom de sinceridade:

—Amo sua filha, e respeito a sua dôr, sr. Bernardo. Não tema que ella fique infamada. Prometti a sua filha ser seu marido. Não lh'o disse ella?

—Sim, senhor, disse...—respondeu Bernardo em cujo semblante sorriam assomos de contentamento.

—Pois que rasão dei eu para que se duvide da minha palavra?

—Creio na sua palavra;—replicou o velho—mas, se tem tenção de cumprir a sua promessa, por que não ha de ser já?... Sr. Alexandre, eu sou rico, minha filha é a maior herdeira das nossas terras...

—Sr. Bernardo—atalhou com sobranceria o descendente dos senhores de Lanhoso—a mim as lagrimas pódem mover-me; o dinheiro, não. Diga-me que sua filha tem riquezas da alma que a estremam das ignobeis creaturas a quem o acaso de uma herança fez opulentas. Declaro-lhe que amei sua filha sem pensar que ha de ser a sua herdeira. O dinheiro que a faz tão pretendida é parte de uma onda de oiro que lavou muitos ferretes do corpo de muitos miseraveis, mas deixou a descoberto os da alma. A gentalha, enriquecida pela herança de Londres, tem dado tamanhos pulos para fóra do seu lamaçal—está tão atrevida com a embria-

guez do oiro—que se tornará incorrigivel, se as pessoas, que não herdaram do filho do padre de Rendufinho, lhe não lançarem cabeções. Sr. Bernardo, eu desejo até ignorar que sua filha é co-herdeira com os filhos de padre Bento da Mó...

—E com o morgado de Garfe—accrescentou o velho.

—Bem sei; e vossemecê tambem sabe as felicidades que lá vão por Garfe. Um filho de Christina foi morto á baionetada, o outro, Jeronymo de Magalhães, foi degredado para a India.

—Mas, sr. Alexandre—objectou o velho—que tem a herança que nos deixou um homem honrado e bom, com a vida desordenada d'esses dois infelizes moços?

—Não sei; o que sei é que o dinheiro d'esse tal negociante honrado e bom, está corrompendo os bons costumes da terra onde elle entrou como ramo de peste. Eu, por mim, antes quizera casar com a filha de Bernardo, o laborioso tendeiro, que com a poderosa herdeira do ricasso de Simães... Em resumo—proseguiu o filho do capitão-mór de Calvos—vá vossemecê para sua casa, na certeza de que eu, desde hoje começo os preparativos para casar com sua filha. Dei a minha palavra de cavalheiro!

—Preparativos?!—interrompeu Bernardo receiosamente e como admirado.

—Sim: vossemecê sabe que tenho pae a quem dar conta e pedir liçença, em acto de tamanha importancia.

—Sim.., é justo...—respondeu resentidamente Bernardo—Oxalá que v. s.ª tivesse dito a minha filha que não se devia esquecer de seu pae, quando me trouxe a esta desgraçada posição... E, se o senhor capitão-mór de Calvos lhe não der licença...

—Não antecipemos casos, sr. Bernardo—replicou um tanto estomagado o moço fidalgo—Meu pae é homem de bem...

—Quem duvída?...

—Mas não se lembre, sr. Bernardo, que meu pae consente por ter a casa empenhada, e por que sua filha tem o valor de tres casas maiores que a do capitão-mór de Calvos. Meu pae ha de ceder menos de vontade do que cederia se sua filha nada tivesse de seu.

Quando se apartaram, já a duvida repungia no animo do velho, e o enthusiasmo do dever esfriára no animo de Alexandre.

Em resultado, o filho do almocreve ia repêso de sua humildade, e o fidalgo ficou descontente da sua sentimental condescendencia. De si para si, dizia Bernardo que não devêra retirar-se sem lhe dar a perceber que as lagrimas choradas, se não fossem attendidas, haviam de ser pagas a sangue. O alferes, por seu lado, increpava-se de ter-se apoucado em delongas e cortezias; porém, quanto a transgredir a promessa do casamento, quando lhe negrejava semelhante idéa, tamanha deshonra parecia-lhe infame... posto que vulgar.

Ora, máu é que um vicio, que nos repugna, nos pareça vulgar, impune, e além de impune, considerado magia fascinadora de um homem cujo coração é abysmo onde as mulheres, sorrindo como as martyres das religiões, se deixam engolphar.

IV

Fernão Gonçalves, capitão-mór de Calvos, era administrador de um vinculo mediano. Tinha duas filhas, sem dote, por que os poucos bens livres devorava-lh'os o juro das dividas — e quasi sem alimentos, se o morgado lh'os não esmolasse. Pois, apezar do ruim futuro d'ellas que ao pae se antolhava, quando um abastado proprietario pediu uma e um juiz-de-fóra a outra, o capitão-mór negou-lh'as, por que os pretendentes não tinham nos seus archivos certidões authenticas, d'onde constasse que seus avòs eram mais ou menos primos dos Fruelas e Ordonhos. Elle, Fernão Gonçalves, havia dado exemplo de fidalga izempção quando casou com sua parenta de Fonte-Arcada, filha segunda, que apenas lhe levára em dote algumas onças de sangue de Mem

de Gundar, capitão do conde D. Henrique, as quaes serviram para enriquecer o sangue da sua posteridade.

Um pae de tal tempera só por milagre de compaixão, ou de temor de Deus, consentiria que o seu filho e successor, em bens vinculados por 1554, casasse com a filha de Bernardo, o tendeiro, e de Thereza Crasta, a cantadeira. A resposta foi um redondo *não*, lardeado de injurias aos baixos sentimentos do filho; e accrescentava: «No teu requerimento falta uma villania. D'esta falta te dou e me dou os parabens: é não me dizeres que a filha do tendeiro tem duzentos e cincoenta mil cruzados. Se em respeito á minha dignidade omittiste a referida circumstancia, eu t'o agradeço. Sobre tal assumpto, ponto final. Espera que eu morra, e depois, se te parecer, mistura os meus ossos com os ossos dos descendentes dos ciganos.»

Respeitaveis preconceitos, e mais ainda em pai que se tratava mesquinhamente para que seu filho hombreasse, no exercito, com os mancebos de sua plana, e ganhasse na carreira das armas um posto d'onde auferisse decencia condigna da sua origem, já que os bens lh'a não permittiam.

As revelações do filho, quanto á situação gravissima de Rosa, essas resvalaram na sensibilidade do capitão-mór. Casos analogos e frequentes em seus antepassados, o mais que tinham produzido era alguns bastardos para a India, para as capitanias do Brazil, ou para os mosteiros. Bons frades e bons soldados haviam sahido da casa de Calvos sem quererem saber os nomes das mães, aliás de mais limpo berço que a filha de Bernardo.

Alexandre respeitou o ponto final accentuado severamente. Restava-lhe a desobediencia; mas concorriam

dois fortes impêços a retel-o nos limites da submissão; primeiro o respeito e affecto ao pai que o estremecia; depois, a frouxidão de incentivos amorosos.

Assim mesmo, a dignidade insurgia-se contra a condescendencia, do mesmo passo que Rosa lhe escrevia magoadoras queixas da sua demora.

Recorreu Alexandre a um tio prelado no mosteiro benedictino de St.º Thyrso, pedindo-lhe que amolentasse religiosamente a dureza do irmão. Respondeu-lhe o frade que tão pouco juizo tivera elle seduzindo, como essa creatura femeal que não soubera cumprir os seus deveres. Discorreu derramadamente ácerca dos damnos causados por mulheres: citou Helena, Bethesabé, Dalila, Florinda, e até Anna Bolena. Depois, enviou-lhe a sua benção, e seis peças de duas caras, muito mais ungidas que a benção do tal moralista de Bolenas.

Decorreram estes successos até começo do anno 1807. As ameaças da invasão franceza abriram pretexto á dilação do cumprimento da palavra. N'este em meio, o fervor honesto com que Alexandre ideava expedientes de reduzir o pae ao dever, e á commiseração de Rosa, a pouco e pouco atenuou-se até um quasi desleixo e esquecimento. Todavia, sobravam estimulantes mais que nunca a doer-lhe na lembrança.

Rosa era mãe; e dois mezes depois era orphã.

Bernardo, desde a hora em que ouviu os gritos da filha, mal abafados pela mão da deshonra, fechou-se no seu quarto, repellindo as supplicas lacrimosas de Rosa. Uma vez arrancára elle de furioso impeto para fóra do quarto: ia armado de clavina, bradando que não voltaria a casa sem ter matado Alexandre. A filha ajoelhou-se diante de seu pae com um menino nos braços, so-

luçando muitos rogos piedosos, e jurando-lhe que Alexandre viria beijar aquella creancinha e chamar-lhe filho.

O velho retêve-se; mas, tornando-se ao seu esconderijo, lá agonisou por espaço de mez. Nos phrenesis que precederam o vasquejar da vida, amaldiçoava a herança de Londres, clamando que, desde que enriquecera, nunca mais tivera um dia de paz e contentamento.

Rosa, fallecido o pae, vivia solitaria com seu filho, que recebeu no baptisterio o nome de *Seraphim*. Convidára para madrinha a sua amiga Jesefina, que se desculpou de não acceitar, por que seu pae lh'o prohibia, e seu tio capitão-mór de Calvos lh'o levaria a mal. Rosa chorou amargamente esta inesperada desfeita, e escolheu para comadre uma das pobres a quem dava jantar no pateo de sua casa.

Na correnteza dos annos 1808 e 1809, Alexandre Gonçalves, já tenente condecorado por façanhas praticadas sob o commando de Wellington, não deu de si, se quer, piedosas novas á opulenta e desgraçada senhora de Simães. Contava-lhe, porém, o feitor de sua casa que D. Josefina de Fonte-Arcada recebia frequentemente cartas de seu primo. Enviou-lhe Rosa o seu capellão a pedir-lhe noticias de Alexandre. A menina respondeu que seu primo passava menos mal.

Tal resposta encolerisou-a até ao extremo de querer ir a Fonte-Arcada pedir satisfação da recusa do baptisado e do modo desdenhoso como a prima de Alexandre lhe respondera. Contrariou-a o feitor, aconselhando-lhe que primeiro se convencesse de que Josefina era ou não era sua rival.

Esta suspeita exasperou-a, e taes palavras vociferou,

acompanhadas de violentos gestos, que o feitor não duvidou da capacidade de sua ama em esbofetear a fidalga de Fonte-Arcada, e, como ella dizia, arrastal-a pelos cabellos e calcal-a aos pés. Dava espantos a transfiguração de Rosa n'aquelle accesso de raiva. Todos os relevos e compostura senhoris se desfaziam em postura e modos de mulher de soalheiro, que finca os dedos nas ilhargas, e se desata em palavradas brutaes, revendo sangue nos olhos iracundos.

Conteve-a o feitor, pedindo-lhe auctorisação para interceptar a correspondencia entre Alexandre e a prima. Facil era o processo, mediante maior ou menor quantia. O feitor indagaria da pessoa que procurava cartas para Josefina; e, tomado o pulso da fidelidade ao medianeiro, negociaria a compra das cartas sufficientes ao desengano.

Não se malogrou a traça ao esperto corruptor. Rosa deu com infernal jubilo algumas moedas pela primeira carta de Alexandre.

Tremia-lhe o papel nas mãos nervosas, quando leu a carta, escripta em 20 de abril de 1809, no quartel general de Soutêlo, a legua e meia de Braga, onde estanceava o marquez de la Romania, a cujas ordens estava Alexandre Gonçalves, como pratico da localidade.

Era uma carta inequivoca de amores, elegiaca de saudades, lyrica de esperanças, honesta como de futuro marido, com uns toques de ternura, e receios de morrer na guerra, antes de apertar ao seio a almejada esposa, a sua «alva pomba de paz» dizia elle—o alvo pombo.

—Pois não!—exclamava Rosa em soliloquio, casquinando umas risadas seccas—Pois não! Has de ca-

sar com elle, Josefina! Prepara-te, minha infame, que hasde ser a esposa do pae de meu filho!...

Depois, feita uma pausa, retrahiram-se-lhe os musculos da face que tremiam nas vibrações da gargalhada, quedou-se fita, empedrada a olhar contra o berço do filho, correu e cahiu em joelhos á beira d'elle, e ahi rompeu em alto choro, com os labios collados ao seio da creança, que dormia serena e impassivel, como tudo que é de Deus, quando a garra das más paixões nos estortega face a face da serenidade da innocencia e da virtude.

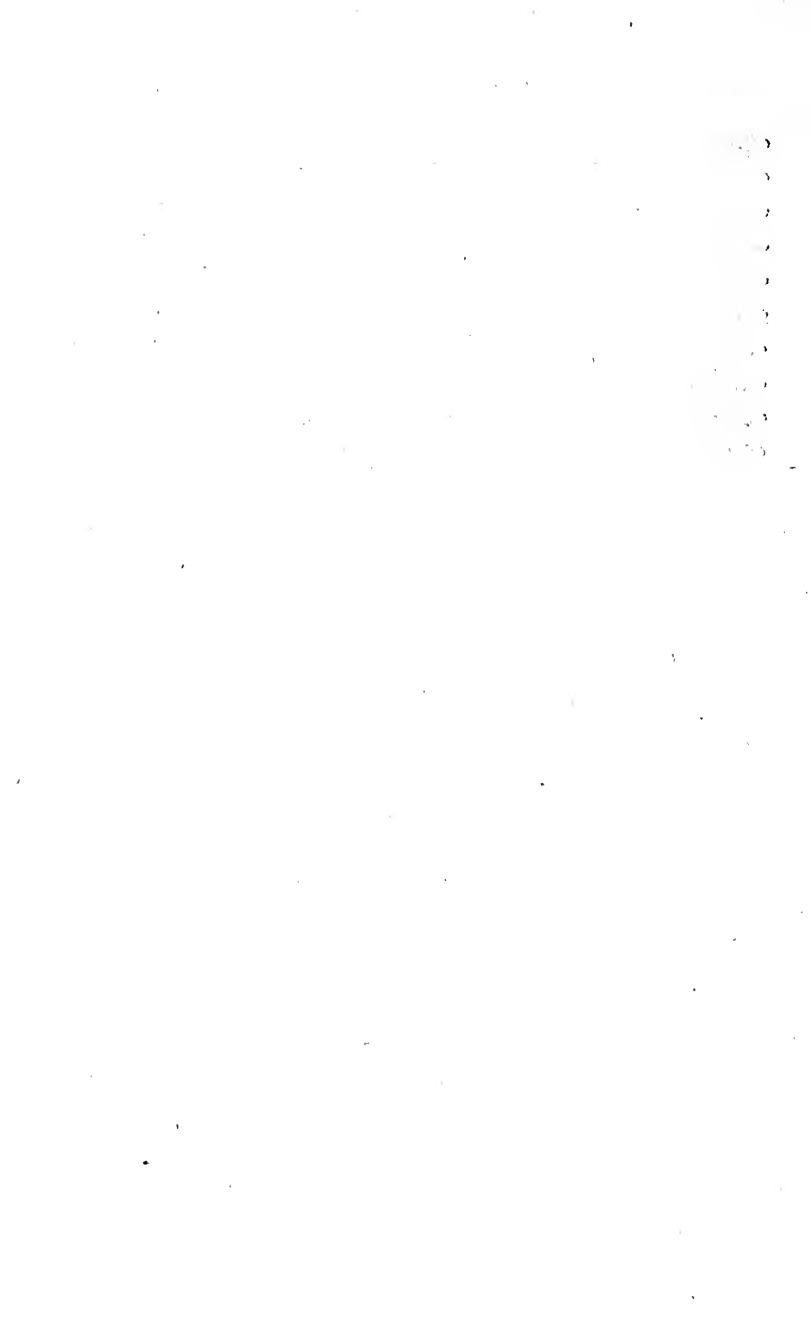
Dois dias depois, o feitor entregou a carta subtrahida de Josefina para o capitão-mór ás ordens do marquez de la Romania.

Esta carta emergiu Rosa da lethargia, que a prostrara alternada com ataques de phrenetica exaltação. «A alva pomba» de Fonte-Arcada queixava-se de lhe elle não escrever no ultimo correio; mas perdoava-lhe a falta por ser a primeira que commetteu durante anno e meio.

—A primeira!—exclamou a menina de Simães, debulhada em lagrimas—A primeira falta!... e a mim, ha dois annos, que me não escreve... a mim, que lhe adoro o seu filho, e que o adoro a elle por que é o pae d'este anjo!

Proseguindo na leitura da comprida carta, e sorvendo com terriveis ancias a peçonha de cada phrase estremecida de ternas esperanças, chegou a um periodo em que ao relançar a vista por toda a pagina, vira o seu nome. Dizia assim: «O tio Fernão esteve aqui antes de «hontem, conversando com o pae, respeito ao nosso «inlace. Disse elle ser forçoso, antes do casamento,

«que esta casa pague á Rosa de Símães os sete mil
«cruzados que o Bernardo Tendeiro emprestou. Sem
«isto, diz teu pae que o casamento não se faz, pelos
«motivos de brio que tu desgraçadamente sabes, meu
«doidinho do coração. Meu pae não sabe como ha de
«arranjar o dinheiro; a esta difficuldade accode o tio
«dizendo que se vendam bens á Rosa ou a quem os
«quizer. Muito me custa fallar-te em similhantes coisas;
«mas pareceu-me serem de grande importancia na
«nossa vida, meu queridc amor.» *etc.*

V

A noiva de Fonte-Arcada, como recebesse carta de Alexandre lastimando-se de não ter recebido a d'ella, inquietara-se, affligira-se, culpára o criado de havel-a perdido, e esteve em perigo de desmaiar. Era organisação muito esterica a d'aquella menina.

No trance d'esta enorme agonia, ouviu trupiar cavallos no pateo.

—E' o primo!—exclamou alvoroçada a pular para uma janella.

Abeirou-se do peitoril, e deu um ai de espanto. E' que vira Rosa saltando garbosamente do cavallo, com a mão no hombro do feitor.

A de Simães ouvira a exclamação; e, olhando rapida, divisou ainda a cara de Josefina a retrahir-se.

Subiu a escada, entrou á sala de espera, e bateu

com o punho do chicote em uma porta que abria para o aposento de Josefina. E como lh'a não abrissem com a presteza satisfatoria á sua impaciencia, levantou a aldraba e entrou, como era seu antigo costume, chamando em tom jovial a sua amiga.

Josefina da Motta não estava ali. Rosa foi percorrendo parte da casa, exclamando sempre:

— Onde estará ella?!... O' Josefina! ó filhinha! apparece-me, que eu já não acho prazer ao jogo das escondidas! Onde estás tu?

Na extrema de um corredor appareceu a prima de Alexandre, entre risonha e espavorida, livida, estupida, miseravel.

—Até que em fim!—disse a de Simões—cuidei que teria de te procurar na tulha ou na adega!...

—Estava no jardim...—tartamudou Josefina.

—Ah! estavas? Onde é que hão de estar as flôres a não ser nos jardins!...—volveu Rosa, sacudindo com o chicote o pó da cauda verde-gaio do seu vestido de amazona.—Ha que tempos a gente se não via, menina! Parece-me que estivemos mortas e ressuscitamos hoje! Ai, filha, leva-me para onde haja uma cadeira... Tenho muito que te contar, minha joia...

—Vamos para o meu quarto...—disse Josefina.

—Pois sim, vamos para o nosso quarto... Que saudades eu tive, quando agora lá passei! que saudades da nossa vida de ha quatro annos!... Não me achas muito velha, Josefina? Olha bem para mim...

—Não... acho-te a mesma.

—Ai! a mesma! que mentira! Tu é que estás mais formosa do que eras... O' menina, não ames, se queres ser bella...

Tinham chegado ao quarto, fresco e aromatico de flôres como um coração de noiva que preliba já as delicias do almejado esposo. Rosa atirou fóra com arremesso o pesado chapéu de veludo e ramalhosas plumas; viu-se no espelho, e, de costas para Josefina, disse com tristeza:

—O que eu era n'este mesmo espelho ha quatro annos... Lembras-te?

—Não te acho grande differença...

—Eu em ti acho-a grande... na lingua, Josefina! Fallas com tanta economia! Tu d'antes, quando eu chegava, tinhas tanto que me dizer, chilreavas como um estorninho, brincavas, beijavas-me... Eu fiz-te algum mal?

—Não, Rosinha...

—Ou os meus parentes, a canalha dos meus parentes fez-te algum mal?

—Não... que pergunta!...

—Pois o mesmo não posso eu dizer dos teus parentes fidalgos, e mais venho visitar-te com esta alegre cara que vês! Conversemos... Fêcha a porta que não venha alguem cá... Teu pae está em casa?

—Não... foi para Calvos.

—Para Calvos? Como está o senhor capitão-mór?

—Bom.

—E o filho?

—Tambem... penso eu.

—Sabes que elle me abandonou completamente, menina? não sabes?

—Nunca fallámos a tal respeito...—balbuciou Josefina já assustada pelos gestos, e mais pelos olhos coruscantes e estranhamente sinistros de Rosa, que

ensaiára um papel difficil de sustentar fóra do palco.

—Nunca fallaram a tal respeito?—repetiu a de Simães— Ora vejam como vossês ambos me esqueceram!... Pois tu devias lembrar-te da tua amiga, que só fez mal a si mesma, não é verdade?... Lá que elle me odiasse, emfim, a culpa tive-a eu, por que lhe fiz quanto mal podia, não é assim?

—Eu não sei... tu lá sabes...

—Não sabes o quê?

—O mal...

—Que eu lhe fiz? Amei-o, adorei-o, perdi-me, atirei-me ao lamaçal das mulheres abandonadas, quando elle me mandou; fui mãe; dois mezes depois, assisti á agonia de meu pae, que eu matei por amor de teu primo. Tudo isto fiz; mereci o seu odio. A mulher que faz taes infamias não é despresada de todo o mundo? Dize lá... É... dize que é!... Pois então como poderia teu primo defender-me, se todo o mundo era contra mim?... Mas olha, Josefina, não te parece que foi crueldade deixar-me elle deshonrada, orphã, com um filhinho tambem orphão de pae?

—Eu tantas vezes te disse...—respondeu Josefina por tal modo perturbada que era compaixão e asco vel-a e ouvil-a.

—É verdade... tantas vezes me disseste que não me deixasse apaixonar... Foi assim, alma generosa, foi assim; mas não pude... que queres? Se tu o amasses, tambem te perdias, Josefina...

—Isso não. Amor com dignidade não se oppõe á virtude...

—Dize mais.

—O quê?

—Falla-me da virtude, da tua principalmente, e da virtude de teu primo. Que te parece? O Alexandre de Calvos é virtuoso?

—Eu sei cá!... tens perguntas!

—E tu respostas!... Não sabes se elle é virtuoso... Virtuosa... isso és tu, Josefina! Aposto que não darias a tua mão de esposa a um homem tão infame como teu primo!...

—Eu!... sabes tu que mais, Rosa!...

—Dize lá o que eu não sei—respondeu a senhora de Simães enrolando os *boucles* nos dedos.

—Vens com o proposito de me insultar? Eu não sou culpada nas tuas desgraças—redarguiu Josefina—Se estás offendida por que eu, desde certo tempo, mudei do que era para comtigo, não tens razão. O mundo é assim: não fui eu que o fiz. Meu pae obrigou-me a não ser madrinha de teu filho...

—Já sei, menina;—atalhou Rosa—e quando te accusei eu de culpada nas minhas desgraças? Eu culpo lá ninguem! Pois se eu venho pedir a tua protecção com humildade, como hei de eu accusar-te! Estás tu disposta a concorrer para que eu não fique para ahi perdida no conceito do mundo?

—Se estiver na minha mão...

—A virtude tem muita força. Está na tua mão. Os anjos pódem muito com Deus, e tu has de poder tudo com teu primo. Olha, minha querida amiga, conta-lhe que eu te vim procurar; que me viste quasi velha, com a pelle do rosto queimada pelas lagrimas, umas de saudade, outras de opprobrio, e muitissimas de remorso, por que sobre a campa de meu pae peza a minha deshonra. Depois, falla-lhe do seu filho; dize-lhe que de-

sejarias vêr a creança se ella não tivesse gravado na fronte pura o ferrete de sua mãe. Apesar de o não quereres para afilhado, nem o admittires a este sanctuario da tua casa, pódes dizer-lhe que a creancinha tem nos labios um sorriso tão angelico e tão doce que parece estár pedindo que perdoem a sua mãe. Conta-lhe tudo isto com o sentimento que deves ter ainda energico na alma virginal, por que, segundo penso, tu ainda o não gastaste em amores d'este mundo. Depois, quando vires que elle, o teu primo Alexandre, deve estar commovido, pedes-lhe, minha santa amiga, pedes-lhe... já adivinhaste?

—O quê?...

—Pedes-lhe que case commigo?

A ironia com que algumas palavras lhe sahiam hervadas do sorriso era tão certeira, tão sem rebuço, que Josefina, por muito boçal que fosse, não podia escutar de boa fé a sua terrivel inimiga. Quando Rosa fallava, com requebros de zombeteira piedade, a filha do sargento-mór pedia mentalmente a Deus lhe deparasse alguem que viesse cortar aquelle acerbo dialogo.

Rosa, olhando-a muito a fito nos olhos, parecia esperar resposta da pergunta que repetiu:

—Pedes-lhe que case commigo?... Estás a compor as phrases com que has de movel-o?

—Eu não me devo metter em taes negocios...—respondeu Josefina, simulando desperceber a zombaria, e forcejando por sustentar-se firme e senhora, rosto a rosto, da filha do tendeiro.

—*Negocios!*—accentuou sardonicamente a de Simães—chamas a isto negocios! Agora, a filha do tendeiro pareces tu, e não eu!... Se se trata de negocios, que-

res tu arranjar-me o teu priminho, que eu dou-te paga e quitação dos sete mil cruzados que me deves, e dou-te mais quatorze para ajuntares ao dote das tuas virtudes?

Josefina ergueu-se de salto, e exclamou:

—A senhora insulta-me! Vem dizer-me arrieiradas a minha casa!

Ergueu-se ao mesmo tempo Rosa, e respondeu com a voz tremente, e os olhos fulminadores:

—Não a insulto, castigo-a! Infames não se insultam, esmagam-se! Esmagal-a queria eu; mas a senhora não tem alma, nem dignidade, nem vergonha. Sabe que seu primo abusou da minha candura, sem que eu lhe pozesse a menor resistencia. Sabe que eu, tão cegamente me dei aos seus desejos, que nem sequer lhe pedi que fosse meu marido: foi elle que m'o prometteu e que em centenares de cartas m'o jurou. Estas cartas ainda a senhora as viu, cobertas das minhas legrimas. Viu ou não? As lagrimas que a senhora não viu, foi as que eu chorei no dia em que uma mulher de alma devassa, passou entre o berço do meu filho e a sepultura de meu pae, e foi dizer ao homem que devia ser meu esposo: «acceita-me para tua mulher, que eu sou mais virtuosa que essa despresivel a quem tu fizeste mãe.» Esta dissoluta, esta mulher, que tinha lama no coração e não podia convertel-a em lagrimas de compaixão por mim, esta meretriz honrada, é a senhora! é essa coisa abjecta que ahi está mascarada de virtude! é essa torpe ficção de fidalguia que a filha do tendeiro esmaga debaixo do tacão do seu sapato!

Josefina correu para a porta do quarto, quando Rosa bateu rijo o pé no pavimento, acompanhando a phrase;

mas a outra, erguendo o chicote sem o intento de lh'o verberar á face, impediu-lhe o passo, e proseguiu:

--Espere; eu quero que saiba que não se é impunemente perversa! Cuidava a senhora que a Rosa de Simães, por não ter pae, que lh'o mataram, se deixaria abafar de paixão e vergonha ao pé do berço de seu filho? Olhe que não! Diga-lh'o a elle, diga-lh'o ao meu algoz, que tambem ha de ser o seu, diga-lhe que, se em vez d'uma miseravel como a senhora, eu encontrasse aqui um homem como elle, lhe cuspiria na cara depois de lh'a ter marcado com este chicote! Diga-lhe que a filha do Tendeiro, possuindo as infames provas da villissima condição da que ha de ser sua mulher, as arrancou de si com nojo e lh'as pregou na cara como se fossem uns punhados de lama.

E, dizendo, puxou da algibeira do corpete as duas cartas, que machucou freneticamente e lhe atirou ao rosto. Depois pegou do chapeu emplumado, levantou o trinco da porta, atravessou a passo firme a sala de espera, desceu as escadas, sacudindo a cauda do vestido, saltou para a sella do cavallo, que escarvava insoffrido no pateo, e sahiu a upas e corvêtas do alasão, que resfolegava, sacudindo as crinas castigadas pelo chicote.

Espere; eu quero que saiba que não se é impunemente perversa! (pag. 56)

VI

A mulher educada e esclarecida pela inspiração de agradar, conhece de instincto as desharmonias estheticas, d'onde lhe resulta desairar-se aos olhos melindrosos e intolerantes do homem que ama. Um successo, digno de compaixão, e até demonstrativo de amor, degenera em dissabor e menos preço, quando é irrisorio ou vexativo. Se Josefina referisse exactamente o que passára com Rosa, Alexandre, compadecendo-se da prima, teria pejo de á ver apoucada e envilecida pela outra. Tal pejo e dó dispara em desamor. Atiladamente, pois, procedeu a menina de Fonte-Arcada, em simplesmente relatar que Rosa, interceptando duas cartas, lh'as levára a casa e a injuriára, e mais ao primo, com palavras insolentes.

Alexandre irou-se contra a audacia da mulher da plebe, no insulto a uma senhora, e contra a reles acção de interceptar cartas, corrompendo um criado.

O successo apressurou os desposorios, obrigando o sargento-mór, com auxilio do cunhado de Calvos, a baterem á porta dos cofres das irmandades e confrarias em cata dos sete mil e tantos cruzados, proprio e juros, devidos á filha do tendeiro. Aquelles dois preclaros descendentes de reis godos disseram um ao outro, quando andavam n'essa ignobil faina de arranjar dinheiro, que o Deus de Affonso Henriques, a respeito de cruzados-novos, se mostrava eximio amigo dos netos dos heroes que ajudaram aquelle sancto principe a vencer os sete monarchas mussulmanos.

Recebeu a senhora de Simães a quantia, e lavrou com sereno pulso a quitação, depois de mandar contar pelo feitor o capital e juro vencido.

E, passados dias, quando soube que Alexandre estava hospedado em Fonte-Arcada, e o primeiro pregão dos banhos fôra lido, mandou procurar e chamar a sua casa cinco mulheres das freguezias de Calvos e S. João de Rey, cujos nomes e aldeias escreveu para governo do seu feitor.

Encontraram-se na sala de espera do palacête de Simães cinco raparigas, todas bem parecidas, mas da especie de umas que o povo, por ignominia, chama «namoradas». Em grande parte do Minho, *namoradas* são as desacreditadas, as repulsas do rancho, das festas, da convivencia das honestas, ou das que o parecem.

Olhavam-se reciprocamente com espanto por se verem ali juntas, procedendo da mesma cauza e do mes-

mo homem o seu desdouro. Cada uma de per si cuidára que a menina de Simães a mandára chamar para servir; e duas das cinco lamentavam ser mães, e não poderem aproveitar a soldada de ama tão rica e generosa com suas criadas.

Apenas tiveram tempo de trocar algumas palavras em que ainda revia odio de rivaes, posto que o abandono as egualasse todas no desprezo do seu mesmo infamador.

Abriu-se uma porta interior, por onde as cinco mulheres foram conduzidas a outra sala, onde estava D. Rosa, assentada no tôpo de uma banca, sobre a qual viram cinco quinhões de dinheiro em ouro e prata.

—Entrem—disse Rosa ás aldeãs, que não ousavam pizar a alcatifa—Venham vossês aqui ao pé de mim as duas que trazem as creanças.

As que eram mães aproximáram-se com os filhos, que regulavam entre dois e tres annos. Rosa deteve-se alguns segundos a examinar as feições dos meninos, beijou-os na face, e fez com o mover da cabeça um gesto de compaixão.

Depois, mandando-as sentar com repetida instancia, disse:

—São todas pobres, segundo as informações que me deram. Ouvi dizer que o sr. Alexandre de Calvos as não soccorre, nem sequer ás duas que deixou com filhos.

Todas fizeram um signal negativo, abaixando os olhos, sem de relance olharem umas para as outras.

Rosa proseguiu:

—Se o senhor Alexandre atè hoje as não soccorreu, menos as poderá soccorrer de hoje em diante, por que

vai casar, como devem saber, com a sr.ª D. Josefina de Fonte-Arcada.

Uma das que eram mães poz os olhos humidos de lagrimas no rosto do filho, e suspirou.

As outras pareciam ouvir impassivelmente a noticia, se a não sabiam, e a muito custo despregavam a vista das pinhas de dinheiro que amarellavam sobre a meza.

—Tiveram vossês a felicidade—continuou a senhora—de ser a futura esposa do sr. Alexandre uma menina de tanta virtude que não quer casar sem a certeza de que as mulheres, que seu marido deixou desacreditadas, tem algumas rendas de que possam viver. Fui eu a encarregada de entregar a cada uma de vossês um quinhão d'este dinheiro, com o qual pódem comprar uma cazinha e alguns campos que as ajudem a passar a vida sem grandes necessidades. Se vossês querem cumprir o seu dever, vão d'aqui em direitura a Fonte-Arcada, e agradeçam á sr.ª D. Josefina o beneficio que lhes fez, em seu nome, e em nome d'essas duas creancinhas. Digam-lhe que eu reparti irmãmente pelas cinco, os sete mil e quinhentos cruzados que a senhora me mandou. Tomem bem conta da quantia do dinheiro, para se não esquecerem. Sete mil e quinhentos cruzados.

Repetiram todas ao mesmo tempo os algarismos.

Rosa ergueu-se; estendeu cinco lenços sobre a banca; poz em cada lenço a porção do dinheiro, atou o embrulho pelas quatro pontas, e distribuiu os cinco embrulhos pelas mulheres.

Então—ó almas sensiveis!—as «namoradas» pegaram todas de enxugar as pálpebras aos aventaes, com

mais força que a preciza para ordenhar correntes lagrimosas das glandulas sêccas. Aquelle pezado embrulho do metal, levando abaixo um prato da balança, levantava o outro da deshonra, cujo pezo podemos figuradamente imaginar-lhe sobre o coração; mas, em prosa chan, não façamos grandes encarecimentos sentimentaes do pudor d'essa laia de mulheres. Aquellas lagrimas não eram o serodio desafôgo da sua dor; eram o jubilo de se verem invejadas de algumas honradas que lhes faziam figas.

Desceu á estrada o silencioso ranchinho das ditosas creaturas, e pelo atalho mais curto foram caminho de Fonte--Arcada, dizendo mil virtudes da santa noiva do fidalgo.

Quando chegaram ao atrio da casa do sargento-mór, viram lá ao cabo, atravez d'uma cancella gradeada de ferro, a fidalguinha moirejando com um regador, por entre as murtas, vestida de branco, ligeira como a pomba das devezas, por entre codeçaes floridos.

Consultaram-se as cinco amasias do Salomãosinho de Calvos, e tinham resolvido puxar pela corrente da sineta, digna de uma cathedral, quando Josefina acaso viu o grupo das mulheres, voltadas para ella.

—Tanta gente acolá!—disse a menina para alguem que estava distante; e abeirou-se da grade, perguntando:—vossês que querem?

As mulheres caminharam para a fidalga, e, já perto da grade, disseram todas a um tempo:

—Tenha V. S.ª muito boas tardes.

—Vossês d'onde são?—perguntou a noiva.

N'este momento, sahiu, d'entre um cerrado de cilindras, Alexandre de Calvos e o sargento-mor. As cinco

moças, dando de face com o fidalgo, estiveram alguns momentos embaçadas; elle, porém, reconhecendo-as apenas as viu, enfiou, amarelleceu, e abriu attonito a boca nas mais estupendas dimensões do espanto.

A mais espivitada do rancho, tendo de responder ao interrogatorio já repetido de D. Josefina, disse:

—Eu e mais estas raparigas vimos aqui agradecer a V. S.ª a esmola que nos fez.

—Que esmola?!—accudiu a menina—Vossês vem enganadas...

—A'gora vimos nós enganadas!—emendou a encarregada da alocução—A menina de Simães mandou-nos agradecer a V. S.ª este dinheiro, que V. S.ª nos mandou dar por ella, que vem a ser... ó raparigas... quanto é?

A oradora, receando ter-se esquecido, recorreu á memoria das outras, que todas responderam juntamente:

—Sete mil e quinhentos cruzados.

—É isso mesmo—confirmou a outra—sete mil e quinhentos cruzados que V. S.ª lhe mandou, para nós comprarmos uma casinha e alguns torrões. Deus lhe dê muita saude, e tantos anjos acompanhem a sua alma como de reaes tem este dinheiro.

—*Amen*—conclamaram todas mostrando o volumoso embrulho pendente das pontas dos lenços.

Josefina pozera os olhos nas duas creanças que se achegaram d'ella remirando-a com o ar espantadiço de meninos aldeãos. A mãe de um dos rapazinhos, aquella que chorára sinceramente, quando Rosa lhe dissera que Alexandre casava, volvera os olhos para o fidalgo com tamanha magoa e ternura como talvez na primeira hora em que se deixou vencer da pertinaz perseguição.

N'este lance, é que a filha do sargento-mór comprehendeu a vingança de Rosa.

O pae de Josefina olhava para tudo aquillo com a mais ingenua estupidez de sargento-mór de ordenanças.

Alexandre, que ainda não boquejara um monosylabo, sentia-se em tal penuria de recursos, que de si mesmo se estava envergonhando.

E em quanto cada qual dos tres se abstrahia em pensamentos que não sabemos, as cinco mulheres esperavam que a fidalga as mandasse embora.

Josefina, vendo que seu primo se escoára por entre as cilindras, e que o pae seguira o sobrinho a pedir naturalmente explicações d'aquella trapalhada, disse ás mulheres:

—Essa senhora que as mandou aqui, enganou-as. Quem lhes deu o dinheiro foi ella. Podem ir-se embora, que não teem que me agradecer.

Olharam-se embasbacadas as mulheres, e sahiram, quando a fidalga lhes voltou as costas, já com o rosto coberto de lagrimas.

Lagrimas porquê? O chorar tem mysterios rocónditos em parte do coração onde não chega a sonda; e, ás vezes, succede cuidar a gente que a sonda toca em fibra generosa, e, ao extrahil-a, dá fé que tocou em lodo.

Seriam de odio a Rosa, ou de presentídas desgraças as lagrimas de Josefina? Seriam de angustia por se vêr captiva de homem que tantas infelizes atirára á caridade affrontosa da sua rival?

Se ella adivinhasse, razão sobeja lhe dariamos para chorar; porque, n'aquelle momento, Alexandre, a seu pezar, ouvia lá dentro a inexoravel consciencia a dizer-

lhe que Rosa era mulher extraordinaria, e tão sublime na sua queda, que ao levantar-se radiava maior magestade do que tivera, aos olhos d'elle, quando em sua fronte resplandecia a puresa dos anjos.

Josefina passou a noite attribulada, por que não pôde rastrear acção indecorosa n'aquelle acto singular da neta do almocreve. Como que lhe dava inveja semelhante rasgo de desforço com tamanha liberalidade que delia o odioso da palavra vingança... O sargento-mór concorreu a torturar a filha, reputando admiravel o arrojo de Rosa, sendo ella de tão baixa geração. Exacerbavam-lhe ainda tantas dôres diversas, umas palavras tristes e enigmaticas do primo ao despedir-se n'aquella tarde, não tendo tenção de pernoitar em Calvos. As palavras que a magoavam tinham sido estas:

—Estou em crer que nenhum dos tres será feliz, e o menos desgraçado dos tres, será o que houver recebido maiores offensas.

Aqui é tudo claro. Prouvera a Deus que o espirito de Josefina se deixasse alumiar da luz que fulgurou d'aquellas palavras, ditadas pelo remorso, e talvez por um sobresalto de saudade.

VII

O decoro da linhagem obrigou o fidalgo de Calvos a não tergiversar no enlace com sua prima. Na melancolia do noivo, e na contrafeita alegria da enraivecida inimiga de Rosa, decifrava-se o presagio de ruim destino. Se podesse desligar-se de Alexandre, sem galardoar a vingança da rival, Josefina regeitaria o marido que se lhe figurára, dias antes, o supremo goso da vida. Casou, sacrificando-se ao seu proprio orgulho, e promettendo a si mesma disfarçar-se, sorrir com o coração espedaçado, afim de que Rosa nunca se presumisse influente nas suas desventuras de esposa. Começára cedo a expiar a deslealdade.

Dias depois de casado, o tenente Alexandre Gonçalves voltou para o exercito, deixando a esposa em casa

do pae, apesar de lhe haver promettido, em tempo de mais ternos projectos, leval-a comsigo, relacional-a com as fidalgas do Porto, desafogal-a das estreitezas da vida passada em aldeia, depois de ter pisado tapêtes na capital.

Josefina doeu-se; mas não se queixou, temerosa de que alguem denunciasse os seus gemidos á de Simães. E tão receiosa vivia de que a outra lhe aliciasse as criadas, que de nenhuma se confiava. Até este accrescimo de inquietação lhe exulcerava as dôres: ter de simular alegria, diante de todos, excepto do pae, porque reputava infieis e venaes todas as pessoas que a rodeavam. Injuriava quem quer que a deplorasse tão linda, tão de novo casada, e tão solitaria n'aquelle ermo. E á custa de querer fingir-se feliz, tolejava em tregeitos e risadas tão sem proposito, que faria rir a sua inimiga, se ella lhe espiasse os desgostos.

Rosa acreditava que Josefina era feliz, ou, mais exactamente, não curava de o saber. O seu odio olhava mais a vulto para a creatura que ella quizera esquecer, a não poder estrangulal-a.

Depois do casamento de Alexendre, poucos dias esteve Rosa em Simães. Uma sua amiga de collegio, que a visitára nos dias de maior amargura, convidou-a a passar em Amarante um verão. Levou Rosa o seu filho como um deposito de anjo que Deus lhe confiasse. Parecia soberba de dar com elle testemunho da sua queda. Como se a virgindade valesse menos que a innocencia, aquella mãe extremosa orgulhava-se de mostrar amparado no seio o filho que significava um amor santo resultante do amor impuro. Permittisse o céu que ella se conservasse n'esta honrosa vaidade da culpa irremediavel!

Sabia-se em Amarante que a senhora de Simães tinha cem contos. Esta aureola do ouro dava uns resplandores elegiacos á sua corôa de martyr. A poesia, que muitas vezes não desce a investigar de que larvas se desatam as matisadas borboletas, achava Rosa, no meigo dizer de Camões:

Egualmente que linda, lastimosa.

E os pensadores em prosa, cheios de assombro, perguntavam á naturesa das coisas como houvera homem no mundo que prescindisse dos duzentos e cincoenta mil cruzados, appensos a uma mulher galante!

Era d'este parecer o juiz de fóra de Amarante, Leopoldo Ayres Cortez, em edade florescente, fidalgo pobre, gentil, e ambicioso de bens da fortuna. Este homem não escrupulisou em cortejar com honesta seriedade a hospeda de D. Julia Queiroz, sua parenta. O tom de respeito com que a tratava, e o carinho com que lhe ameigava o filho, a frequencia das visitas, a protecção da parenta, o bom nome que tinha como magistrado em edade menos propria, e, por de sobra, a nobresa herdada, tudo cooperou a favor do juiz de fóra, primeiro no espirito, e mais tarde no coração de D. Rosa de Simães. A todas estas rasões persuasivas avantajava-se uma que não seria a mais poderosa, mas de certo compeliu fortemente a trahida amante de Alexandre Gonçalves a acceitar o galanteio de Ayres Cortez: é que ella, casando com homem fidalgo, respeitado, em carreira nobre e digno de ser amado por qualidades pessoaes, julgava ter completado a sua vingança, e mostrado a Alexandre que um mais digno marido lhe dera a Providencia.

Os cavalheiros de Amarante, villa que n'aquelle tempo era um alfóbre de fidalgos—rodeando D. Rosa de attenciosas urbanidades, e recebendo-a no seio de suas familias sem antojo de por ali andar saltitando um menino que não sabia o nome de seu pae—incitavam o juiz de fóra a suffocar melindres de honra que raras vezes o beliscavam. Quando Leopoldo solemnemente offereceu a mão de esposo a D. Rosa, começou ella de lhe referir com magoadas vozes, mas sem tregeitar com lagrimas rebeldes e suspiros artisticos, a sua historia. Delicadamente a impediu e lhe rogou que se poupasse a um desgosto superfluo, por quanto elle sabia tudo, e tudo era somenos ao que a sua alma lhe perdoaria em delictos de innocencia. Bom homem!

Realisou-se o casamento em dezembro de 1810, e logo o juiz de fóra, por motivos que se podem attribuir a pundunor, obteve transferencia para Torres Novas. Por muito philosopho e indulgente sujeito que fosse, aquelle marido sentia-se um tanto apalpado nos seus brios, posto que, em desconto d'aquelles apalpões dolorosos, offerecia-se-lhe occasião de exercitar o tacto, apalpando a miudo uns setenta contos que levantára no banco do Porto.

Em janeiro de 1811 já o doutor Ayres Cortez funccionava no julgado de Torres Novas.

N'este mez entraram n'aquella villa o marechal Massena, e o reforço do general Drouet. No quartel general d'estes caudilhos da terceira invasão franceza, militavam parentes e amigos do juiz de fóra. Marquez de Loulé, o conde de S. Miguel, marquezes de Valença, de Alorna, e Ponte de Lima, D. Luiz de Athayde, Pamplona, Gomes Freire e outros de quasi egual cothegoria, ingo-

daram Ayres Cortez a manifestar-se do partido de Bonaparte contra a facção dos escravos servis da Gran-Bretanha. A questão para o maximo numero dos jacobinos não era a patria, que elles consideravam riscada do mappa das nações; era pertencer á mercantil Inglaterra ou á cavalleirosa França.

Como quer que fosse, o juiz de fóra prestou serviços de dinheiro aos fidalgos necessitados, e conjurou-se no destino d'elles, por que o embriagaram de lisonjarias, levando-o á presença do principe de Essling, que lhe prometteu recommendal-o á magnanimidade do imperador.

Era o dinheiro da herança de Londres que punha aquelle homem na ladeira da voragem. Podemos conjecturar que Ayres Cortez, sem a riqueza da esposa, teria vivido tranquillamente e patrioticamente na sua terra, até acabar obeso, gottoso, e apopletico no desembargo do paço ou no supremo tribunal de justiça.

Quando o exercito francez retirou, depois da batalha do Bussaco, sobre Santarem, lá ia nas bagagens o juiz de fóra, já despachado corregedor de um bairro de Lisboa. Ia tambem D. Rosa de Simães garbosamente cavalleira, e, ao que parecia, jubilando n'aquellas peripecias da guerra, scenas fortes, ajustadas á sua indole.

O filho, que então contava tres annos, ficára em Amarante entregue temporariamente aos disvelos de D. Julia de Queiroz, não sabemos se por insinuações do marido de sua mãe, se por espontanea deliberação de Rosa. O intuito de ambos era educal-o em collegio estrangeiro, logo que a idade o permittisse.

Por conselho ou presagio maternal, Rosa, antes de

casar, doára a seu filho Serafim Gonçalves as quintas de Simães e Thaide, constituindo-se ella mera administradora.

Quer-nos parecer que nem o marido de Rosa podia amar entranhadamente o filho de Alexandre, nem ella, sacrificando o filho illegitimo a um egoismo de coração, em que era grande parte o capricho, se devia prezar de mãe excellente. D'esta especie de mães superabunda o mundo; das outras, que são as excepções, superabundam as novellas. Ora nós escrevemos historia.

Com a expulsão definitiva de Massena, sahiram de Portugal os portuguezes bandeados no exercito invasor. Tambem Ayres Cortez se evadiu com a corajosa esposa, e o precioso cabedal que lhes assegurava na França toleravel exilio. Por sentença proferida em Lisboa aos 21 de novembro de 1811, o ex-juiz de fóra de Torres-Novas, com outros co-réos de maior tomo, foi condemnado á morte e sequestro de bens como réo de leza-magestade. Quanto a bens, o condemnado não tinha alguns em Portugal; a vida, essa nunca elle a sentira tão vivaz e deliciosa como em Pariz. Dispendiam largamente, e pompeavam com distincção de todos os emigrados. Nas salas da formosa portugueza reunia-se a flôr da sociedade do imperio. O que minguava na educação pouco esmerada da ricassa do Minho adquiriu-a na convivencia da duqueza de Abrantes, que folgava de ouvir a energica filha do sol peninsular exaltar com escandecido zêlo o astro já nubeloso de Napoleão.

E tudo isto custava muito oiro; muito desperdicio sem calculo nem previdencia.

Amava-a elle ao menos? Parece que nem tempo ti-

nham de se enfastiarem na vida intima; e, quando o tedio lhes toldasse as alegrias do coração, em que paiz tão bom, para retemperar amores, viviam ambos! Que peregrinas mulheres, e que gentilissimos homens!...

Deixal-os estar e folgar, até que nos sejam necessarios á concatenação da historia.

VIII

Temos que seguir as variadas correntes da herança de Londres.

Onde aquella vaga de oiro rebalsou, aqui e álem, raro deixaremos de topar desgraça.

Agora vamos a Garfe, onde já sabemos que a fatalidade abriu a sepultura de um moço destinado desde a infancia por seus paes a ser o esposo da menina de Simães.

A relação do triste caso será resumida, porque as scenas d'estes complicados e travados dramas custosamente se hão de apertar em dois livros. Novellas francezas sobeja quem as estime em Portugal, ainda que os tomos se multipliquem mercantilmente; porém, tenha a obra a funesta sina de ser portugueza, que logo

se avincam as testas patrioticas dos leitores, se mais de um tomo lhes desfalca a verba orçada para litteratura nacional.

A morte de Luiz de Magalhães, filho de Christina e neto do padre Bento da Mó, succedeu assim: Em 1801, a Hespanha e França declararam-se guerra, motivando as hostilidades com a alliança de Portugal a Inglaterra. Chegou o exercito hespanhol a invadir o nosso territorio, apoderando-se de Olivença. Portugal, colhido de improviso, não pôde aperceber-se para a defeza, e acceitou a paz com desvantajosas, senão aviltadas condições. E, não obstante, a Inglaterra apadrinhava os vencedores de Aljubarrota, Valverde, Montes-claros, Ameixial, *etc.*, *etc.*, *etc.*, e tudo mais que se lardeia nos dramas e nos artigos de fundo. Será prudente e salutar patriotismo lembrar-se a gente que, em 1801, cedemos Olivença á Hespanha, e parte da Guiana á França, em 1802, a fim de que as duas nações inadvertidas não viessem despedaçar-se nas garras lusitanas.

Algumas estrategias belicosas se operaram em Portugal, quando a guerra foi declarada; por exemplo, a marcha do regimento de milicias de Coimbra para as fronteiras.

No dia 25 de março de 1801 formou o regimento no rocio de Santa Clara. As praças d'esta hoste, destinada a manter illeso o pendão das quinas nos muros de Almeida, eram lavradores e jornaleiros suburbanos de Coimbra, e maiormente da Bairrada. A rubidez dos bravos não incendiava os olhos d'aquelles guerreiros, vesados ao cabo da enchada e á rabiça do arado; pelo contrario, o pranto da nostalgia da lareira, dos cevados,

das femeas e das adegas apagava-lhes nos olhos a mais tenue faisca de coragem.

Os estudantes, que presenciaram o canhestro exercicio e a mollesa inerte d'aquella pobre gente, em vez de lastimarem a decadencia do Portugal de D. João I, de D. Sancho Manuel e do marquez das Minas, pegaram de fazer-lhes assuada, levando a ousadia impune á extremidade de se metterem entre as fileiras e derrubarem os sarilhos das espingardas.

Entre os mais attrevidos extremavam-se na feia façanha Luiz de Magalhães, quartanista de direito, e seu irmão Jeronymo, um dos pimpões da academia, immediato na edade e no anno de formatura a seu irmão.

Os milicianos soffriam pacientemente os apupos quando o capitão da 1.ª companhia, Franco Pinheiro[1] natural da Porcariça, mandou calar baioneta e carregar sobre os insultadores. Dada a voz inesperada, os turbolentos fugiram á desfillada pela rua da Parreira e estrada da Varzea. Os milicianos, alentados pela pusillanimidade dos fugitivos, feriram os mais destemidos, atravessando com uma baionetada Luiz de Magalhães, que morreu logo, e um frade grillo, talvez innocente, que pereceu dos ferimentos no dia seguinte.

Sabida a catastrophe, Jeronymo de Magalhães percorreu as ruas de Coimbra, á frente da multidão, bradando vingança, ao passo que as ordenanças, embravecidas pelo triumpho, mordiam o cartucho com insolita ferocidade. Deliberou a academia offerecer batalha campal

[1] A parte historica d'esta narrativa deu-no'l-a um versadissimo e esclarecido antiquario conimbricence, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, a quem os estudiosos são devedores de copiosas noticias attinentes a historia e archeologia.

ás milicias na Ladeira da Forca, por onde o regimento havia de marchar a mais alentadas proezas contra os exercitos de Castella. O regimento, no sopé da ladeira, carregou armas; porém, passou incolume. A academia, quebrado o primeiro impeto, esmorecera no desalento proprio das improvisadas e estouvadas valentias.

Seguiu-se a devassa a que procedeu o conservador da universidade. O reitor D. Francisco de Lemos enviou o processo ao ministro do reino, visconde de Balsemão. Jeronymo de Magalhães, julgado como caudilho do motim, e já culpado em outros, teve sentença de degredo para a India, e bem assim os academicos João da Costa Regueira, José Ascanio, Francisco Xavier Monteiro. Os mais foram simplesmente expulsos da universidade.

Por singular distincção, afinal, houve um só degredado, Jeronymo de Magalhães; que os outros, no acto do embarque, receberam o perdão do principe regente.

Esta cruel excepção com o infeliz, cujo irmão fôra assassinado, devia-se ao depoimento de um estudante theologo, João Paes de Castro, visinho dos Magalhães, da freguezia de Oliveira, e seu inimigo por causa de letigios entre as familias de ambos, e revindicação de bens que o marido de Christina, o cunhado de Manuel Vieira, alcançára com a justiça e a força que lhe deram os duzentos mil cruzados da esposa. Observem que toda a arvore de fructos malditos, n'esta silva de infortunios, tem seiva corrosiva do ouro de Londres.

O theologo João Paes depôz que o estudante discolo jurára apunhalar o reitor da Universidade, e n'essa nefanda tentativa o esperara. Além d'isso, delatava-o de ter redigido uns estatutos, remodulados pelos da so-

ciedade ou *Rancho da Carqueja,* cujo chefe, o academico Francisco Jorge Ayres, havia sido inforcado, em 1722, na praça de S. Bartholomeu em Coimbra.

Jeronymo de Magalhães, sendo acareado com a testemunha, defendeu-se inefficazmente. A sentença, que o condemnou á dez annos de degredo, foi exceptuada, por tanto, do indulto que desaggravou outros delinquentes.

D'estes dois golpes simultaneos morreu Christina, depois de luctar entre a saudade dos filhos perdidos e o amor do marido a quem nenhum amparo deixava no mundo.

Volvidos mezes, Pedro de Magalhães falleceu, nomeando seu unico herdeiro o filho, que estava cumprindo sentença; e, no caso de não ser vivo o filho, investia da herança uns parentes remotos. Pozeram cêrco á valiosa casa de Garfe os parentes, os curadores, as justiças, todos amaltados em rapacissima jolda de ladrões. Quando o condemnado obteve a graça especial de poder usufruir sem curadoria os seus bens, os rendimentos eram insufficientes á sua subsistencia. Começou logo de vender ao desbarato, por intermedio de agentes depredadores. O principal comprador das suas quintas era o pae do theologo que o denunciára, e lhe repozera pleitos de reivindicação, e os vencêra quasi á revelia.

Ao fim de dez annos, Jeronymo de Magalhães repatriou-se, e recolheu-se a Garfe, onde apenas tinha a casa vinculada e poucos mais bens d'onde auferir escassos alimentos. Trouxera comsigo da Asia a mulher que lhe dera no degredo o esteio do seu amor. Era uma formosa canarim, oriunda de rajáhs; estremecia-o com

ternura fremente de paixão; alentava-o quando elle succumbia na lucta com os poderosos possuidores da sua casa; e se, propellido pela raiva, travava do ferro para o cravar no peito do seu figadal inimigo, ella forcejava por acompanhal-o e ter um quinhão da sanguinaria vingança. E esse seria o desforço de Jeronymo de Magalhães, se João Paes não recorresse á aleivosia que o desempeçou do terrivel adversario.

Preparava-se a questionar judicialmente as fraudes e a posse extorquida dos seus predios, quando rumorejou o boato de que elle era Jacobino, e logo desparou com grande estampido a calumnia. O impulsor do boato havia sido o desembargador da camara ecclesiastica de Braga, João Paes de Castro, o seu delator em Coimbra.

Fugiu á morte o filho de Christina, acolheu-se ao exercito francez, e emigrou, levando comsigo Bartholina, a canarim. O restante de sua casa foi, por isso, sequestrado; o vinculo passou para a corôa, e os bens livres arrematou-os o doutor João Paes, figadal inimigo do desgraçado.

Assim acabou o morgadio de Garfe, cujo ultimo representante, o neto do padre Bento da Mó, vivia em Pariz da beneficencia de D. Rosa Cortêz, que se lembrava de, sendo pequenina, lhe perguntarem qual dos dois irmãos queria para noivo, se Luiz, se Jeronymo. De Luiz se lembrava ella com infantil saudade; e, valendo ao irmão indigente, cuidava ser vista de outro mundo pelo primeiro homem que lhe inspirára as balbuciantes palavras de noiva.

IX

Braga, em 17 de março de 1809, viu um dos horrentes dias, assignalados nos annaes hediondos do povo em anarchia.

Para a capital do Minho haviam convergido as ordenanças de toda a provincia, formadas de elementos os mais avêssos á disciplina, ao patriotismo e á bravura. Pela maior parte, as milicias eram a escoria social mesclada com a covardia, a relé insubordinada em occasião facil de saque.

N'aquelle dia 17 de março, a linha de defeza postada em Salamonde, para embargar a passagem do general Soult, fugira covardissimamente apenas avistára o lampejar dos esquadrões francezes, que marchavam compactos, colleando-se pelas tortuosidades do caminho, como serpentes de aço.

Os foragidos, irrompendo por entre a multidão do povo, annunciavam a chegada dos francezes a Carvalho d'Este, encarecendo a ferocidade do inimigo para desculparem a precipitação da fuga. Era certo estar Soult a cinco leguas de Braga, sem perder um soldado, atravessando pontos defensaveis sem dar um tiro, marchando com a serenidade de um triumphador, e vendo ao longe as massas de homens, remechendo-se aos milhares, involtas no torvelinho do fumo da espingardaria, que desfechavam inutilmente, vozeando alaridos selvagens, e fugindo sempre.

Era general o governador das armas do Porto Bernardim Freire de Andrade, o bravo da Rolissa e Vimieiro, rancoroso adversario dos inglezes, mas fidelissimo soldado da patria. A desastrosa morte d'este portuguez illustre, dilacerado nas garras da gentalha para quem ha de raiar a aurora da civilisação, quando se descobrirem artes de sopear tigres fóra da jaula, é tão sabida, da historia e do romance, que não ha para que nos demoremos n'esse episodio estranho á presente historia. (*) Do dominio d'ella é que entre os carnifices de Freire, e de Gomes Villasboas, quartel mestre general, estava grande parte dos herdeiros da herança de Londres, não ainda dos filhos do padre, mas dos jornaleiros pobres de Rendufinho e Villar. No cadaver

(*) Um romance intitulado *O sargento mór de Villar*, por Arnaldo Gama, tão cêdo roubado ás lettras patrias, descreve energicamente as scenas capitaes da invasão franceza de 1808, e nomeadamente a do supplicio lento de Bernardim Freire de Andrade. Leiam-no os estudiosos, ou, se quer, os curiosos, que mal conhecem o nosso primeiro romancista historico, e não se pejam de o confessar.

de Bernardim afiaram elles, digamol-o assim, os colmilhos para se sevarem em mais pingue preza.

O *brazileiro* de Travassos e o *doutor* de Varziellas, como se disse no cap. I, residiam em Braga, receosos dos assaltos da canalha enfurecida pela pobreza—que tudo corrompe, salvo a alma rica de esperanças em Deus.

No tumulto vertiginoso que precedeu e seguiu a morte do general, muitas casas ricas foram saqueadas. Ao principio, davam nome de hereges e jacobinos aos roubados e aos mortos na defeza de seus bens; por fim, desprezaram o pretexto da religião e do patriotismo, escalando janellas e lascando a machado as portas.

Quando um dos facinorosos de Rendufinho proferiu os nomes do *brazileiro* e do *doutor*, appellidando-os de ladrões da herança de Londres, a adhesão dos ouvintes foi tão compacta e unanime, que o orador se dispensou de mais figurações rethoricas brandindo um chuço insanguentado, com que apontava, no Campo de Santa Anna, as residencias dos dois capitalistas.

A poucas voltas, as portas escouçavam-se dos gonzos, a quadrilha irrompia escada acima, os lividos ricassos mercadejavam a vida por alguns mil cruzados; e a final, como hesitassem em se conchavar por maiores quantias, eram acutilados e arrastados para o terreiro, onde as mulheres da Senhora-á-Branca lhes maceravam os cadaveres a pedradas, e lhes desfiguravam os rostos a punhados de lama empapados nas chagas. De involta com os dois agentes da herança de Londres, rojaram nas ruas de Braga um filho do padre Bento da Mó, aquelle Mathias do Couto, que exercera as funcções de cornetim, e, depois, assentára residencia em

Braga. Este morrera na consolação de não ter sido roubado, porque todos os seus haveres eram predios rusticos dos quaes foi herdeira sua filha Leonor, que ha de ter n'este livro lastimosa mensão.

Estes mesmos assassinos arrombaram depois o aljube, arrancaram para o terreiro os presos suspeitos de traidores, e arcabuzaram-os um por cada vez, empilhando os cadaveres com tregeitos de bestas-feras que se retouçam na sangueira das prêas. Entre os arcabuzados estavam os corregedores de Braga e Barcellos.

Á chegada dos francezes a Braga, o barão de Eben, que acceitára o commando depois do assassinio de Freire de Andrade, fugiu caminho do Porto. Na rectaguarda do inglez ia a horda dos salteadores de Lanhoso, que em grande parte morreram indefesos e espostejados pelos hússares de Soult; em quanto outros mais precavidos na fuga, depois de terem quinhão no morticinio do coronel Porto-Carreiro, ao Padrão das Almas, e do brigadas Luiz d'Oliveira, ás portas da Relação, ou morreram nas baterias do Porto, ou se afogaram no Douro, ao atravessarem a ponte de barcas, ou acabaram espingardeados no pateo interior do Castello da Foz, á ordem do bispo general D. Antonio José de Castro.

X

D'aqui em diante a historia vae apressada como a vida boa e má, como os annos prosperos e funestos. Haveria, talvez, particularidades dignas de escriptura; mas as feições proeminentes dos successos absorvem o espaço de que podemos dispôr.

Não se esqueceu com certeza a leitora sensivel d'aquella creança que Rosa, ao retirar-se com seu marido, deixou em Amarante, na companhia da sua amiga.

Cresceu Serafim sob a vigilancia amoravel de D. Julia de Queiroz, contra vontade dos irmãos d'esta senhora receosos de serem desbalisados da herança proxima que o estado infermisso d'ella promettia.

Aos nove annos, o filho de Alexandre Gonçalves foi entregue a um padre de Lamêgo, professor de latim,

que hospedava collegialmente alguns meninos de familias abastadas. A educação subministrada pelo padre era aspera para uma creança em extremo mimosa das caricias e tolerancia de D. Julia. O pequeno chorava de saudade, e o padre, que não dava áquelle sentimento a commiseração das almas que o sentiram, ameaçava-o com a palmatoria. Da promessa á execução não mediou o tempo necessario, porque Serafim fugiu, e appareceu em Amarante quasi descalço e faminto.

A consternada amiga de D. Rosa Cortez affagou a rebeldia do seu filho adoptivo, e estipendiou mestre em casa.

Á volta dos doze annos, Serafim denotava sobeja incapacidade para apprender e repugnancia egual em estudar. Era máu de condição. Tratava com despreso os irmãos de Julia, recalcitrava ás reprehensões do mestre, e recebia com indifferença os meigos conselhos da extremosa fidalga. Tirante ella, aborreciam-no todos, e odiavam-no por maior os servos a quem o menino ameaçava com faca de ponta.

Tendo Serafim doze annos, falleceu D. Julia de consumpção ethica, sem dispôr nada dos seus grandes teres. O pequeno sentiu logo as algemas que lhe lançou o ar severo dos herdeiros da sua unica protectora. Elle mesmo pediu que o mandassem para sua mãe, quando os senhores da casa já tinham avisado D. Rosa d'esse mesmo expediente, sem adoçarem de phrases delicadas o intento.

Foi o menino para Paris em 1820, época brilhante de D. Rosa. O emigrado recebeu de má sombra o filho de Alexandre, e passou-o logo para collegio, evitando explicações ácerca da procedencia do rapaz. Se-

rafim entrou amargurado nas obrigações escholares, queixando-se do desamor da mãe, e da violencia do padrasto. D. Rosa suavisava-lhe a tristeza presenteando-o com dinheiro, mimos, expressões carinhosas e promessas de o tirar do collegio logo que elle podesse figurar dignamente na sociedade em que sua mãe vivia.

Estes meios palliativos não o retiveram. Fugiu repetidas vezes, acolhendo-se à indulgencia maternal, até que a pobre senhora rogou a seu marido que desopprimisse o pequeno do inutil constrangimento em que o tinha, fundando-se em que seu filho tinha duas quintas bastantes a um decente passadío sem necessidade de seguir alguma carreira de lettras.

—Além d'isso—ajuntava ella—como não tenho outros filhos, o que houver por minha morte d'elle ha de ser.

Ayres Cortez sorria-se, replicando:

—O que houver por tua morte!... Dá graças a Jupiter, se o que tens te chegar para a vida.

O ex-juiz de fôra dava graças a Jupiter, á falta de Deus, de que a philosophia o dispensára.

Serafim Gonçalves, vivendo n'esta atmosphera pagã, sabia pouquissimo de mythologia. Aos quinze annos ria-se da piedade defuncta da Julia que lhe ensinára o *Padre Nosso*, e execrava o clerigo de Lamego que o fizera decorar os Mandamentos da lei de Deus.

A mãe dava-lhe dinheiro avultado, a occultas do marido. Ayres não era clavicurario exclusivo do cofre. A prodigalidade com mulheres venaes forçava-lhe a consciencia a não privar a esposa de ter parte no desperdicio do que era seu.

Foi precoce a corrupção do moço, se em Paris ha taes precocidades, quando dinheiro, indole e liberdade, com pleno ocio, se travam de mão.

Serafim, acamaradado com os filhos dos generaes de Napoleão, gastava a froixo como os outros que desbaratavam os patrimonios tão rapidamente como seus paes os adquiriram. Aos dezesete annos o esbelto portuguez creára renome em camarins de actrizes, e entre os espadachins da voga. Algumas aventuras amorosas, dramatisadas entre estouvados da sua laia e loureiras celebres, o levaram ao campo da «honra» d'onde sahiu victoriado como esgrimidor de sabre e florete. D. Rosa recebia os emboras por tão destro como brioso filho. E a louca, bem que apparentasse desgosto, invaidecia-se de saber que seu filho medira o ferro com os mais grados mancebos do escol parisiense.

Não assim Leopoldo Ayres Cortez, para quem Serafim era um vadio dissipador, que lhe menosprezava as advertencias, e virava as costas trauteando arias da opera, quando as censuras o irritavam.

Uma vez disse Serafim a sua mãe:

—Vou pedir-lhe um favor...

—Não me peças muito dinheiro, meu filho, que eu receio não te poder servir—atalhou a mãe sorrindo, mas melancolicamente.

—Então minha mãe está pobre?!

—Não sei. Teu padrasto queixa-se de infelicidade no jogo dos fundos, e diz-me que é forçoso reduzir as tuas despezas e as minhas.

—Que nos dê elle o exemplo reduzindo as suas.

—Assim o tem feito.

—Mentiu-lhe. Reduziu apenas aquellas em que minha mãe e eu tinhamos alguma parte. Vendeu a carruagem e as orsas; mas sustenta pomposamente mulheres.

—Mulheres!—interrompeu D. Rosa com vehemencia—Estás a calumniar teu padrasto!

—Se as quer conhecer, minha mãe, dou-lhe os nomes e residencias d'ellas. Quando seu marido lhe disser que vae ao club portuguez conferenciar com Gomes Freire e com os liberaes portuguezes, procure-o em alguma d'estas duas casas que o ha de encontrar, comprando com o dinheiro, que a mãe não póde dar-me, as caricias que as mulheres dissolutas vendem aos homens de quarenta annos.

E depois de lhe entregar um papel escripto a lapis, continuou:

—Mas eu nada tenho com isto, ou isto nada tem com o favor que lhe quero pedir, e muito desejo ser attendido.

—Que é, Serafim?—perguntou D. Rosa com as faces rubentes de ira febril, e o espirito abstrahido na perfidia do esposo.

—É que diga a seu marido que lhe não importe a minha vida; que cesse de me obsequíar com os seus conselhos, e de me importunar com as suas arguições. Que me não conte os luizes que eu gasto, por que eu nada lhe peço, e nada gasto que seu seja. Em conclusão, diga-lhe que me deixe. E, se vê que não basta o dizer-lh'o, peça-lh'o, rogue-lh'o; e, depois, se elle a não attender, diga-lhe minha mãe, que lava as mãos, e desafoga a sua consciencia de boa esposa.

—Que queres tu dizer, meu filho?—acudiu a mãe, já receosa do aspeito sinistro de Serafim.

—Pois não me intendeu, minha mãe? Quero dizer que estou cansado de ouvir o sr. Cortez, e de saber as injuriosas ausencias que me elle faz, alcunhando-me de perdulario devasso, que estou arruinando os haveres de minha mãe. Se alguem os arruinou decerto não fui eu, pois não?

—Não, filho. O que tens despendido não podia abalar a minha «fortuna».

—Pois bem; que dissipe elle o restante; mas que me não calumnie; aliás...

O remanescente da phrase foi cortado pela chegada de Ayres. Serafim, brandindo o chicote como sua mãe em casa de Josefina de Fonte-Arcada, perpassou pelo padrasto, e sahiu.

Rosa estava enxugando as lagrimas, quando o marido a procurou na sua ante-camara.

—Porque choras—perguntou elle—teu filho provavelmente affligiu-te?

—Não...—murmurou ella.

—Sim... não me mintas! Estás pagando as demasias de liberdade que lhe deste. Ahi o tens, como a bruta natureza o fez. Agora, inclina o collo humilde ao cutello do algoz...

—Eh!—exclamou Rosa—o que ahi vae de palavras funebres! A que vem aqui o algoz e o cutello! Quem te disse que meu filho me offendeu? Se alguem afia o cutello de verdugo não é elle...

—Então quem? Detesto reticencias. Explique-se!—bradou desabridamente o marido.

—Não grites, que eu não reconheço a rasão dos que berram...

—Nada de ironias!—volveu Ayres com severidade.

—Queres tu dar por concluida uma scena desagradavel? Deixa-me!

—Quer dizer a senhora que a deixe, divorciando-me? Assim ha de acontecer.

—Quando a derradeira moeda tiver cahido no abysmo das outras—retrocou serenamente D. Rosa.

—Abysmo cujas fauces seu filho está alargando.

—Não fallemos em despesas de meu filho; que os gastos d'elle em Paris são inferiores ao rendimento das quintas que eu administro ha dezesseis annos.

—A senhora defende o seu libertino filho?

—Defendo, e peço ao meu libertino marido que o defenda tambem, ou pelo menos o não accuse.

—O quê?! explique-se!—bradou convulso Leopoldo.

—Nada de phrenesis! Bem vê que eu não me altero, senhor. Não me dê como exemplo de desmoralisação um rapaz de dezesete annos, creado sem pae para o amor, e para o rigor da educação. Em quanto houver rapazes de quarenta annos é justo que se desculpem as leviandades dos velhos de dezesete!...

—Eu despreso essa affronta!—rugiu suffocado de raiva o homem picado no orgulho de galan não despeciendo—Os seus avós estão fallando na senhora! Essa grosseria villan é irrupção do sangue bohemio que lhe ferve nas veias!...

—Biltre!—disse Rosa n'um quasi murmurio inaudivel, dispondo-se a cortar o dialogo com a prudente

retirada; elle, porém, regorgitando ainda colera, que lhe fusilava nos olhos e espumejava nos beiços, impediu-lhe a sahida da recamara, postando-se de encontro á porta.

—Afaste-se!—exclamou ella com serena dignidade e um mover de olhos do mais fidalgo desdem.

—Não quero!—bradou elle cruzando os braços—Ayres Cortez não se move ás ordens da filha de Bernardo, o tendeiro de Lanhoso.

—Então que me quer dizer o infamado fidalgo?—contraveio Rosa, cruzando tambem os braços.

—*Infamado!* sim, diz bem, *infamado!*—replicou elle, bamboando a cabeça, e trincando no labio o frouxo de riso sarcastico—*Infamado* por que sou seu marido, porque deshonrei o pundonor da minha geração de honrados ascendentes, ligando-me á mulher que me trouxe um filho illegitimo como penhor de sua virginal innocencia! *Infamado* por que...

—Cale-se, miseravel!—interrompeu a anciada senhora, comprimindo o seio traspassado de angustia inexprimivel — Cale-se — proseguiu ella soluçando — eu nunca pensei que, ao cabo de dezesseis annos de extremosa esposa, podesse uma pobre mulher ser tão covardemente insultada pelo homem a quem ella contou as infelicidades da sua vida... Ó senhor! eu illudi-o por ventura? O senhor não me viu um filho nos braços? Não lhe disse eu que era peccadora? Não me disse o senhor que maiores culpas desculparia á innocencia que me cegou?...

—Porém—respondeu Leopoldo exacerbado pelo tom humilde, mas pungente da interrogação—porém a senhora não me disse que seu filho, este incessante

pregão da sua deshonra, viria para minha casa!...

—Que quer o senhor que eu faça ao meu filho? Se eu sou a mãe desse infeliz, que o senhor sem causa detesta, quer que o expulse?

—Quero que opte entre elle e eu.

XI

Desde que Leopoldo desentoára em gritos no começo da altercação, a criada particular de D. Rosa, devotadissima serva e melhor amiga, que já havia sido ama de leite de Serafim, sahira ao corredor contiguo á recamara da senhora, pé ante pé, e applicára o ouvido, com as mãos inclavinhadas no rosto em afflictiva postura. E, quando Rosa, injuriada com as culpas da sua tão expiada candura, rompeu em alto choro, tambem ella chorava, affogando os gemidos com o lenço apertado nos dentes. Ao tempo que Ayres Cortez impunha á mulher a opção, a criada viu surgir silenciosa e surdamente, no outro cabo do corredor, o vulto de Serafim. Caminhou ella estugando o passo ao encontro d'elle, como se o quizesse desviar d'ali; mas Serafim, apru-

mando o dedo indicador sobre o nariz, tão imperativo gesto fez, que a ama se quedou cobrindo o rosto arquejante com as mãos.

Abeirou-se o filho de Rosa da empena envidraçada da porta, no lance em que Leopoldo repetia a proposta a que, da primeira intimação, a attribulada mãe e esposa não respondera.

—É escolher!—repisava elle—ou eu ou seu filho! E nada de subterfugios. É decidir: ou seu filho sae de Paris, e vae comer o que tem lá onde quizer, ou eu a deixo em digna companhia de tal canalha. Escolha!

—Escolhi.

—Diga.

—Deixe-me com meu filho—respondeu D. Rosa com magestosa altivez, n'um bello impeto maternal.

—Esperava essa resposta!...—volveu Leopoldo casquinando o riso do pungente ultrage.—Assim devia responder a mãe que se reconhece na alma vil do filho, a mulher que se revê no fructo do seu impudor! Appoiada, sr.ª Rosa de Simães, appoiada! Fique; eu irei lavar no arrependimento as manchas que levo da sua companhia; e, quando me perguntarem que rasões tive para me desquitar da senhora, direi que lhe perguntem quem é o pae do devasso a quem me sacrificou. Fique, e seja feliz!

—Não é feliz quem é pobre—balbuciou ella.

—Quer dizer...

—Que sou pobre.

—Dê largas á sua idéa... nada de meias palavras...

—O senhor tem bastante espertesa para supprir a outra metade das minhas palavras, se me acha muito concisa.

—Acho-a muito vil... é o que eu a acho, senhora! Se queria hoje retirar-se com a sua «fortuna», não a gastasse em bailes, em carruagens, em ostentações, em modistas, em banquetes.

—Isso é abjecto!—argumentou ella com a tranquillidade da consciencia justa—eu acceitei os seus prazeres como meus, sacrifiquei-lhe o meu filho ás suas fidalgas vaidades de ter uma côrte a quem era necessario apresentar uma creança, entrei nas suas carruagens sem me lembrar que eram minhas, devorei muitas vezes as lagrimas nos seus banquetes, lembrando-me que áquella hora estava em Portugal um menino, que me tinha salvado da morte, pedindo-me no sorriso de anjo que vivesse para elle! E tive animo de o abandonar ás frias caricias de estranhos, em quanto o senhor atirava ao regaço das suas amasias mãos cheias de ouro usurpadas ao que eu devia respeitar como um deposito inviolavel de meu filho!

—Quer dizer que a roubei?

—Não; não me roubou: empobreceu-me; e hoje atira-me ao rosto com o meu passado, e vê-me na cara as manchas que não viu, em quanto eu as pude esconder debaixo de uma mascara de brilhantes. Pois seja assim; vá com Deus, e varra as gavetas, se ainda tem que varrer. Leve tudo, e deixe-me a minha honra rehabilitada pela sua deshonra. Quer metade de umas pedras preciosas que ainda tenho? quer dividir os bens do casal? diga-o francamente, que eu parto em dois este fio de diamantes, e cedo metade para o pescoço da Maria Godefroid da rua Marbœuf, ou da Vauthier da rua Odèon.

Os nomes e residencias das duas amásias manteudas,

sobre-excitaram Ayres Cortez em apostrophes iracundas esbofadas em monosylabos. E ella contemplava aquelle escabujar do opprobrio incontricto, e assanhado pela impossibilidade da justificação. O sorriso de Rosa, que já não podia duvidar da revelação do filho, era rancoroso quanto póde ser em mulher da condição d'aquella.

—Que contursões são essas?—volveu ella com sobranceria—Que rugidos tão improprios de quem devia cahir de joelhos diante da esposa honesta, que nunca pensou sequer no desforço tão vulgar em outras, e que, vendo sahir d'esta casa os saccos do dinheiro, nunca perguntou se a fome poderia entrar por onde elles sahiam!

—Silencio!—bradou elle cerrando os punhos.

—Cuspo nas suas mordaças, senhor! Ameaça-me?...

—Não a ameaço!... esmago-a se não cala essa infame bocca!

E avançou para ella, recurvando os dedos de ambas as mãos. A mulher esperou-o immovel, risonha, arrogante. Elle refreou-se diante d'aquella fixidez esculptural; mas, como Rosa desse aos hombros, murmurando: «vejamos como bate em uma mulher este ignobil fidalgo» elle espalmou-lhe na face uma possante bofetada, que a fez ir de encontro a uma ottomana.

N'este conflicto, Serafim desandou no corredor, muito ás surdas; e quando a ama se abraçava n'elle pedindo-lhe com gestos que acudisse á mãe, o moço repetiu o signal de silencio, travou-lhe do braço, levou-a comsigo para logar distante da casa, e disse-lhe com encavernada voz:

—Juras que nunca dirás a minha mãe que me viste n'este corredor?

—Por que me diz isso, menino?—clamou a ama, despercebendo o fim de tal juramento.

E elle repetiu:

—Ou juras, ou nunca mais volto a esta casa!

—Juro, meu filho, juro—accudiu ella pondo as mãos.

E Serafim desceu ao seu quarto situado ao rez do pateo interior do palacete.

Entretanto, Rosa, prostrada no sophá onde cahira, curvou-se sobre as travesseiras do respaldo, escondendo n'ellas o rosto.

Esta postura aggravava as ancias da asphixia causadas pelos soluços. Instantes depois, prorompeu em gritos estridentes, mas involuntarios: era um accesso de estherismo, com estertores de braços e tamanhas convulções que já se estorcia no pavimento, quando as criadas lhe acudiram.

Leopoldo, depois do insulto, quedara-se instantes debruçado sobre ella com os braços inteiriçados e a respiração fremente. Depois afastou-se de impeto, a passo accelerado, e entrou no seu gabinete. Abriu uma gaveta de um contador, tirou alguns punhados de moedas de ouro, de bilhetes do banco.

Relançou os olhos para o relogio do salão de espera, e vio que era meia noite. Quiz pedir luz, por que o lampião da escada, contra o costume, estava apagado; mas a impaciencia de sahir era maior que o receio da escuridade. Desceu a escada tacteando o corrimão; e, quando punha o pé no pateo, sentiu-se filado pela lapela da casaca. Deu um grito, e abrangeu ainda o corpo de quem o atacava; porém, os braços, como se lh'os desconjunctassem pelas espaduas, cahiram, laxos e inertes,

quando uma e repetidas punhaladas lhe romperam as entranhas.

Ninguem ouvira o grito nem o baquear do corpo no ladrilho.

Serafim arrastou o cadaver para o portão, que abriu, mansamente, o espaço bastante á passagem de um homem. Em seguida, olhou e escutou os vultos e os rumores da rua Vrillière. Retrahiu-se, e cerrou a porta em quanto ouviu o estrupido da patrulha de cavallaria. Depois, examinou com pachorrento esmero as janellas, onde ainda tremeluziam as lampadas dos artistas e dos estudiosos. E, com a segurança de não ser visto, arrastou o cadaver pelas lages da rua, sobpondo-lhe as abas da sobre-casaca para não gotejar na pedra alguma pinga de sangue, parando a cada empuchão, até o levar a distancia de cincoenta passos.

Feito isto com uns pautados movimentos que poderiam denominar-se a perfeição no genero, recolheu-se ao pateo, fechou o portão sem o minimo ringir de gonzos ou chave, examinou que o sangue não tivesse espirrado nos adobes, foi escutar ao postigo do porteiro, que resmuneava sonhando que ouvira um grito, entrou nos seus aposentos, lavou o punhal manchado de laivos vermelhos, lançou a agua ensanguentada ao esgoto, e atirou-se emfim para cima do leito, fitando o ouvido nos ruidos da rua.

Passada meia hora, ouviu o longinquo tropear pausado dos cavallos da patrulha. Deu tento de que ella parára a distancia provavel dos cincoenta passos. Ouviu o galopar de um cavallo, que presumiu com acerto ser o aviso levado á estação da guarda. Não podia descriminar o que se dizia, por entre o borborinho de vozes,

de passos e tropel de cavallos. Pouco depois, era profundo o silencio.

Serafim despiu-se, deitou-se de vez, e ahi ao romper da alva,... adormeceu!

A mãe é que não adormecera nem ouvira o arruido da rua; mas, Bernardina, a ama de Serafim, toda a noite, sempre que podia dar uma sahida do quarto da senhora, ia collar o ouvido aos resquicios das janellas, e decifrar no sussurro exterior o terrivel acontecimento que succedera.

D. Rosa, ás tres da manhã, disse á ama:

—Tornas a vêr a tua terra, Bernardina. Voltamos para Portugal, e lá vou morrer onde nasci... Mas eu antes queria entrar na sepultura que em Simães.

—Crédo, minha senhora! antes em Simães!—emendou Bernardina.

—Que alegria—continuou D. Rosa—vou dar a Josefina! Quando ella souber que eu voltei pobre e sem marido!

—Pobre é o demonio, que perdeu a graça de Deus—consolou a ama—v. s.ª ainda tem as duas melhores quintas do concelho da Povoa; lá isso de não levar marido, faça de conta que vai melhor sem elle. Levamos o nosso menino; que mais queremos nós?...

—Se elle soubesse o insulto e as palavras que eu ouvi e soffri esta noite...

—Ai! Deus nos defenda! O sr. Serafim dava-lhe cabo da casta ao senhor doutor!

—Meu filho decerto não estava em casa, porque sahiu quando o sr. Cortez entrou.

—Acho que sim...

—Quem me dera saber se elle ficou por fóra... Es-

tá quasi a romper o dia...—disse D. Rosa abrindo as portadas da janella que dava para o jardim—Se tu fosses perguntar ao guarda-portão se o menino recolheu....

—Vou sim, minha senhora, pois não vou?

Bernardina, resando o credo persignado sobre o coração, e estremecendo enfiada de medo a cada rastolhada de ratos nos forros da escadaria, bateu ao postigo do porteiro, e perguntou-lhe a que hora viera o menino.

—Deitou-se ás onze e meia—disse o velho, accrescentando: e o sr. doutor Ayres entrou ás onze e não tornou a sahir.

—Sahiu—disse a criada irreflectidamente.

—Não sahiu—negou o porteiro—vossê quer saber mais do que eu? Não estou aqui a guardar cabras. Ha mais de uma hora que estou á vela. Não sei que diabo ahi vae na rua...

—Anjo bento!—atalhou Bernardina, benzendo-se com a mão toda.

—Que tem vossê?—perguntou o porteiro, que não atinára com o motivo da exclamação beata da ama.

Bernardina já lhe não respondera, galgando as escadas a duas e duas, não só conturbada pela intervenção da palavra *diabo* em tal hora e conjunctura, senão quando ouvira dizer distinctamente na rua: «Tem o estomago cozido de facadas.»

Chegou a mulher mortalmente livida ao pé da senhora, e disse-lhe, a vozes truncadas, que o sr. Serafim se recolhera á cama ás onze e meia.

—Oxalá que elle não ouvisse nada...—disse D. Rosa, e proseguiu, volvidos alguns segundos:—Não quero que elle saiba o que se passou. Tu não lh'o digas, Bernardina!

—Eu... não, minha senhora...

—Tenciono dizer-lhe que estou resolvida a ir passar algum tempo em Portugal, e o quero levar commigo, sem lhe contar que me separo para sempre d'este homem. Depois de lá estar, então lhe contarei, que me divorciei, e já não haverá perigo algum. O Serafim tem odio ao padrasto, e seria terrivel o desfecho das scenas d'esta noite, se meu filho as desconfiasse... Quem me dera poder dormir cinco minutos que fosse...— disse a senhora, esvahida de forças, e recostando a face febril á almofada do sophá.

N'este comenos, aldrabaram á porta rijamente quatro pancadas.

Bernardina pegou de tremer, e D. Rosa exclamou alvoroçada:

—Que bater é este?! Aquillo é cá em casa?

—É sim, minha senhora... Lá sahiu o porteiro do quarto... vae abrir a porta...

—Vou vêr o que é...—disse D. Rosa, erguendo-se de golpe, e amparando-se logo no hombro da criada— Dobram-se-me os joelhos... não posso dar um passo... Vaes tu ouvir do patamar da escada o que lá se diz?...

—Ahi vem já o porteiro subindo—observou Bernardina.

—Como tu tremes, mulher! que é isso? eu tambem estou assustadissima!...

O porteiro bateu em uma das portas interiores tres repetidas palmadas. Acudiu Bernardina, seguida da senhora, que sentiu inexplicavel medo de ficar só, por que vira oscillarem nas paredes uns lampejos que eram naturalmente o vasquejar das duas chammas dos castiçaes a extinguir-se.

E o porteiro disse o seguinte:

—Diga á senhora que o senhor doutor está morto na rua.

—Meu Deus!—exclamou D. Rosa, abrindo a porta com impetuosa energia—Que diz, porteiro? Meu marido está morto?!...

—Sim, minha senhora, e morto a facadas. Appareceu á hora e meia da noite! É o que dizem; mas eu realmente não sei quando elle sahisse de casa, tendo entrado ás onze e meia, e não tornando a sahir pela porta grande...

—Ó virgem santa!—bradou a viuva pondo as mãos—Vós bem sabeis que eu desejo morrer n'este momento!...

E alçando o rosto de sobre o peito arquejante, proseguiu:

—Mas quem o matou? que inimigos tinha elle?...

—Quem não tem inimigos!...—murmurou a ama, ensaiando já o modo de desviar suspeitas do assassino.

—V. s.ª quer que eu chame o sr. Serafim?—perguntou o porteiro.

—Chame—assentiu D. Rosa—e diga-lhe que eu o estou esperando.

Serafim já vinha subindo.

Nem remordimentos de consciencia nem esgares de hypocrita compaixão, nem sequer o minimo fingimento de assombro! Entrou serenamente á presença da mãe, que se lhe lançou nos braços, exclamando:

—Ó filho que desgraça! mataram-no! que mal fez elle? quem o mataria assim?

—Por emquanto nada posso responder-lhe—disse serenamente Serafim.—A justiça descobrirá os assas-

sinos, se poder. Ás vezes, morre-se ás mãos de salteadores nas ruas de Paris.

Bernardina não desfitava os olhos, nublados de lagrimas, do rosto do seu querido menino; e elle, relançando-lhe um olhar esconso, recordava-lhe em terrivel silencio o juramento feito. A ama percebeu-o, e abaixou os olhos em gesto de ratificar o que jurára.

Não se demorou ao lado da mãe, que se espantou do porte glacial do filho. Desceu ao seu quarto e recebeu os agentes da policia que recolhiam informações para devassar dos auctores conjecturaveis do homicidio. Serafim respondeu que seu padrasto era portuguez emigrado, e não tinha inimigos declarados nem suspeitos em Paris.

A justiça criminal, lavrado o aucto, mandou entregar o cadaver á viuva. E antes que o morto fosse depositado na sala nobre do palacete, Serafim quasi forçou sua mãe a sahir de casa, e entregou o encargo da sepultura a Jeronymo de Magalhães, amigo certo e grato de D. Rosa, e secreto inimigo de Leopoldo Ayres Cortez.

XII

A hypothese de haver sido o portuguez assassinado por ladrões, destruiu-a o achar-se-lhe nas algibeiras grande quantia de dinheiro em ouro e notas. Rastreou-se o crime na politica; por quanto, reunidos em Paris todos os reaccionarios que deviam no seguinte anno, 1828, acclamar no Porto D. Maria II, rainha constitucional, e sendo o doutor Cortez um dos mais activos fautores da expedição, alvitraram os seus proprios correligionarios que os ministros do Nero portuguez haviam mandado a Paris os seus sicarios. Esta conjectura correu com foros de irrefutavel. Leopoldo Ayres Cortez foi beatificado martyr do despotismo, e aureolado

com a coroa civica dos Gomes Freires, Britos e Gravitos.

Poucas semanas decorridas, D. Rosa, leiloadas as alfaias da sua luxuosa casa, sahiu para Portugal com o filho e Bernardina, e escondeu-se com a sua immensa dór nos arvoredos de Simães.

Contava ella então trinta e cinco annos; era ainda formosa quando enviuvou; e, desde a primeira hora que entrou em Simães, começou de encanecer e avelhentar-se precocemente. Seria grande parte n'este deperecimento o recordar-se de sua infancia, do seu amor verdadeiramente unico, de seu pae que alli se finára de vergonha; mas sobrepujava todas as angustias a desconfiança de que seu filho era o assassino de Leopoldo. A suspeita formára-se na combinação de gestos e palavras d'elle, feita com o animo já desalvoroçado. Mas a desgraçada refugia d'esta idéa com horror de si mesma, e não ousava dar sombra da sua desconfiança ao desvelado amor de Bernardina.

Os haveres da familia de Simães eram medianos, mas bastantes ao trato modesto da aldeia. As duas quintas, com o restante capital apurado em Paris, asseguravam a subsistencia e ainda algumas regalias de Serafim, como costumam fruil-as os fidalgos do Minho que, na posse de dois cavallos e tres galgos, pedem meças ao pompear sybarita dos principes persas.

Não obstante, Serafim Gonçalves, viciado nas gallas parisienses, descontentava-se da mediania de proprietario rural.

Relacionando-se com os cavalheiros conterraneos, achou-os intractaveis de estupidez, lorpas perpetuados em ponto de admiração, velhacos sob a mascara do

idiotismo, e sempre de pé atraz com elle, desde que o ouviram chacotear dos milagres de certos santos e santas oragos d'aquellas freguezias.

O pensamento do filho de D. Rosa era transferir-se para Lisboa, vendendo as quintas. A mãe impugnava-lhe o projecto com certa timidez, concluindo sempre por lhe dizer que dispozesse das quintas, que eram suas.

Bernardina, que se presava de ser attendida do seu menino, disse-lhe um dia:

—Sr. Serafim, não venda as quintas; faça o que eu lhe digo: case-se com uma rica herdeira, que eu lhe hei de nomear; depois vá para Lisboa, que ha de ter dinheiro para tudo, sem vender a casa onde v. s.ª nasceu e mais sua mãe.

—Quem é a herdeira?

—É uma menina, filha unica de um irmão do Manuel Vieira que deixou a herança a seu avô, Deus lhe falle n'alma. O pae d'ella era um Mathias do Couto, que o povo matou em Braga, para o roubar, quando os francezes lá entraram ha vinte annos, pelos modos. A menina, que por signal se chama Leonor, é mais velhinha que v. s.ª tres ou quatro annos, e está e mais a mãe na quinta de Monsul; mas olhe que ella tem sete quintas em Louredo, em Brunhães, em Covellas, em...

—Está bom, está bom: antes de vêr as quintas, quero vêr a rapariga.

—Isso faz-se com geito, menino; não vá v. s.ª cuidar que está na França. Monsul é uma coisa, e Paris é outra. Eu é que hei de ir primeiro...

—Vêr a noiva?

—Pois então! e que seja eu? Se ella for bonita, logo lh'o digo; mas não é isso, menino; eu quero pri-

meiro deitar as minhas inculcas, e saber se ella ja está amanhada lá com outro noivo.

—D'isso não tenhas tu mêdo. Mais depressa o hei de eu saber, sem o perguntar, do que tu com as tuas inculcas. O negocio corre cá pela minha agencia, Bernardina. Amanhã já te hei de dizer se caso ou não.

Esporeou Serafim o fogoso cavallo para Monsul, bateu a carcovos e galões a calçada por onde corria o paredão da quinta, os cães remetteram por sobre os estrepes dos muros contra o fumegante baio: era um estridor digno de um esquadrão! A menina Leonor do Couto assomou no miradouro sobreposto á parede, correspondeu ao comprimento silencioso do cavalleiro que a remirava a fito, córou, estranhou o reparo, viu-o ir muito de passo voltando-se no selim; pareceu-lhe até que o vira sorrir; scismou, escogitou desfolhando distrahidamente um ramo de flores, e todo seu desvello e zanga era não ter quem lhe dissesse a terra e o nome d'aquella pessoa, tão differente de todas as pessoas das terras de Lanhoso.

N'este entretanto, abeirou-se do mirante um filho de proprietario rico, de nome Jose Velloso, que namoriscava desafortunadamente a neta do monge de Bouro. Perguntou-lhe ella quem seria um cavalleiro muito taful, que passara a dar upas n'um cavallo muito lindo.

—É o filho da Rosa de Simães—respondeu o ciumento Velloso que, a respeito de Leonor, tinha o quer que fosse do outro Velloso do Camões, quanto ás moças da ilha.

—Não sei quem é...—tornou ella dissimulando a crescente curiosidade.

—Ora não sabe a Leonorsinha outra coisa! É filho

da Rosa, que tinha o pae tendeiro, e que herdou do tio da menina...

—Ah! já sei... já sei... minha mãe disse-me que viera agora de França uma senhora, que tinha amado não sei quem...

—O Alexandre de Calvos, que casou em Fonte-Arcada e é agora tenente coronel...

—Um que não faz caso da mulher?

—Isso; nem do filho, que está a ordenar-se para ter que comer, por que o pae deu cabo das duas casas, a d'elle e a da mulher... Pois este rapaz, que a menina viu, é filho do tal Alexandre... Se sahir á casta, ha de ser boa peça...

—Isso lá não regula... póde ser melhor que o pae.

—A menina, pelos modos, não desgostou do bonifrate...—disse José, dardejando-lhe um máu sorriso, que resvalou no desdem da moça.

—Eu! tanto se me dá como se me deu! E, se gostasse? Sou senhora dos meus gostos... ora ahi está!

D'estes dizeres não è justo deprehender-se que a menina de Monsul fosse eloquente; mas isso não desfaz na belleza, frescura e graça natural da rica herdeira das sete quintas, contadas por Bernardina.

Velloso retirou-se amuado n'aquella tarde, e ella, quando o viu ir, disse entre si: «Nunca tu cá tornes, azemél!»

Serafim declarou á sua ama que a rapariga era galante, que elle podia amal-a e o casamento era muito possivel.

—Pois o menino já lhe tocou no caso?!—perguntou Bernardina pasmada do afogadilho do negocio.

—Isso ha de ser ámanhã.

A ama não julgaria extraordinaria cousa dizer-lhe o menino, no dia seguinte, que já estava casado.

Na volta da segunda excursão ao casamento rico, relatou Serafim que abrira palestra com a moça, pedindo-lhe um ramo de alecrim que ella promptamente lhe dera. Confessou ser a pequena bastante bruta; mas capaz de ser civilisada, e amada depois.

—E fallou-lhe no casamento? Ora se fallou!...

—Não: perguntei-lhe se amava algum homem. Disse que não. Perguntei-lhe se poderia amar-me. Respondeu que podia ser. N'isto, passava um caçador rapazola olhando-me de certo feitio. Medi-o d'alto a baixo, em quanto elle passava. «Isto pertence-lhe?» perguntei a Leonor. A pequena córou lindamente, e disse que a sua mãe a queria casar com aquelle rapaz, que ella aborrecia. Já vês, Bernardina, que tenho contra mim a mãe...

—Isso lá quem sabe!... Eu tenho na freguezia de Monsul uma prima que é comadre d'ella... Sonda-se-lhe o interior...

—Não se sonda o interior de ninguem—recusou Serafim.—Que se me dá a mim da mãe nem do diabo? A pequena salta do mirante á anca do meu baio, e desapparece n'um prompto.

—Isso não é bonito, meu filho!—objectou a ama—Falle com a mãe da menina, ou deixe-me arranjar quem lhe falle.

—Já te disse que não me empates as vasas com pannos quentes. Qualquer hora vês aqui a Leonor de Monsul...

—Recebida á face da egreja...—atalhou catholicamente Bernardina.

—Isso hade ser depois...

—Depois? então o menino quer entrar em casa de sua mãesinha com uma manceba? Não faça tal, que acaba os dias da vida da minha infeliz senhora.

—Sabes tu dizer-me quem era meu pae, ó Bernardina?—perguntou o filho de Alexandre com um sobrecenho de affrontoso despreso pela mãe.

—Que diz o sr. Serafim?...—balbuciou a ama, recordando, a pesar seu, a cara que lhe vira em uma noite horrivel de Paris.

Elle não lhe respondeu, deixando-a a scismar na terrivel e arrebatada interrogação.

Mas, em verdade, Serafim ignorava quem fosse seu pae? Com certeza ignorava. D. Julia Queiroz havia-lhe dito que sua mãe fôra casada e era viuva do pae d'elle, quando passou a segundas nupcias. N'este presupposto foi para Paris, e nunca lhe passou pelo espirito a duvida de sua honrada procedencia, até que ouviu aquellas injurias de Ayres Cortez cuspidas no rosto da mãe... *Assim devia responder a mãe que se reconhece na alma vil do filho, a mulher que se revê no fructo do seu impudor... Quando me perguntarem que rasões tive para me desquitar da senhora, direi que lhe perguntem quem é o pae do devasso a quem me sacrificou.* Além d'isto, muitas phrases de sua propria mãe, ditas n'aquelle conflicto, desmentiam a honesta geração que lhe inventára D. Julia.

O desengano magoára-lhe medianamente os brios. Não podia haver fibra primorosa de honra n'aquelle mancebo de dezesete annos, que matára nas trevas a facadas um homem inerme, bem que houvesse recebido d'elle signaes, e palavras de intranhada aversão. De

certo, não queimava o ferrete da filiação illegitima a fronte d'aquelle mal-fadado, cujo cerebro fermentava atrocissimos crimes, e tantos que, mais tarde, o veremos na mais severa expiação que podia infligir-lhe a justiça humana.

Estando elle já em Simães, perguntou a sua mãe de que familia d'aquelles sitios era seu pae. D. Rosa, sobresalteada pela pergunta, balbuciára que seu pae era d'outra provincia. O filho não instou, nem reparou no semblante afflicto da sua mãe. «Que me importa?» diria elle entre si.

A pergunta, repetida á ama, era uma resposta ultrajosa aos reparos moralisadores da criada, quanto a trazer elle ao seio da familia e á presença de sua mãe uma menina raptada e concubina.

Observou D. Rosa, desde o assassinio do marido, não só desfalque no pouco respeito do filho, mas tambem despreso. Em Simães, corriam dias inteiros sem se verem. Ella procurava-o no seu quarto, impulsada por accessos de ternura, que elle glacialmente lhe esfriava no coração, apenas se defrontavam.

Qualquer expressão pesarosa que proferisse, avincava o sobrôlho de Serafim. O tregeito do olhar, que lhe elle vibrava de esguelha, fazia medo á pobre mãe. E, como a fatalidade da raça lhe impeçonhára o sangue, algumas vezes, ella, nos intervallos da ira, dizia comsigo: «Oxalá que eu o tivesse engeitado como todos me aconselhavam!» Todos, em verdade, lh'o haviam aconselhado, desde o pae até ao vigario, que sabia o segredo d'aquelle desdouro.

XIII

As contrariedades sahiram-lhe ao namoramento de Leonor.

José Velloso, sobrinho do reitor de Campos, queixou-se ao tio da inconstancia da noiva, que ambos reputavam contracto feito. Lamentou-se o rapaz de ser supplantado pelo filho de Rosa de Simães.

O reitor de Campos era o confessor de Thomasia, mãe de Leonor. Com bom fundamento, tranquillisou o padre os sustos do sobrinho, quanto ao casamento; mas não conseguiu o mesmo exito quanto á inteiresa da sua cara, por que Serafim de Simães lhe dissera que lh'a quebrava, se elle continuasse a perseguir com baboseiras amorosas a menina de Monsul.

O reitor intendeu-se com a confessada, contou-lhe o que ella não ignorava respectivamente aos amores illicitos de Rosa; assegurou-lhe que os haveres do tal Serafim eram apenas duas quintarolas já empenhadas, e concluiu por onde devia começar dizendo que nem o rapaz nem a mãe iam á missa; e, de mais a mais, elle escarnecia da milagrosa santa Ursula de Ferreiros, de santa Esculapia de Aguas-santas, e dos santos irmãos Cosme e Damião de Gallegos. A senhora Thomasia teve dois ataques successivos de flato, durante os quaes deu arrotos que mugiam como urros: tanta era a sua piedade escandalisada!

A menina jazia estupefacta á beira da mãe, que lhe punha os olhos esbugalhados de maldições, ao passo que o reitor de Campos lhe repetia o que dissera á confessada.

Prometteu Leonor não continuar o namoro. A tempestade passou.

Mas, á hora da sesta, como a mãe se estivesse apparelhando para no dia seguinte, que era santificado, ir dignamente aos pés do seu director espiritual, foi Leonor ao mirante, e contou a Serafim tudo o que o padre dissera, citando o nome de Alexandre de Calvos, e não omittindo phrase alguma das que a innocencia não percebe, e a delicadesa não repete ao filho da mulher affrontada pela maledicencia.

Serafim ouviu-a com inalterado aspeito.

—Amas-me tu, Leonor?—perguntou elle.

—Amo, sim.

—Então, salta d'ahi que eu amparo-te nos braços.

—Saltar d'aqui! essa agora! p'ra quê?

—Vem para minha casa, e amanhã haverá um padre que nos receba.

—Isso não!—acudiu ella de prompto.

—Mentiste! Amas-me?

—Amo, sim; mas...

—Salta d'ahi depressa, se queres convencer-me do teu amor...

—Não faço isso, que mato minha mãe—balbuciou ella chorando.

—Não matas tua mãe; eu te prometto que ámanhã irá ella em busca de ti. Vem, se não queres que eu vá cravar um punhal no coração do infame padre que te contou essas historias!...

—Santo nome de Jesus!—exclamou a espavorida moça—pois tu és capaz de matar o confessor de minha mãe?!

—Sou, se me faltas á tua palavra de casares commigo.

—Valha-me Nossa Senhora! eu não falto; mas fugir de casa... isso não!

—Bem! não faltas?

—Já te disse que não, Serafim!...

—N'esse caso, vou tirar-te por justiça; e só sahirás da casa onde te depositarem para entrares commigo na egreja. Queres?

—Sim... d'esse modo...

—Juras que não faltarás á tua palavra, por mais diligencias que os meus inimigos empreguem para te despersuadir?

—Juro, juro.

—E sabes tu—tornou elle accentuando tragicamente as palavras—que a mulher, que me faltar á sua pala-

vra, está perdida? Que eu, se tu casasses com outro, seria capaz de te matar nos braços d'elle? Matar-te, comprehendes?

Leonor traspassou-se de terror, e tartamudeou:

—Juro que caso comtigo... já t'o disse.

Serafim, lendo no rosto d'ella mais terror que ternura, insartou as mais dôces phrases que tinha no seu cadoz de postiças meiguices, levando em vista desfazer a impressão de medo que lhe causára com os melodramaticos juramentos. A menina recobrou-se do pavor; mas tinha o coração negro, e amargurado pela idèa de deixar a mãe. Esta magoa transparecia-lhe nas expressões. Perguntára-lhe Serafim se lhe custava sahir por justiça. Leonor hesitou na resposta, e elle murmurou:

—Ah!... que não sei o que me adivinha o coração?... Tu és capaz da perfidia!... e, se me enganas, desgraçada!...

—Que homem, santo Deus!—replicava ella com transporte, mas sem a vehemencia do verdadeiro pesar de não ser crida—Verás que não falto á minha palavra... O que eu não posso é ser causa da morte de minha mãe...

Apartaram-se bem reconciliados e carinhosos.

Teria elle amado alguma hora a mulher que a sanguinaria phantasia lhe prefigurou derrubada a seus pés com o punhal no seio? Não. A mulher, emquanto è amada, está involta na tunica immaculada do prestigio. Antevêl-a criminosa, e prelibar a vingança, matando-a, se tal sentimento cabe na alma do homem, é porque a imagem da mulher querida com primorosos sentimentos já lá se desluziu.

E ella amal-o-hia? Tambem não, porque era innocente, simples, natural. Aborrecia o sobrinho do reitor, isso é verdade; mas, obrigada a maridar-se (palavra hedionda, mas selecta para definir as carnalisações unipersonaes de dois authomatos procreadores) obrigada a maridar-se com aquelle ou com outro peior, seria fêmea bem procedida. Agitou-se vivazmente quando viu o taful de Paris em bizarrias de ginete; gostou-lhe as palavras penteadas, e contentou-se das affoitezas que o estremavam dos salobros amorios de José Velloso. Assim foi; mas desde que ella se sentiu predominar do mêdo, a confiança retrahiu-se, a egualdade de alma com alma desfez-se, e o amor feneceu-se tão instantaneo como desabrochára. Toda a mulher é como Leonor. Em começos de amor, dar-lhe a presentir que a infracção do sentimento espontaneo póde ser castigada com a perda da vida, é o mesmo que apagar-se uma luz com uma rajada de vento, é esmagar uma flôr porque ella pòde ter no seio das petalas uma vêspa.

Como quer que fosse, no dia seguinte, Serafim deu aviamento ao processo. Era necessario que a nubente requeresse o deposito. Procurou-a com o rascunho do requerimento; mas não a viu no mirante. Irritado, bateu a uma das portas da casa. Fallou-lhe um criado, de quem soube que a menina estava na egreja com sua mãe, resando o terço. Entrou no templo, esperou encostado á pia da agua benta, em pé, em pé escandalosamente. E Leonor, que o vira, concluida a resa, pôde dizer-lhe em quanto a mãe fazia profundas cortezias ás milagrosas imagens dos seis altares:

—Não pude esperar-te. A mãe obrigou-me a vir com ella.

—Aqui tens o requerimento que has de copiar, e lançar-me esta noite da janella ás onze em ponto, que hei de estar ámanhã de volta de Braga.

Era já o mêdo que lhe movia o pulso copiando o requerimento. Á hora prefixa, Serafim, que já havia tratado com a familia depositaria da requerente, partiu para Braga a colher o mandado do deposito.

Dois dias depois, o juiz ordinario e escrivão, delegados para instrumentarem a remoção da esposa, acompanhados do noivo, chegaram a Monsul. Um criado lhes disse que a menina havia sahido de madrugada para longe, seguida de parentes. Avisado Serafim, que ali perto esperava o resultado da diligencia judiciaria, deu de esporas ao cavallo, e rompeu pelo eirado dentro com desesperado impeto. Apeando, bradou que os criados mentiam, e que D. Leonor estava em carcere privado. Thomasia e o padre confessor, que lhe assistia n'aquelle dia de afflicção, tremiam ouvindo o praguejar do filho de D. Rosa. E, como elle gritasse que queria fallar á mãe de sua noiva, e o reitor aconselhasse á confessada que o ouvisse, Serafim foi conduzido á presença da assustada senhora.

Uma mulher de cabellos brancos, em pé, ao lado de um sacerdote de venerando aspeito, incutiria respeito a alguem menos iracundo e desempoado que o alumno dos dissolutos da moderna Babylonia, como o reitor de Campos denominava a execranda Paris.

—Onde está sua filha?—perguntou Serafim rispidamente á senhora, dispensando-se de exordios e comprimentos.

—Minha filha—respondeu tremente a sr.ª Thomasia—não está em casa.

—Pergunto onde está.

—Deus sabe aonde.

—Responda-me direito—volveu o neto do buffarinheiro Bernardo.

—A filha da sr.ª D. Thomasia do Couto—disse gravemente o padre confessor—recolheu-se por sua livre vontade a um mosteiro de religiosas de Vianna.

—Mente!—bradou Serafim.

—Eu disse a verdade, e repito-a debaixo de juramento na presença de Jesus Crucificado—repetiu o cura, apontando para um painel.

—E foi por sua livre vontade?—recalcitrou o moço com as faces tumidas de colera e as veias repuxadas e roixas.

—Tão livre como as aves que voam no espaço—ractificou o clerigo.

—Ninguem a aconselhou?

—A inspiração divina.

—A que chama vossê inspiração divina?—voltou Serafim, cravando-lhe os olhos assanhados.

—A vontade do Senhor—respondeu o cura.

—E, se eu descobrir que vossê a moveu á infamia de quebrar o juramento que fez, sabe que lhe corto as guellas simplesmente por inspiração humana?

—Não me assusta, sr. Serafim—volveu reportadamente o sacerdote—Eu acceito as injurias e as offensas por amor de Deus, e em cumprimento dos meus deveres. A sr.ª D. Leonor não me pediu conselho sobre ser sua esposa ou recolher-se ao mosteiro; se m'o pedisse, dir-lhe-hia que não fosse sua mulher.

Serafim avançou dois passos contra o immovel velho. Os homens da justiça que eram presentes, inter-

vieram, levando da sala o allucinado rapaz. Thomazia estava de joelhos e mãos postas, como no dia em que lhe levaram o marido a rastos de ao pé d'ella, e o espedaçaram a cutiladas na rua.

Serafim deu rédea desapoderada ao cavallo, deteve-se pouco tempo em casa, e foi a Vianna.

Informando-se, soube que no convento de Jesus havia entrado uma menina do concelho de Lanhoso. Foi á portaria, e disse imperativamente que chamassem D. Leonor da parte de Serafim de Simães.

A recolhida, quando recebeu o aviso, começou de tremer, e olhar para as religiosas com ar supplicante de protecção. Em breves termos contou os motivos de sua vinda, ainda ignorados, porque a prelada lhe abrira a portaria, em vista de uma ordem do vigario capitular.

A prioreza, que era senhora bem fallante, acceitou a missão de ir á portaria noticiar a Serafim que a menina recolhida preferira o divino esposo ás nupcias temporaes.

Desceu e voltou pasmada da insolencia, e petulante phraseado do homem.

—Quer elle—disse a prioreza—que a menina declare em papel escripto de seu punho que por sua muito livre vontade faltou ao juramento que fez de casar com elle. Sem isto, diz que não sahe da portaria, sem que a menina tambem vá! Olhem que desproposito!

Leonor chorava affligidissima, sem poder negar a verdade da promessa, nem de espaço justificar a transgressão do juramento. O que as freiras Jeronimas perceberam foi que a recolhida tinha obedecido a influencia celestial regeitando, á ultima hora, o esposo, segundo a carne.

N'este ascetico alvitre, encarregou-se a prioreza de ditar a declaração, que a dolorida menina escreveu d'este theor:

Declaro que renuncio a esposar-me com Serafim de Simães, porque a superior força da vontade divina me chama ás bodas celestes.

—Vae muito bem—applaudiu a escrivã.

E a redactora continuou, com o braço estendido em solemne postura, e o dedo indicador apontado ao papel:

—Escreva, menina:

Se o meu coração geme n'esta resolução, a minha alma gosa submettendo-se á vontade do seu Criador. Praza a Deus que o homem, que eu amei, se recolha tambem ao claustro a chorar os peccados do mundo, que são enormes. Convento de Jesus, 28 de agosto de 1828. Leonor do Couto, indigna noviça.

A criada, que levou a declaração a Serafim, disse que elle espedaçara o papel, assim que o lêra, e depois apanhára os papelinhos dispersos.

—Parecia o diabo do inferno, Deus me perdôe!—accrescentou a criada, benzendo-se.

XIV

Este desaire enfuriára a indole de Serafim. Afigurou-se-lhe que o vexame contentára os rapazes da terra, e nomeadamente alguns netos de padre Bento, primos de Leonor. D'estes havia um, que campava de cavalheiro, flôr de pimpões, famigerado em sangrar francezes e os seus proprios compatriotas. Era filho d'aquelle Raimundo que servira como sachristão os frades de Villar, e depois se chamára o *Bonzo*, por causa da preguiça fradesca do seu viver, tirante a fecundidade conjugal, que não era muito de frade.

O filho, como soubesse que Serafim ousára vituperar o proceder de sua prima na presença da mãe, bravateava valentias e ameaças ao de Simães, promettendo pôl-o abaixo do cavallo, quando o topasse.

Serafim teve noticia das roncarias de Feliciano *Bonzo,* assim tambem cognominado. Não podia vir mais a talho o ensejo de elle cevar as iras em alguem. Informou-se da paragem do chibante. Procurou-o de páu de choupa atravessado na perna, chapéu braguez posto na nuca, cigarro ao canto da boca, faxa vermelha, navalha gallega a reluzir na algibeira da véstia, sapato branco de atacadores e espora amarella afivellada. D'este feitio trajava o moço que em Paris emulára os casquilhos da primeira ordem.

O neto de padre Bento Ribeiro, e outros da sua parentella, reuniam-se em assembléas que Serafim não frequentava.

O poiso d'elles era uma taverna em S. Gens, onde se jogava, de noite e de dia, o lasquenete, a lasca, a bolinha. Alli, desde 1798, tinia o ouro da herança de Londres, primeiro em pequena copia, por que os jogadores eram os que haviam herdado a titulo de pobres; depois em avultadas porções, quando os que as perdiam, contra destros banqueiros de Braga e Porto, eram os filhos dos irmãos de Manuel Vieira.

N'aquelle anno de 1828, o maior numero dos netos do padre Bento desbaratava o resto do patrimonio. Alli, na taverna de S. Gens, se reunia o bello rapagão chamado o *Cavallaria,* por ser filho do Antonio, o antigo sargento d'aquella arma, os tres Simões, tambem alcunhados os *Tornos,* como seu pae, que em methodo de educação dos filhos malandrins adoptára o torno como correctivo e as orelhas dos rapazes como conductoras das boas maximas e corregimento do espirito. Não eram menos freguezes e dissipadores os filhos do Francisco Tamanqueiro que fechára a botica, paladio da

morte, e morrera já empobrecido, herdando aos filhos os vicios do ocio e do jogo, sem recursos que os alimentassem. Os netos do alferes de Cima de Villa e os do irmão do mestre-escola concorriam tambem áquella e a todas as tavernas onde se jogava; e por alta noite a crapula e a raiva dos que perdiam tingia, ás vezes, de sangue as taboas da mesa em que tanto homem, no vigor dos annos, predispunha a sua miseravel e deshonrada velhice.

Foi, pois, a esse foco, onde se fermentava para breve irrupção uma quadrilha de salteadores, que Serafim de Simães se dirigiu. Chegando á porta da taverna, soffreou o cavallo, pediu um copo de agua-ardente, deixou cahir as redeas com o desleixo artistico dos picadores de baixa estofa, e accendeu um cigarro na ponta do outro. O *Bonzo* sahiu ao limiar da porta, e mediu o cavalleiro.

—Sou eu mesmo—disse Serafim—Quer alguma coisa, seu fanfarrão?

—Vossê provoca-me, alma do diabo?—volveu Feliciano.

—Eu não o provoco; bato-lhe!—replicou Serafim sacando de sob a coxa esquerda o lódão que lhe assentou no alto do craneo.

E, assim que o *Bonzo* arrancou o punhal, e travou dos bridões do cavallo com a mão esquerda, Serafim desandou a rosca da argola que era a bainha da choupa, fincou-se nos estribos, tomou o páu a meio, e remeçou-lhe uma choupada ao peito. Feliciano ainda raspou o ferro na perna do cavalleiro, e cahiu.

Dez testemunhas presenciaram o conflicto, e todas depozeram que Serafim as desafiára duas a duas, tres a tres, ou todas juntas.

O juiz ordinario da Povoa de Lanhoso abriu summario e pronunciou Serafim, que se deixou prender sem resistencia, por que vira abocadas ao peito as espingardas das ordenanças de Calvos.

Ou por que a cadeia da Povoa não quadrasse a preso de tal importancia, ou por que o reo optasse pela cadeia da Relação, a cuja estancia levára a pronuncia, é certo que Serafim de Simães foi transferido para o Porto.

Dias depois da sua entrada, foi avisado de ser procurado por alguem. Desceu dos quartos de malta á sala commum dos presos visitados, e viu um homem que não conhecia, e o contemplava com silenciosa fixidez e mal dissimulada commoção.

Quem visse o visitante, de bigode grisalho, aspecto militar, bem que vestido á paizana, rosto fino, olhos negros e apenas separados por estreitissima linha, estatura mean e de poucas carnes, e ao mesmo tempo reparasse em Serafim, diria que ali estava um pae reconhecendo-se e relembrando-se nos dezenove annos do filho.

Um cavalheiro a quem devo grande parte do escorço d'este romance, e que viu Serafim Gonçalves, descreve-o com estes breves traços: *Era de altura regulár, delgado de corpo, cabello negro e corredio, olhos negros e ardentes, nariz aquilino e afilado, bigode côr de ebano muito lustroso, beiços delgados, pés e mãos extremamente pequenos.* O meu illustre informador encarece a voz de Serafim pelo timbre metalico, sonoro e ás vezes de encantadora melopeia. Que desharmonia entre as cordas na laringe e as fibras do coração!

O homem que procurava o preso era, sem duvida, o tenente coronel Alexandre Gonçalves.

Depois de o ter examinado, balbuciou:

—O senhor é o filho da sr.ª D. Rosa de Simães?

—Sim, senhor.

—Sua mãe acompanhou-o?

—Minha mãe ficou de cama.

—É doença grave?

—Dizem que está ethica.

Houve uma breve pausa.

—Ora diga-me, sr. Serafim—volveu o tenente coronel com visivel embaraço.—Certo, não me conhece...

—Decerto não.

—Conheci a sua familia; tanto basta para me empenhar em que o seu destino seja melhor do que se pinta em tão verdes annos.

—Agradeço a benevolencia.

Alexandre reparou no tom entre respeitoso e ironico do interlocutor.

—O senhor—proseguiu—teve a felicidade de não matar o homem a quem feriu.

—Indifferente...

—O quê? Indifferente...

—Matal-o ou não o matar. Matar-me-hia elle, o que seria menos saudavel para mim.

—Observo que trata ligeiramente de mais esta sua posição, que é triste, sr. Serafim!...

—Bem sei; mas eu não sei chorar-me, nem tenho o máu gosto de fazer chorar as pessoas que me procuram.

—E' heroismo na desgraça. Entretanto, olhe para a vida com mais seriedade. Está muito em tempo de retroceder. Affianço-lhe a sahida da cadeia, na proxima

semana. A relação annula o processo desde a pronuncia...

—Muito grato, se devo a v. s.ª tamanho serviço. Desejo saber o nome da pessoa a quem...

—São os desembargadores que o salvam. Eu sou apenas o mensageiro de uma boa nova, e depois sel-o-hei de uma proposta. O sr. Serafim, logo que d'aqui saia, deve entrar na carreira das armas.

—Não gosto da carreira das armas.

—Qual lhe apraz?

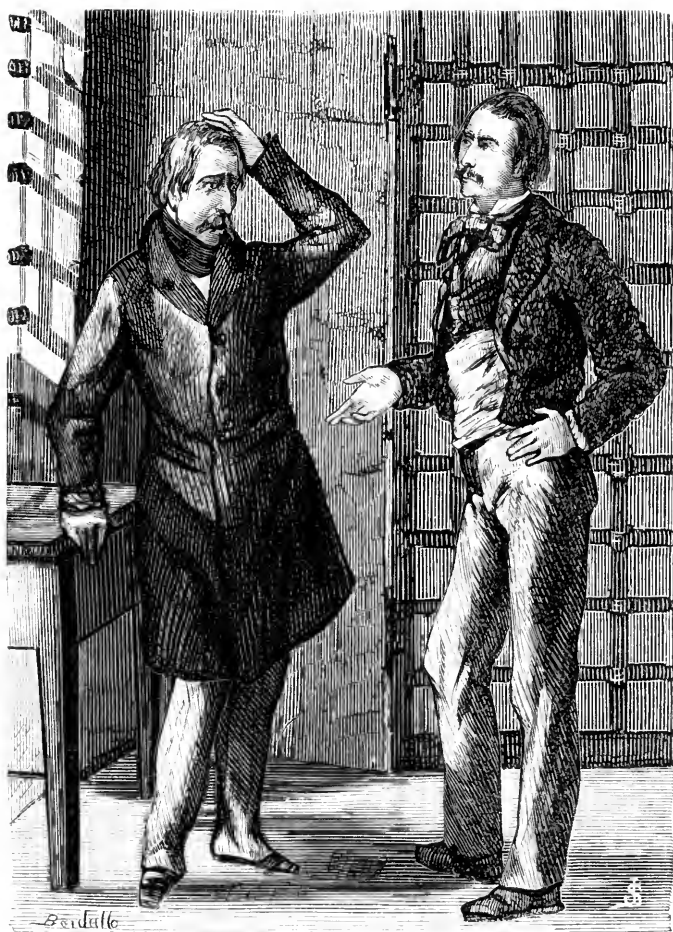
—Nenhuma, senhor, e menos a que impõe obrigações. Livre até aos dezenove annos, só acceito um captiveiro: o da sepultura. Quando se esgotarem os recursos que tenho, sei o caminho mais curto da morte.

—Que notavel desgraçado!—murmurou o tenente-coronel.—Mude de idéas, sr. Serafim! Esqueça-se da pessima philosophia que trouxe da França.

—Eu trouxe de lá alguma coisa peor que a philosophia, que não sei o que seja: trouxe as reminiscencias de uma vida larga, brilhante e alegre que apenas entrevi. Minha mãe deixou-se empobrecer por um infame dissipador que não era meu pae, e atirou commigo e comsigo para as serras de Lanhoso. Falta-me o ar ali! Parece-me que me será menos afflictivo morrer afogado em sangue que morrer de tedio.

—Incrivel!—disse mentalmente Alexandre, e continuou em voz alta:—Eu hei de vêl-o quando o senhor d'aqui sahir... Conversaremos.

—Onde devo procurar v. s.ª?

—Eu o procurarei—terminou o militar apertando-lhe ambas as mãos, e encarando-o fitamente com os olhos turvos de lagrimas.

—Que notavel desgraçado! —murmurou o tenente-coronel (pag. 128)

XV

Serafim, ao sahir do carcere, recebeu, de mão desconhecida, uma carta, que resava assim:

«Não encontras o homem que te visitou no carcere, por que o regimento que elle commanda, á hora que receberes esta carta, vae caminho dos Açores.

«Aquelle homem era Alexandre Gonçalves, de Calvos, teu pae.

«Viste um grande desgraçado, pela primeira e póde ser que ultima vez.

«Se lhe reparaste nas lagrimas, eu te rogo, meu filho, que digas a tua mãe que viste chorar um ancião de quarenta e tres annos, que ha vinte expia o seu crime.

«Se ella tiver a fortuna de se esconder com a sua

desgraça no tumulo, assiste-lhe á agonia, beija-lhe a face cavada pelas lagrimas, e vae procurar-me onde eu estiver. Se me achares morto, dá graças ao Altissimo; se vivo, praticarás a caridade de amparar teu pae n'esta derradeira phase da sua penitencia.

«Meu filho, vinte annos de soffrimento são em mim o castigo de uma resolução infame.

«Sê honrado; para que eu tenha um homem de bem que me lamente. Teu pae, *Alexandre*. Porto, 29 de junho de 1829».

Serafim sentiu-se remoçar na alma, quando lia aquella carta. Enverdeceu-se-lhe o coração árido ao abrolhar das primeiras lagrimas de dôr extreme de odio. Elle já sabia que seu pae era da casa dos capitães-móres de Calvos. Dissera-lh'o a candida menina de Monsul, relatando-lhe o que ouvira ao reitor de Campos. Todavia, por soberba ou por piedade de sua mãe, nunca proferira palavra que demandasse inuteis e vexativas explicações a tal respeito. Ignorava até que o pae vivesse. A familia do antigo capitão-mór de Calvos decahira tanto em importancia e haveres, que ninguem se entretinha a murmural-a ou deploral-a. Sabia-se que lá, n'aquella casa em ruinas, vivia uma senhora e um filho, que se ordenara a expensas dos parentes de sua mãe; e que o marido e pae d'esses dois entes abandonados desbaratára em devassas pompas a sua casa e a da esposa.

Voltando a Simães, Serafim abeirou-se do leito da mãe, que chorava de alegria ao vel-o inopinadamente.

Referiu-lhe o filho que um desconhecido o protegera, e lhe abrira as portas do carcere.

—E que signaes tinha esse desconhecido?—perguntou a mãe com alvoroçada ancia.

—Era um velho...

—Velho?

—Sim... velho... de sessenta annos talvez...

—Ah!...—murmurou ella—então...

—Diga, minha mãe... *então,* quê? Está-se lembrando se seria meu pae?

—Jesus!—exclamou ella.

—Era, era Alexandre Gonçalves. Aqui tem uma carta d'elle... Deve conhecer-lhe a letra...

Rosa sentou-se vertiginosamente no leito, alimpando o suor da angustia que se misturava com as lagrimas. Faltava-lhe luz no quarto para deletrear a carta. Pediu ao filho que abrisse as janellas. Debruçou-se para fóra até achar claridade bastante. Leu metade, apertando a fronte com a mão esquerda. A carta cahiu-lhe. O filho vergou-se para lh'a tornar á mão que parecia pedil-a; mas, ao offerecer-lh'a, a mãe resvalava do leito affogada por soluços, livida, e sem accôrdo.

Quando recobrou o alento, estava nos braços de Bernardina. O filho, em pé, com os braços cruzados sobre o peito, assistiu ao resurgimento da mãe que o encarava com o spasmo da insania.

Passados alguns silenciosos minutos, Serafim mandou á sua ama que sahisse do quarto. Depois, sentou-se rente com a cama, e disse:

—Minha mãe, conte-me tudo que eu não sei do seu passado até ao meu nascimento.

—Meu filho—balbuciou D. Rosa—eu nunca perdi a dignidade na desgraça. Sou tua mãe, e sou mulher. Não posso referir-te as coisas que não sabes. Melhor

é que as ignores; mas, se por força as queres saber, o mundo que t'as conte. Eu, por mim, peço a Deus que em breve m'as faça esquecer com a morte.

—Eu as saberei, minha mãe—disse Serafim, e sahiu do quarto.

Chamou Bernardina, fechou-se com ella em uma sala, e leu-lhe a carta do pae, com que a ama verteu copioso pranto.

—Dize-me tu agora, minha amiga, que motivo houve para que este homem, que parece ter soffrido tanto, abandonasse minha mãe, e me abandonasse a mim?

—O' menino do meu coração, não fallemos n'isso... Pr'a que quer saber...

—Nada de hesitações...—volveu com rispidez—minha mãe acaba de me dizer que pergunte a sua historia ao mundo: prefiro sabel-a de ti. Vamos. Eu te ajudo a memoria. Este Alexandre de Calvos namorou minha mãe...

—Com promessa de casamento.

—Sim? e então porque não casou? Minha mãe comportou-se mal?

—Não, menino; sua mãesinha adorava-o como se adora a Deus.

—Então quem foi que impediu o casamento?

—Foi uma traição da maior amiga que ella tinha. A senhora D. Rosa namorou seu paisinho em Fonte-Arcada, em casa da sua amiga intima, que se chamava Josefina; contava-lhe os seus segredos todos, todos. A tal traidora, que era prima do sr. Alexandre, tambem o amava; mas, em vez de lh'o dizer á innocente menina, calou-se, ou dava-lhe uns conselhos retrincados que tanto montavam como nada para quem tinha verdadeira

paixão d'alma. O sr. Alexandre foi para o regimento; seu avô, o sr. Bernardo, Deus o tenha á sua vista, que era a honra em pessoa, foi ao Porto onde ao sr. Alexandre, e lá chorou tanto e taes coisas disse que voltou para casa confiado na palavra que lhe dera o seu paesinho... Ah! eu não admiro que elle soffra tanto! o que eu admiro é que se possa viver com tamanhos remorsos...

—Não moralises o conto—interrompeu Serafim—o que eu quero é a historia com toda a simplicidade. Ora dize-me: por que foi meu avô ao Porto? Minha mãe foi logo abandonada?

—Sim, senhor; as cartas vinha lá uma de mez a mez, e o menino estava para nascer.

—E depois?

—Depois, seu avô morreu de paixão... Que morte, santo Deus! que dôr de coração vêr assim morrer um homem que...

—Adiante. E que fez a tal amiga de minha mãe?

—Não posso lembrar-me d'essa maldita sem peccar! Começou logo por despresar sua mãesinha; não lhe respondia ás cartas; nem quiz ser madrinha do menino. Afinal, a minha ama teve aviso de que a tal cabra da Jesofina se carteava de amores com o primo Alexandre. Comprou um criado da outra, e apanhou duas cartas, em que tratavam de se casar com brevidade. Sua mãesinha foi a Fonte-Arcada, insultou a outra, disse-lhe que ella era uma grande infame; mas que montou isso? d'ahi a pouco a perfida amiga estava casada com seu pae; e sua mãe, estallando de dôr, fugiu d'estes sitios, tirando-me dos braços muitas vezes o menino para o lavar com as suas lagrimas.

—Essa mulher, que atraiçoou e despresou minha mãe, é viva?—perguntou serenamente o filho de Alexandre.

—Acho que é; que eu não ouço fallar d'esse monstro, Deus me perdoe. Pelos modos, a vida que ella tem tido não é de invejar; mas, por mais que tenha chorado, o que ella não soffreu foi a vergonha do descredito...

—Agora moralisáste bem, Bernardina!...

—O quê, menino?

—Sabes tu, ama—tornou Serafim com um tregeito pessimo do seu sorrir—é preciso que os homens castiguem essa mulher, visto que a providencia não contende com as patifarias que se passam cá n'esta cavalhariça do globo.

—Que diz o menino? não o intendi.

—Tu me intenderás n'outra occasião.

Serafim foi d'ali ao quarto de sua mãe, que ainda estava sentada no leito, com o rosto escondido entre os joelhos, e as mãos recurvas nos cabellos desgrenhados. O filho poz-lhe a mão nas d'ella, que o fitou com espanto, como espertada de lethargia.

—Minha mãe—disse-lhe elle com brandura—já sei a triste historia. Meu pae, por mais que haja soffrido, não merece as suas lagrimas nem a minha affeição. Quanto á sua amiga Josefina, espero que minha mãe não morra, sem que a veja arrastada aos pés do seu leito!

—Oh filho!—exclamou D. Rosa, estirando para elle afflictivamente os braços convulsos—Oh meu querido filho, deixa essa desgraçada que tem sobre si o peso da infamia que eu não sinto... Escuta-me, Serafim...

Elle, se ainda a ouviu, não retrocedeu.

XVI

Desde que o sr. D. Miguel de Bragança se fez acclamar rei absoluto, em 30 de junho de 1828, o gentio depravado e vagabundo do concelho da Povoa refundiu-se na politica, e renasceu furiosamente turbulento.

Eram muitos os estimulos a impulsal-o: o confessionario, a cadeira parochial e o pulpito para a gente rude e bem intencionada; a fome, o rancor, e a vingança para a ralé corrompida por esse dinheiro de Londres que passára de paes a filhos os vicios gerados na ociosidade e repugnancia á vida de trabalho.

Nos campos, nas feiras, nos arraiaes, nas ruas, nas estradas estrondeavam os cantares do *Rei chegou*, os «vivas» e «morras», com o delirio do enthusiasmo, in-

flamado por incitações do clero, por beneplacito dos magistrados, e ainda por medo de um bando de homens armados, a quem competia a captura dos malhados conhecidos e dos estranhos ás facções.

N'esta formidavel jolda distinguiam-se os filhos dos seis irmãos de Manoel Vieira, e os descendentes do irmão de João Verissimo e de Tiburcio de Rendufinho. Eram, em summa, com adhesão dos vadios circumvisinhos, todos os freguezes da taverna de S. Gens, que sahiram d'ali esbulhados de dinheiro, mas ricos de patriotismo.

Serafim José Gonçalves (que adoptára o appellido do pae, desde que o tenente coronel o tratára de filho) sympatisára com a attitude politica dos seus conterraneos, e lamentára que a sua posição ainda elevada, com respeito á d'elles, e além d'isso a rixa travada com Feliciano Bonzo, lhe não abrissem occasião de acaudilhar a hoste.

Não sabia elle que o lance de derrubar o primaz dos valentes lhe grangeára a admiração, o respeito e até a estima d'aquelles homens servilissimos por tanta maneira que apenas lhes deu azo de o bajularem com cortezias para logo os viu rojarem-se abjectamente, offerecendo-lhes a direcção das suas empresas em pró do altar e do throno.

Acercou-se Serafim dos mais necessitados e destemidos do bando, liberalisando-lhes consideração, accésso a sua caza, e dinheiro procedente da quinta de Thaide que vendera. Eram trinta e tantos homens a guarda de honra que o filho de Alexandre se comprazia de uniformisar no trajo: chapeo baixo de aba estreita e rebitada, jaqueta, calça e colete azues, facha escarlate, cintu-

rão de cartucheira de coiro alvadio com faca e pistolas, sapato branco, ferrado e atacado por correias. Esta alcatea denominou-a o capitão a dos *Bravos de Simães.*

A pouco e pouco desertaram da outra cafila os mais escrupulosos, incitados pelo *Cavallaria,* neto do padre Bento, e de tanto conceito no animo de Serafim, que o honrou com a jerarquia de seu ajudante de ordens.

Constituido este fermento de exercito, que operações bellicas traçara Serafim Gonçalves? O intuito, revelado aos seus confidentes, segundo se deprehende do exame de vinte e tantos processos crimes, mais tarde instaurados contra elle, era arregimentar, disciplinar, aguerrir os *Bravos de Simães,* e atravessar, á frente d'elles, o paiz, até á capital, e ahi, alinhal-os em frente do palacio do rei absoluto, e offerecer-se a defendêl-o até que os malhados chegassem ao throno por sobre o estrado de seus cadaveres. Esta arrojada tolice, até certo ponto, vislumbrava o que quer que fosse do façanhoso D. Nuno Alvares Pereira, quando, cá por este Minho onde casara, arrolava os facinorosos dispersos, e arrancava com elles, a contento dos povos desbalisados, caminho do sul, pellidando pelo mestre d'Aviz, com pendão arvorado. Mas, ó santo condestavel, perdôa-me a comparação! tu morreste monge e sanctificado pela fama; ao passo que o caudilho da hoste de Lanhoso tinha a predestinação mui diversa da dos *condotieri* da meia-idade!

Por fim de agosto de 1829 eram já cento e vinte as praças capitaneadas por Serafim Gonçalves, que o povo acclamara coronel! O producto da quinta de Thaide estava exhaurido na caserna, vitualhas e pret da tropa, não obstante o *cavallaria,* e seus primos contri-

buirem com o restante de seus patrimonios para o luzimento da ala votada a morrer á ourella do throno.

Neste em meio, recebeu Serafim Gonçalves a seguinte carta, quando era já corrente a nova da derrota do exercito realista na villa da Praia, em 11 de agosto:

«Meu filho, se receberes esta carta, já eu estarei morto.
«É um camarada que a escreve, porque o braço direi-«to me foi amputado; mas outros ferimentos mortaes «me persuadem a que não posso sobreviver-lhes. Morro, «quando desejava viver por amor de ti; mas Deus sa-«be se é a sua divina misericordia que me cerra os «olhos, para que eu te não veja mais!...

«Dize a tua mãe, se ainda vive, que eu novamente «lhe peço perdão. Se hei de vêr o rosto do supremo «juiz a julgar-me, insta com tua mãe que retire da ba-«lança dos meus delictos o pezo das suas lagrimas.

«A herança que te deixo é um nome deshonrado. «Aprecia este legado, meu filho. N'elle aprenderás a «virtude, fugindo do trilho de teu pai. Se eu te deixas-«se a riqueza que tua mãe te promettia, podia ser que «te perdesses na abundancia. Trabalha. Sóbe até á vir-«tude pelos degraos da pobreza. Se cahires desfalleci-«do, cahirás honrado. Não posso mais que abençoar-te «com o coração. Tua mãe que me chore, que me dê a «caridade da sua compaixão. Teu pai.»

Seguia-se a seguinte notta da mesma lettra: *O senhor tenente coronel morreu de ferimentos do figado em 16 de agosto, ás 11 da noute.*

Serafim enviou a sua mãe por Bernardina a carta de Alexandre Gonçalves. Instava a ama que fosse tambem elle para lhe dar algumas consolações.

— Estou farto de vêr lagrimas — respondeu Serafim com desabrimento — Antes quero vêr sangue.

Não foi tão grande como Bernardina antevia a consternação da senhora. A vida estava na atrophia, a exsolver-se, os liames já distensos, sem rijesa para as angustias da reacção. Poucas lagrimas lhe exsudaram do coração lethargico. As palavras que murmurou eram umas preces por alma de Alexandre, e outras implorando a esmola da morte. Afora isto balbuciou:

— Em quanto elle vivesse, eu podia esperar a regeneração de meu filho. Assim, não!,.. Serafim está irremediavelmente perdido. Deus me acabe depressa, e o mate a elle pela sua infinita misericordia!...

Ao entardecer d'esse dia, Serafim escolheo doze dos seus homens d'armas, mandou cavalgar o *cavallaria*, e sahir de Simães ás dez horas da noite.

Por volta da meia noite, o abbade de Rio-Caldo, que n'aquelle mesmo anno se ordenara e collara na abbadia, vellava ainda com sua mãe, uma quebrantada velha que tinha sido, no dizer de Alexandre, a mais formosa mulher que elle vira. D. Josefina recebera n'aquelle mesmo dia a noticia indirecta da morte de seu marido, que ella não vira nos ultimos doze annos. A' meia noute, pois, estava ella ainda ao lado do filho, absorvida nas reminiscencias da sua mocidade triste, nas amarguras da sua vida de cazada, nas cruezas do marido, que podéra esquecel-a e mais ao filho. Estas recordações estancavam-lhe as lagrimas. A desamorosa ingratidão de Alexandre, acompanhada da libertinagem que a reduzira a pouco menos de indigente, não eram incentivo a que a viuva se carpisse inconsolavelmente.

A' meia noute, os cães da aldeia começaram a ladrar

e arremetter ao longe; pouco depois, as cadellas coelheiras do abbade investiram contra o portão da residencia.

— Alguem me procura — disse elle — Talvez ¡venham pedir os sacramentos para o Joaquim da Eira.

N'isto, martellaram no portão. O abbade abriu uma das janellas, e viu chusma de homens a pé e dois cavalleiros.

— Que pretendem os senhores? — perguntou elle assustado.

— Abra — respondeu o *cavallaria.*

— A quem hei de abrir?

— Lá se lhe diz — tornou o ajudante de ordens de Serafim.

— A esta hora não abro a porta a pessoas desconhecidas.

— Moleiro! — bradou Serafim.

— Prompto, meu coronel! — respondeu um alentado homem armado de marrêta e alavanca.

— Arromba! — disse o caudilho.

As frageis tabuas do alisar de uma portada rangiram e saltaram lascadas ao terceiro golpe da marreta, que parecia arrojada pelos virotões de uma catapulta.

O padre gritava «aqui d'el-rei», retrahindo-se da janella; um creado, que acudira de bacamarte, cahiu derrubado por duas cronhadas na cabeça; D. Josefina fugira apavorada para o quarto, a invocar o Christo do seu oratorio.

Ao cimo da escada ingreme de pedra havia uma porta franzina, que cedeu ao hombro do *Muleiro.* Serafim, como não visse luz no interior da casa, feriu lume, accendeu a mecha de papel enxofrado, pegou a chamma á

torcida d'uma lanterna de furta-fogo, e entrou com o *Cavallaria*, ordenando que ninguem mais entrasse, nem deixasse sahir alguem.

Depois em tom de brandura, disse alteando a voz:

— Appareça, senhor abbade, que ninguem lhe faz mal.

O abbade sahiu de um quarto com as mãos erguidas, tremulo, sem respiro.

— Abaixe lá as mãos devotas — disse Serafim — Onde está sua mãe?... Conhece-me?...

— Conheço, meu senhor.

— Bem; tanto melhor; já vê que somos muito proximos parentes. Ora apresente-me a sua mãe.

— A minha mãe, senhor? Eu vou dizer-lhe...

— Não vá dizer-lhe; conduza-me onde ella está.

O padre seguiu adiante de Serafim, que disse ao ajudante de ordens:

— Espera.

Bateu o padre á porta do quarto de D. Josefina, e disse-lhe:

— Pode abrir, minha mãe, que é o Sr. Serafim de Simães.

Ergueu-se de sobre os joelhos a perturbada senhora e, cambaleando, abriu a porta authomaticamente, tanto sem saber o que fazia como sem pensar que iria ali fazer o filho de seu marido áquella hora, forçando as portas.

Serafim cravou-lhe os olhos, chegando-lhe a lanterna perto do rosto, e disse-lhe:

— Siga-me.

— Aonde, senhor! — tartamudou D. Josefina.

— Siga-me...

— Querem matar-me! — exclamou ella pondo as mãos voltadas para a cruz do oratorio.

—Nada de exclamações... Ninguem a quer matar. Querem mostrar-lhe uma mulher que a senhora matou n'uma agonia de vinte annos. Quero que a senhora veja a sua amiga de infancia, a prostituida de seu marido, a que lhe confiou a sua deshonra, quando estava para vir ao mundo este homem que a quer levar ao pé do leito de sua mãe. Siga-me e não me force a leval-a de rojo.

— Vá, minha mãe...— disse o abbade com as mãos supplicantes.

— Mas... — exclamou Josefina — diga a sua mãe que está vingada, diga-lhe que meu marido me despresou por amor d'ella, que me reduziu á miseria e mais este filho... Que outra vingança pode querer sua mãe?

—Não quer mais nenhuma; quer vêl-a, quer que a veja, quer talvez perdoar-lhe...

—Pois, se me perdoa, deixe-me pedir a Deus por ella... não me faça ir contemplar essa desgraçada que o não foi tanto como eu.

—Mente. A senhora foi deshonrada e abandonada?

—Não... não fui...

—Teve um filho a quem não podia dizer o nome de seu pai? Responda!

—Não, senhor.

—Pediu a uma infame que fosse madrinha de seu filho e essa infame repelliu-a como se repulsa uma mulher perdida do seio da familia honesta? Responda!...

—Oh senhor, pelas cinco chagas...

—Siga-me!

E, travando-lhe rijamente do braço, levou-a quasi a

rastos, ao passo que ella expedia afflictissimos gritos e invocações á Virgem do ceo.

Quando a tirou fóra de casa para o patamar da escada precipitosa que não tinha corrimão, a lanterna, rossando e quebrando na hombreira da porta, apagou-se. No movimento de largar a mulher, que lhe escabujava no rijo pulso, para reaccender a luz—pois que na transicção para a escuridade, a cerração era mais opaca, e não havia atinar com a descida—Josefina, sentindo-se solta das prezas que lhe estalavam o pulso, tentou fugir descendo a escada a saltos; mas, resvalando nos primeiros degraus, cahiu a um dos lados, e deu de borco sobre a dentadura de ferro de um engaço, cujas puas se lhe cravaram no pescoço. Apenas expediu um ai agudissimo.

E quando o *Cavallaria*, que a perseguira, se dobrou a levantal-a, ergueu um corpo inerte, um cadaver que lhe golphava sangue ás mãos.

—Minha mãe está morta!...—exclamou o abbade, ajoelhando á beira d'ella.

—E a minha está moribunda e deshonrada—disse com satanica placidez o filho de Rosa. (1)

Quando, ao alvorecer da manhã, Serafim avistou Simães, tangia o sino da egreja a sahir o Senhor.

Deixou atraz a escolta e esporeou a toda brida.

Encontrou o sacramento da extrema-uncção a sahir do quarto de sua mãe.

(1) Em um dos processos de Serafim José Gonçalves é elle accusado de haver assassinado a punhaladas a mãe do abbade de Rio-Caldo. Os golpes dos dentes do engaço simulavam punhaladas; mas a imputação falsa é desnecessaria á truculenta memoria do capitão dos *Bravos de Simães*.

Dobrou o joelho; porque sentira um inexplicavel terror de Deus.

Entrou no quarto da moribunda, que tinha á cabeceira um sacerdote com a imagem de Jesus crucificado inclinado no braço esquerdo, e o livro das orações da agonia na mão direita.

Do outro lado do leito estava um ancião de grandes barbas, trajado de preto, e braços crusados, com os olhos fixos na face cadaverica de Rosa.

Ao lado d'este homem estava uma mulher com a face entre as mãos.

—Quem é aquelle homem e aquella mulher?—perguntou Serafim, indicando o velho das barbas intonsas.

Bernardina fallou-lhe ao ouvido.

E elle correu para o velho, apertou-o ao seio, e segredou-lhe:

—E' possivel que seja...

—Silencio!...—murmurou o assistente aos paroxismos de D. Rosa—Esperemos que ella expire para eu beijar a mão que me matou a fome por espaço de oito annos.

D. Rosa descerrou as palpebras; reconheceu o filho, fez um gesto de chamamento com um breve tremor de cabeça; Serafim abeirou-se-lhe dos labios, pondo-lhe a mão no hombro descarnado, e ouviu estas palavras intrecortadas:

—Não faças mal a Josefina; lá está Deus que nos julgará a ambas.

O filho fez um signal affirmativo, vibrando todo em calefrios de terrivel remordimento.

Recuou conturbado. A consciencia espertava-lhe hór-

rida ao derradeiro clarão vital dos olhos de sua mãe. Fugiu do quarto, com as unhas cravadas nas fontes. Assoberbara-o n'aquella hora a fulminação da justiça divina, que elle nunca temerá nem reconhecera no remorso. Que mysterioso e formidando effeito o d'aquella suave e christã morte de sua mãe! Em que silencios lhe fallavam os clamores da justiça divina! Ah! era um relampago! E, quando elle se apagasse, aquella alma devia ficar mais negra.

N'aquella medonha intuspecção do seu interior inferno, Serafim ouviu o soluçar de Bernardina.

Tornou, a passos de ebrio, e olhos esgazeados á alcova de sua mãe.

Já não vivia.

E, inclinado sobre a mão esquerda da defuncta, estava Jeronimo de Magalhães, o filho de Christina, o neto de Paula—outra desgraçada que tambem assim morrêra.

XVII

Alguns dias depois, Serafim Gonçalves reuniu na casa de Simães cento e cincoenta homens, convocados para importante negocio. Os mais grados da assembléa não usavam nome baptismal nem sobrenome ou appellido de geração. Nos actos civicos, militares ou officiaes, alcunhavam-se *Abrunho, Apostata, Ilheu, Jamanta, Macaco, Mameluco, Mata-sano, Marrano, Mulato, Muleiro, Negro, Prebendado, Sardão, Torno, Torto, Traga-mouros,* etc. Estes e outros pseudonimos pertenciam aos descendentes directos dos principaes herdeiros da herança de Londres. Os innominados ou apenas numerados militarmente eram a porção sobrevivente dos filhos d'aquelles pobres que, menos de quarenta annos antes, amavam o trabalho e a honra, despontando os espi-

nhos da vida trabalhosa na certeza de outra melhor.

Serafim Gonçalves, dispondo-os em meia-laranja na sala nobre, collocou-se á frente d'elles, e fallou d'este theor:

«Meus amigos, a nossa força até hoje não teve alguma significação util. O terror que temos causado nos povos nada tem produzido que sirva a favor dos que precisam lançar mão d'estes meios para chegar a certos fins. Quaes esses fins devam ser ainda se não discutiu nem determinou. Cento e cincoenta homens valorosos devem fazer alguma coisa mais proveitosa que perseguir malhados. Os serviços que tendes prestado á realeza ninguem vo'l-os paga nem agradece; pelo contrario, já sabereis que eu estou pronunciado como assassino da mãe do abbade de Rio-Caldo; e serei brevemente perseguido com todos os que me seguem pelas ordenanças do rei, a quem temos servido. Por tanto, meus amigos, é preciso nortearmos a náu por outro rumo; é preciso que a riqueza nos venha pela força, e que nos preparemos a fim de, quando o perigo apertar, em qualquer parte da terra encontrarmos repouso, abundancia e os regalos que dá o oiro a quem os não arranja, do pé para a mão, na consciencia.

—Apoiado—bradou o *Apostata*, neto do irmão de João Verissimo Vieira, e com elle bradaram todos em conglobado urro, rufando com as clavinas no taboado.

Serafim proseguiu:

«Venho declarar-vos, meus fieis amigos, que hoje deixei de ser o vosso maioral; passo a ser soldado como vós, e delego interinamente o commando que me destes no homem que vou apresentar-vos. Este homem, precisando ter um nome, chama-se o *Chefe;* ninguem

lhe pergunte quem é; ninguem queira saber d'onde veiu. Cega obediencia, respeito inalteravel é o que eu lhes peço e recommendo. Elle vae entrar, e fallar-vos.

O orador abriu a porta fronteira aos ouvintes, deu a mão dramaticamente ao adventicio, e estendendo o braço bradou:

«Saudemos o chefe! Viva o nosso commandante!

—Viva!—conclamaram, descobrindo-se á imitação do apresentante.

Resmuneava entre si a espantada assemblea, perguntando quem era o barbaçudo, da cabeça escalvada, quando elle, exordiando d'este feitio, abafou as valvulas da curiosidade e da respiração:

«Meus senhores, agradeço o lisongeiro alvoroço com que me recebem, sem me conhecerem. Devo ao sr. Serafim Gonçalves a honra de me considerar o numero 151 dos *bravos de Simães*. Aqui não ha maiores nem menores. São todos, e cada qual, eguaes a mim, e eu egual a cada um de todos. Vou-lhes fallar como conselheiro, e não como chefe. Attendam-me. Ha menos de quarenta annos que vieram de Inglaterra mil e duzentos contos para o concelho da Povoa de Lanhoso. A' excepção de dois ou tres coherdeiros d'esta enorme herança, sei que n'esta assembléa estão representantes de todos os herdeiros; e sei tambem que todos ou a maior parte estão pobres. E' possivel que a extravagancia e a prodigalidade expliquem a decadencia de homens que, ha vinte annos, eram ricos; mas não se me esconde uma rasão que ajuda a esclarecer a outra; e é que a quantia de 1:200 contos foi uma fabula para os herdeiros, e uma realidade para os agentes que os roubaram desaforadamente.

—Apoiado!—grito geral.

Segue o orador:

—Haveis de saber quem foram n'esta terra os agentes da liquidação: um era o chamado *Brazileiro* de Travassos, outro era o chamado *Doutor* de Varziellas. Ambos estes foram mortos em Braga, ha vinte annos. O povo, justa ou injustamente, castigou-os; mas as centenas de contos roubados aos herdeiros de Manuel Vieira estão hoje tresdobradas nas mãos de seus herdeiros, que as aferrolham como sua legitima e indisputada propriedade nas quintas de Travassos e Varziella.

—A elles!—bradou o *Cavallaria.*

—Viva o chefe!—respondeu o grito das cento e cincoenta consciencias do direito, dispertas á voz do revelador.

«Por effeito de inexplicaveis cazualidades—continuou Jeronimo de Magalhães—estão aqui reunidos os representantes das familias victimadas á cubiça devoradora dos dois notaveis ladrões, cujos filhos gosam hoje a riqueza e a consideração publica. É preciso que esta absurda iniquidade termine. E' preciso que o alheio seja arrancado ás mãos de quem o retiver contra vontade de seu dono. E' preciso que os homens profanos se façam interpretes da justiça divína, já que vejo na casa de Travassos dois sacerdotes na posse tranquilla de thesouros que seu pai roubou.

(Os *apoiados* eram tão compactos e trovejados, que o orador a custo sobrepujava as vehementes prosopopeias sobre o alarido do auditorio febril.)

«E' preciso—proseguiu Jeronimo de Magalhães alteando-se sobre uma cadeira—que a força liquide as

contas que a ladroagem converteu a seu favor. Nós somos os liquidatarios da herança de Londres. Vós sois os roubados em proximamente seis centos contos de réis. Pergunto se temos direito de recorrer á justiça: respondo que sim; mas seria baldado o recurso; porque os magistrados estão presos com gramalheiras de ouro ás burras dos padres de Travassos e do medico de Varziellas, um avarento que se fez medico para arrebanhar ainda o legado que Manoel Vieira deixou a estudantes de medicina, que deviam ser escolhidos entre as familias necessitadas. Não temos, portanto, confiança alguma nos tribunaes. Se lá vamos com um libello de revindicação contra as fraudes e ladroeiras de duas cazas poderosas, pagaremos as custas de dentro de um carcere, se os ricassos não capricharem em nos pôrem na Africa ou na India como calumniadores de suas senhorias. Somos liquidatarios, repito; mas temos um só processo a seguir; mas prompto, summario e efficaz: é o direito da força a revindicar o direito da justiça postergada; é o vosso braço, é a vossa clavina, è a suprema alçada do pobre que se vinga, e dá uma lição que ha de aproveitar aos futuros ladrões de heranças.»

Transpunha as raias do delirio a sobreexcitação d'aquelles liquidatarios. Os mais afrentados acercaram-se maquinalmente do orador, as camadas concentricas premiam-se bracejando, até que dois membrudos homens, no galarim do enthusiasmo, pegaram do chefe, cada um por sua perna, levaram-no d'alto ao longo da sala, desandaram tres vezes n'aquelle passeio triumphal, até o deixarem á descrição de quem o queria abraçar, que eram todos.

Quiz ainda discorrer o academico de 1801, mas não

havia ar quieto que transmittisse as vibrações da sua voz. Ululavam todos simultaneamente, uns pedindo a palavra para relatarem por miudo os roubos das duas familias votadas á liquidação; outros lembrando certos ladrões suspeitos no mesmo trafico da herança; outros em fim rugiam apenas de feroz alegria, quando Serafim Gonçalves, em pé sobre um contador, bradou que o ouvissem, com intimativa desabrida.

Feito subito e profundo silencio, o amigo de Jeronimo de Magalhães discorreu desta arte:

«Todas as pessoas presentes se recordam que uma das casas herdeiras da herança de Londres foi a de Garfe, que já hoje não existe nos descendentes dos morgados d'aquelle illustre solar. Todos os bens livres d'esta familia infeliz passaram para o poder dos Castros, da casa de Oliveira. Lembrem-se que ha coisa de trinta annos foi degredado para a India o ultimo representante de Garfe....

— O fidalgo Jeronimo, conheci-o muito bem, e mais o senhor Luisinho que os milicianos mataram — interrompeu um dos mais velhos da assembléa.

— Quem foi a causa do degredo — atalhou outro — foi o doutor de Oliveira, que o interrou no depoimento que fez...

— Para lhe roubar, como de facto roubou os bens — confirmou o primeiro.

— E agora está rico como um porco! — accrescentou um terceiro, offerecendo-o á liquidação.

— Vejo — tornou Serafim — que não preciso contar-lhes uma historia que sabem; mas uma novidade lhes contarei. O doutor João Peres de Castro, quando Jeronimo de Magalhães voltou a Portugal, cumprido o de-

gredo de dez annos, receando que elle revindicasse os bens usurpados, accusou-o de jacobino...

— Ouvi-o eu! — interveio um dos interruptores — A mim me disse o doutor que quem matasse o de Garfe faria bom serviço á patria e á religião. Não me conta novidade nenhuma, meu coronel!

«Conto — insistiu Serafim — O que os meus amigos não sabem é que o desembargador da relação ecclesiastica de Braga, o doutor João Peres de Castro, vendeu na semana passada seis quintas que tinha nos concelhos da Povoa e Vieira, com o proposito de se afastar de uma terra infamada por quadrilhas de salteadores. Estes salteadores, no conceito do doutor, sois vós, somos nós todos, que até hoje temos gastado as nossas fortunas, e ainda não incommodamos os ladrões que ha quarenta annos se estão cevando na herança de Manoel Vieira, que era nossa. A minha opinião é que vamos perguntar ao doutor João de Castro sobre que actos elle fundou tão feio juizo a nosso respeito...»

— Apoiado! Apoiado! viva o coronel!... Morra o padre!...

«Attendam... E lhe perguntemos tambem se elle está disposto a depor contra nós com a consciencia que tinha quando depoz contra o seu patricio Jeronimo de Magalhães, atirando-o para o degredo aos vinte annos, roubando-lhe os bens com fraudulentas revindicações, apontando-o depois como herege á furia do povo estupido de 1808, e aconselhando esse honrado homem, que ahi fallou, que o matasse no serviço de Deus e da patria. Sou, pois, de parecer que o primeiro liquidado seja o doutor João Peres de Castro!

Approvado por unanimidade, segundo se deprehen-

deu do berro unisono que reboou nos desvãos da enorme cazaria.

—E eu sou tambem de opinião—bradou o *cavallaria* saltando ás espaduas do Moleiro, para ser visto e ouvido—sou de opinião que, depois de se lhe perguntarem essas cousas, se lhe pergunte tambem pelo dinheiro das seis quintas.

—Pois isso é dos livros!—obtemperou o *Moleiro* com applauso de geral gargalhada.

—Aqui não ha ladrões!—bradou ironicamente o *Apostata* que havia tido ordens de clerigo—Aqui não ha ladrões, repito: ha liquidatarios!

Nova rizada e vozes:

—Venha vinho, coronel!

—Esvazie-se o tonel das seis pipas para lá mettermos os tres padres de Travassos, o medico de Varziella e o doutor de Oliveira!

—Peço licença—clamou o *Apostata*—para fazer conserva das orelhas do doutor de Oliveira, que me fez expulsar do Seminario...

—Se vamos a pedir licenças d'essas—observou o *Torto* que era zarolho—tambem eu hei de tirar os olhos ao medico, que me levou meia moeda por me tapar esta janella da cara.

—Leva rumor!—bradou Serafim, tomando a dianteira dos socios, caminho da adega.

E, logo que elles desceram, Jeronimo de Magalhães entrou em um quarto onde estava uma mulher chorando. Elle contemplou-a com immensa amargura, e repassou-lhe a mão na fronte, ameigando-lh'a.

—Não chores, Bartolina...—murmurou.

A canarim relançou-lhe os olhos afogados em pran-

to, e ciciou como em segredo e pavor de ser ouvida:

—Estás capitão de salteadores, meu querido Jeronimo!... Antes eu te deixasse morrer nos pantanos de Tissuar!

—E a minha vingança!...—contraveio o neto do padre Bento da Mó.

—A' tua vingança bastava-te...

—Matal-o? Isso não é vingança... Vingar-me é... deixar-lhe vida e olhos que vejam vasias as gavetas onde teve muitos mil cruzados.

XVIII

O doutor João Peres de Castro havia dito a suas irmãs, ao anoitecer de um dia de outubro de 1829, que as liteiras de Braga chegariam ás tres da manhã para se metterem a caminho ao arraiar da aurora; e, por tanto, não se deitassem, que elle faria o mesmo. Ainda ás onze estavam palestrando no quarto do doutor, que lhes promettia, para as consolar de não terem uma só de seis quintas que haviam tido, comprar nos arrabaldes de Braga a mais pittoresca vivenda que se lhe deparasse.

—Podeis escolher—dizia elle—que a vossa escolha ha de ser aprovada por cento e cincoenta mil cruzados que nos estão ouvindo n'este bahú—e, dizendo, dava umas alegres sapatadas na moscovia convexa

do cofre em que se amezendrára o ditoso desembargador do fôro canonico.

Ahi cêrca das onze e meia latiram ao longe os rafeiros, e insistiram longo tempo.

—Querem ver que os liteireiros estão já na freguezia!—conjecturou o doutor—pois hão de esperar; que eu, sem ser dia claro, não sáio de casa. Que não fosse o diabo fazer-me encontradiço com a quadrilha que foi a Rio-Caldo...

—Elles lá não roubaram nada...—advirtiu uma das manas.

—Por que não acharam quê—decidiu o doutor—Pois a que iam elles?

—O filho da Rosa, Deus lhe perdoe os seus grandes peccados, ainda tem com que passar. Olha que a morte da D. Josefina foi mandada fazer pela Rosa... Ninguem me tira isto do caco.

O caco da sr.ª D. Francisca Peres conturbou-se bastantemente, quando á soleira da porta appareceu um criado descalso, amarello, tremulo, dizendo baixinho que dentro do pomar andavam homens, e que pelo lado da estrada se ouvia tropel.

O doutor erguera-se de sobre o bahú, com o vagar de espectro de tramoia que surge do alçapão da rampa. O pavor subito esfalfara-lhe as barrigas das pernas. A lingua escalara-se-lhe adherindo ao ceu da bocca. Os beiços, conformando-se ao geito de gargalo, diminuiam á proporção que os olhos se arregalavam. Quando, em fim, pôde desatar a lingua, rouquejou lá do recesso da garganta:

—Que dizes tu?

O moço repetiu o dito.

—Serão ladrões?—tornou o doutor, acaçapando-se inconscientemente sobre o thesouro dos 150$000 cruzados.

—Pois quem ha de ser a esta hora se não ladrões? —reflectiu o labrêgo.

—Ave Maria! Meu anjo-custodio! Nossa Senhora do Porto! Almas do purgatorio!

Exclamaram assim alternadamente as duas irmãs do doutor, que as via com spasmo de idiotismo fulminante andarem aos saltinhos como quem joga a cabra-cega.

N'este aperto, batem á porta de uma baranda envidraçada, contigua ao quarto do doutor.

—Elles... ahi... estão!—gaguejou o desembargador.

E uma voz do lado de fora disse:

—Se não querem a porta desfeita, abram.

—Abro? — perguntou o criado

O doutor, descancellando a bocca exaggeradamente, não ejaculou um monossilabo.

E, como as senhoras não fossem mais decisivas, a porta rangiu, e saltou com estampido.

—Nossa Senhora! —bradaram ellas, fugindo.

O irmão não podia fugir, oscillando sobre o bahu como se o ouro interno fosse um electrofero que lhe estivesse descarregando fluidos sobre a parte sobrejacente. Assomou á porta, por onde o criado entrara, um homem de rosto descoberto, á frente de uma chusma de mascarados.

Aquelle, voltando-se á comitiva, disse:

—Façam tudo na melhor ordem, sem violencia superflua, nem attaque ao physico das pessoas.

E, dando entrada no aposento da familia empedrada, continuou com urbana mansidão:

— Era escusado ter-se quebrado a porta, se o sr. doutor João Peres de Castro mandasse logo abrir.

E o doutor, com a maxilla inferior descahida, e os olhos regorgitados de terror, olhava para as barbaças medonhas de Jeronimo de Magalhães, e pasmava do tom cortez de tão fera carranca.

— Muito boa noute, sr. doutor Castro — cortejou Jeronimo — muito boa noute, minhas senhoras.

— Tenha V. S.ª a mesma — responderam a um tempo as duas marmoreas velhas.

— As duas senhoras — volveu o comprimenteiro hospede — vão fazer sala aos meus amigos que as esperam, que eu tenho de conversar aqui um todo-nada com o conspicuo doutor: *in troque jure*. Vão, meninas, não se demorem, que essa gente, que ahi está fóra, quando as chaves se demoram, costuma quebrar as fechaduras.

— Nós não temos nada... Os bahus já foram para Braga—gaguejou o desembargador.

— Aqui está — redarguiu Jeronimo — o sr. doutor sentado em um que não foi para Braga. E' incommodo e nada flacido o assento. Olá!—bradou o chefe para os de fora — levem d'aqui estas meninas e respeitem-nas.

— Venham d'ahi, meninas respeitaveis—interveio o *Apostata*, offerecendo um braço a cada uma, banboando o tronco, e arqueando o pé na postura ridicula de um aulico de D. João V.

E como as cincoentonas hesitassem em acceitar-lhe o braço, cingiu-as elle pela cinta e chilreou com languida ternura:

— Vamos, amores! Sois duas graças que valeis as tres parcas!

Jeronimo puxou cadeira para o desembargador, que vingára erguer-se, e outra para si.

—Queira sentar-se, doutor... Como tem passado, bomzinho?

—Graças a Deus...

—Passa bem? estimo, estimo. Deus não é avaro dos bens corporaes com uns que enthesouram no ceo grandes bens espirituaes. Ha muitos annos que o não vejo...

—Eu não me recordo de V. S.ª

—Não admira... Ha hoje vinte e nove annos que nos vimos em Coimbra, onde eramos ambos estudantes.

—Sim, sr... Isso vai ha tanto tempo...

—Pois vai, vai... Venha de lá uma vez de esturrinho. Pitadeemos a palestra a ver se V. S.ª cobra animo... Está ahi a engasgar-se....

—Não, sr... eu estou um pouco assustado... é natural... mas espero que V. S.ª me não faça mal...—tartamelleou o doutor, offerecendo-lhe tabaco em caixa de ouro.

—A caixa é bonita... Esconda isso, doutor, que não vão estes malandrins bifar-lh'a. Excellente tabaco!... Já V. S.ª em Coimbra tomava as suas pitadas assobiadas com a gravidade de um lente de prima. Iam bem ao seu caracter sizudo essas e outras manhas e tretas de academico serio. O reitor era muito seu affecto, e a sua opinião acêrca dos outros estudantes muito acatada, não é assim?

—São favores de V. S.ª

—E' justiça. Se não, lembre-se d'aquella funesta demencia dos estudantes que insultaram as milicias de Coimbra... Recorda-se?

— Sim, sr...

— Se não ha de recordar-se!... Morreu então de uma baionetada aqui um rapaz seu visinho... chamava-se...

— Luiz de Magalhães...

— Justamente; e tinha elle um irmão chamado... era Jeronimo?

— Sim, sr...

— Que foi degredado para a India, em consequencia de ter dito ao sr. Peres de Castro que havia de apunhalar o reitor; e, depois, como V. S.ª testemunhasse contra elle, delatando crime intencional, uma justa sentença, bazeada no depoimento do sr. Castro, degredou Jeronimo. Tenho memoria, não tenho? Responda, doutor! está ingulindo em secco!... É a consciencia que lhe quer vir á garganta como o vomito negro ao moribundo lá nas plagas doentias para onde o seu juramento arrojou o Jeronimo de Magalhães... Isto, que eu venho dizendo, é verdade?

— Sim, sr...— respondeu o doutor, enxugando no lenço escarlate as camarinhas do suor frio.

— E é egualmente verdade que mãe e pai de Luiz e Jeronimo morreram de paixão?

— Sim... elles... morreram...

— De paixão ou de qualquer outra doença, morreram... Parece-lhe que seria de sarampo ou de bexigas, doutor?... Não sabe... O que V. S.ª sabe melhor que eu é uma passagem que a sua bondade vai esclarecer-me. Que destino tiveram tres quintas da casa de Garfe que Pedro de Magalhães revindicára, tirando-as ao sr. seu pai, como fraudulentamente possuidas?...

— Essas quintas...

— Responda depressa, que não temos tempo de so-

bra para grandes reticencias — disse Jeronimo, examinando o relogio — Essas quintas, dizia V. S.ª...

— Comprei-as.

— A quem?

— Aos curadores do degredado...

— E, quando o degredado voltou á patria em 1810, e alcançou sentença contra a invalida compra das quintas, que rasão se deu para que V. S.ª as não restituisse?

— Eu?...

— Aqui não está mais ninguem a quem eu me dirija. Esse *eu* é um pleonasmo. Laconismo, doutor. Por que não restituiu o furto?

— Furto!... ha de perdoar...

— Como quizer; retiro a expressão. Porque não restituiu o que não era seu?

— Porque o Magalhães foi para França...

— A fugir á morte que o doutor lhe poz no rasto, alcunhando-o de jacobino e herege...

— Ha de perdoar...

— O que hei de eu perdoar?...

— Isso é menos verdade...

— Não desfaço na sua palavra honrada, doutor. E as quintas? que é feito das tres quintas? Eram das seis que vendeu agora por 150:000 cruzados?

— Sim, sr.

— E o dinheiro? onde está esse dinheiro?

— O dinheiro?...

— Dispensemos o ecco. Onde está o dinheiro?

— Mandei-o para Braga, logo que se fizeram as escripturas.

— Está ahi fóra uma canalha que não acredita isso.

se eu lh'o disser. Vou chamal-os para que elles o ouçam da veridica lingua do sr. doutor Peres de Castro.

Jeronimo tirou da algibeira um apito, e deu um silvo.

— Não os chame... pelo amor de Deus — balbuciou o desembargador pondo as mãos.

A malta rompeu de baldão.

— Diz este doutor que os 150:000 cruzados, importancia das seis quintas vendidas, foram para Braga. Eu não duvido da palavra honrada do sujeito, e vossês?

— Nós — disse o *Apostata* — acreditamos muito mais na palavra virginal das duas centopeias que, depois de amarradas á laia de peruas chocas em canastra, declararam que o dinheiro está n'esse bahu, em que o meritissimo desembargador estava refestelado.

— Sinto muito que suas manas o desmentissem, doutor. Abra o bahu, se o não quer arrombado. Já sabe o systema.

O doutor cahiu em joelhos, exclamando:

— Eu não tenho mais nada, senhores!

— Abra, e não desbarate inutilmente a sensibilidade.

O doutor soluçava, dando á cabeça uns movimentos de figura de gesso com arame atravessado no pescoço.

— *Moleiro!* — bradou Jeronimo.

— Prompto!

Já o machado do hercules da quadrilha media d'alto o golpe, quando o doutor, cuidando que a sua cabeça era a victima, arrancou da algibeira duas chaves, exclamando:

— Aqui estão, e não me matem!

— Abra o doutor — ordenou o chefe.

— Ui! — bradou o *Apostata,* curvado sobre o bahu

destapado, ao vêr as sacas enfileiradas —Ui! o que aqui vai d'arame, ó povos!

—Vá dizendo—tornou Jeronimo—a quantia de cada saco até prefazer os 150:000 cruzados.

—Peço que se dispense o doutor d'esse luxo de arithmetica—interpoz um mascarado que era Serafim Gonçalves—Se elle diz que estão ahi 150:000 cruzados, e de facto estão, dispensa-se de nos dar contas segunda vez. O que eu lhe imponho é que diga por quanto negociou as tres quintas roubadas á casa de Garfe. Pense a vêr se condiz com a nota que tenho da escriptura.

—Cincoenta e oito mil cruzados—respondeu o doutor em tom de voz, como a das palavras ultimas de um agonisante.

—Está feita a liquidação—tornou o mascara—*Abrunho,* amarra este homem ás irmãs.

—Salte d'ahi!—disse Abrunho, agarrando-lhe do braço.

—Não me prendam...—supplicou o doutor.

—V. S.ª—tornou Serafim—com tempo e pachorra desamarra-se a pouco e pouco. Porém, se, na nossa ausencia, der um grito, voltaremos atraz, e teremos de lhe por na bocca a mordaça da morte. Vamos.

Quando o doutor ia como de rojo, a repuxões do *Abrunho*, o chefe mandou afastar o que o levava, e disse-lhe ao ouvido:

—Jeronimo de Magalhães não te mata, por que a pobreza ha de dar-te as mil agonias de peor morte.

O doutor fixou-o com horror, e não articulou palavra nem exclamação.

—Então o homem vai-se? e as orelhas, que são minhas?—perguntou o farçola do *Apostata*.

—Leva rumor!—bradou Serafim com severidade.

O doutor foi amarrado de pernas e braços, e depois cingido pela cintura ao grupo das irmãs. N'outros repartimentos da casa, estavam criadas tambem atadas; e um moço que escabujara no apertar das cordas, e se atirara á garganta de um da malta, cahira morto a ferro, e amordaçado com uma faixa de cintura.

A malta, durante o caminhar para Simães, fitara o ouvido. Nada ouviu. O doutor dera um grande gemido, mas fôra o derradeiro, por que morreu de congestão cerebral, e era cadaver, quando as irmãs desderam as roscas da corda.

XIX

Veja o sr. Magalhães se estão certos os cincoenta e oito mil cruzados, que eu apartei do monte—dizia Serafim Gonçalves, em Simães, ao seu hospede, com quem se encerrára.

—Vi contar o dinheiro: estão certos os cincoenta e oito mil cruzados.

—Importancia das tres quintas que lhe foram roubadas. Levante d'ahi o sr. Magalhães esse dinheiro que é seu.

—Mas...

—Não me ponha objecções. Recolha o dinheiro n'estas saccas. A sua liquidação está feita, ou tem mais alguma indemnisação a pedir?

—Nada mais, senão seguir o destino de Serafim, filho da minha bemfeitora.

—O seu destino não pode ser o meu, sr. Jeronimo

de Magalhães. Hoje á noite ha de sahir de Simães, e amanhã por noute ha de estar no Porto. De lá siga para Lisboa, e de Lisboa tome o rumo que lhe prometter segurança e tranquillidade. Não volte mais a estas paragens. Seja qual for o meu destino, não me procure mais. Pode ser que nos vejamos ainda, mas não hade ser em Portugal.

—E por que não foge de Portugal hoje mesmo, sr. Serafim?

—Não se aconselha semelhante covardia a um homem que tem á volta de si cento e cincoenta homens que lhe obedecem como escravos. Fui eu quem os procurou á superficie da lama social, e, deixando-os, seria attascal-os, afogal-os no fundo do atoleiro. Se me não engano, heide abrir a todos uma evasiva, de modo que se não encontrem com a forca. Veremos. Entretanto, o sr. Jeronimo de Magalhães já não tem nada que vêr comnosco, nem que fazer aqui. Sua mulher, esse anjo de dedicação que me faz parecer o mundo melhor do que é, desde que chegou a Simães, envelheceu dez annos em dez dias. Ha pouco se lançou de joelhos aos meus pés, rogando-me que lhe salvasse o seu marido. —Está salvo—lhe respondi, e é forçoso que esteja. Quiz convencel-a de que seu marido se ressarcira de um roubo, e não roubára; mas a pobre mulher tem ideas muito vulgares a respeito de ladrões. Segundo ella, provavelmente o doutor era um proprietario legal das quintas da casa de Garfe. Nós, meu amigo, não podemos—proseguiu Serafim Gonçalves com agro sarcasmo—não podemos alterar a lettra dos diccionarios: o roubo formulado legalmente chama-se *propriedade;* a restituição da propriedade, imposta *á* mão armada, e

sem a camaradagem da justiça, chama-se *roubo*. Sua senhora está com o diccionario; e nós estamos com a terminologia do futuro. Seja como fôr, transijamos com a sancta mulher por que é digna de tudo. Tire-m'a de este ar de sangue, que lhe atabafa a respiração. Vá dizer-lhe que hoje mesmo é a partida; que eu vou cuidar-lhe do passaporte, em quanto o sr. cuida de rapar essas barbas rentes, para que nenhum d'estes cento e cincoenta homens que o viram, possam reconhecel-o em parte alguma. Esta gente tem de errar dispersa por esse mundo, e é muito possivel que o meu amigo haja de encontrar-se com algum.

Serafim recusou discutir a deliberação tomada.

Ao escurecer, os dois e a canarim sahiram de Simães, em quanto as esculcas, postadas em oiteiros distantes, atalaiavam as estradas e os atalhos, por onde se receava assalto das milicias de Braga.

Ao despedirem-se no Porto, a esposa de Jeronimo de Magalhães, abraçando o filho da caridosa senhora que em Paris lhe dera a casa, o vestido e a cadeira de maior honra á sua mesa, proferiu estas palavras:

—Se algum dia precisar das caricias de mãe, vá onde estiver esta mulher que ha vinte annos vive de chorar ao lado dos que soffrem. Se eu souber que é tão infeliz que até os meus serviços lhe pódem prestar, ver-me-ha, sem que me chame.

Serafim Gonçalves, agradecendo a commoção da indiana, dizia entre si: «Que figura póde ser na minha tragedia esta mulher? Que serviços póde fazer-me?

Voltando para os seus bravos, o coronel reassumiu o commando, e repartiu proporcionalmente pela alcateia o remanescente da liquidação, principiada em *Oli-*

veira. Grande parte da jolda foi licenciada, dispersando-se em grupos errantes—estrategia necessaria para divergir a attenção dos capitães mores, que pactuavam montear a cêrco os bandoleiros, posto que Serafim e alguns bravos se estadeassem desassombradamente nas feiras, e deixassem ver aos capitães-móres os punhos amarellos dos punhaes.

No começo de 1830 convergiram as praças a Simães, mais aguerridas pelo repouso, e mais ladras pela precisão.

Romperam a campanha consoante o programma de Jeronimo de Magalhães.

Os herdeiros do *Brazileiro* de Travassos, assassinado em Braga, eram dois clerigos ricos, bem servidos de servos corajosos, que faziam rolda e sobre-rolda na casa, vasada de seteiras, por onde, a resguardo, os defensores podiam tornal-a inexpugnavel. Os dois padres, ainda robustos, caçadores e fragueiros, davam aos criados o exemplo do denôdo, sahindo a deshoras, de bacamarte, a circuitar os muros da quinta, quando os molosos de Castro-Laboreiro arremettiam ás gradarias dos mirantes, sobreposto ás paredes eriçadas de estrepes. Havia n'aquella casa uma raça de mastins, descendencia dos cães ferocissimos que acompanhavam o exercito de Soult, e tantas pernas portuguezas escorcharam no passo de Salamondi e Carvalho d'Este. Contavam os padres, genealogicos dos feros rafeiros, que uma sua cadella concebera em Braga d'aquelles cães navarrezes. O latir nocturno da matilha de Travassos repercutia formidando nas quebradas dos outeiros, e afastavam o viandante das visinhanças da casa, onde o ouro se media aos alqueires e guardava em cisternas, no dizer do povo.

Era empreza séria o assalto aos padres de Travassos. Havia coragem e gente sobeja para lhes arrazar a casa; mas cada um dos bandidos, em via de liquidação, receava descontar a vida no acto de saldar contas.

. A Serafim Gonçalves sorria a perspectiva de uma escalada a peito descoberto; mas os que tinham voto no conselho de guerra deliberaram empregar meios menos heroicos e mais salutares comprando o feitor dos padres.

Se o leitor ainda se lembrasse da puericia de Manuel Vieira, lá veria um mocinho chamado Joaquim da Gaivota, que comprava os traslados ao discipulo do cego. Manoel Vieira legára alguns mil cruzados ao seu bemfeitor e amigo de infancia, com os quaes elle fôra casar abastadamente a Giela, povoação do julgado de Val-de-Vez. Tivera Joaquim um filho, que pouco herdara de seu pai, e se chamava Jacintho José da Silva. No decurso de annos, reduzido á precisão de assoldadar-se, Jacintho foi feitorisar os bens dos padres de Travassos, cuja riqueza lhe era peçonha de inveja e entranhada cobiça, ao lembrar-se que, ainda na mocidade, se julgára rico, e, fallecido o pai, se vira pobre e expulso pelos credores.

O *Cavallaria* conhecia este homem, e propoz em assemblea corrompel-o. Acceita a proposta, as tentativas lograram prompto exito. Jacintho conchavou-se pela decima parte do espolio, compromettendo-se a introduzir pela avenida mais interior do edificio os homens necessarios a colher de improviso as sentinellas que se revezavam por noite fora, desde o roubo de Oliveira.

Gisado o assalto, em noite borrascosa de janeiro, moveu-se a malta caminho de Travassos, e, a distancia da

freguezia, destacou-se a turma que devia achar aberta uma porta da matta, e ser desde ahi guiada ao ponto por onde os criados não receavam o ataque. Os rafeiros não latiam; por que o feitor os prendera ás correntes onde de dia ganhavam bravura, e além d'isso os invasores da matta calçavam alparcatas, e pisavam o solo abeberado da chuva sem o menor rumor.

Ora, o feitor ignorava que um dos padres, e ás vezes ambos, a occultas de seus criados, uma noite por outra, sem escandalo, sahiam de casa, e pagavam, o mais clandestinamente que podiam, tributo de amor a dois idolos da freguezia proxima. Essa fôra uma das noites assignaladas, e a porta da cêrca era a peculiar das romagens a Cupido.

Quando os dois irmãos, de bacamarte á bandoleira, desciam por atalho fronteiro á porta do sovereiral, viram entrar a mó de homens na quinta. Pararam em consulta, e deliberaram rodear o muro, e ganhar a passo rapido a egreja, a fim de repicar o sino a rebate, e alvorotar os criados que deviam estar dormindo ou vigiando n'outros lanços da casa.

Executado o plano do toque a rebate, já o feitor ganhára o interior do edificio; mas das seteiras eminentes á porta principal rompeu subito granizo de pelouros sobre os magotes que esperavam na estrada a abertura combinada de algumas avenidas. Dos de fóra alguns recebiam as balas no peito e cahiam escabujando, em quanto outros lascavam com os machados o impenetravel castanho chapeado do portão.

Se em parte se baldára a traição do feitor, já não era possivel evitar-lhe o exito traçado. Os ladrões introduzidos abriram o portal, guiados por Jacintho, e a

turba dos de fóra baldeou-se dentro de roldão, tirante uns que se estorciam em ancias da morte.

A este tempo, já os padres, marinhando por arvores rentes do muro, estavam dentro da quinta, e pela porta que o feitor abrira entraram elles, e assomaram ao topo da escada principal, seguidos de dez valentes criados. Travou-se a lucta a fogo nas trevas. Os debaixo subiam compactos e envoltos, desfechando a êsmo, atropellando-se nos cegos arremeções, e sentindo-se varados dos zagalotes. Na estrada o espingardear era por egual atroador entre o povo de Travassos e o das freguezias visinhas chamado pelo signal do rebate.

—Luzes, luzes!—bramia o chefe, quasi perdida a esperança de forçar a escada na escuridão, e tropeçando nos corpos que alastravam o pateo.

N'este conflicto afuzilou de fóra o lampejo de um facho de palha. Era Jacintho José da Silva, o valedor n'aquella angustia, dado que no seu contracto não se estipulasse tão valioso soccorro.

—Leva arriba!—bradou Serafim, quando viu o terreno.

O tiroteio recrudesceu. Os salteadores, que se premiam escada acima, eram mais de cincoenta. Os padres e os criados não recuaram um passo. Alguns dos intrepidos defensores tinham cahido; poucos se retrahiram para o interior da casa. Quanto aos padres, esses morreram ambos, tendo ainda visto o seu feitor envolvido com os salteadores.

O povo, que acudira, fugiu, tão depressa enxergou o negrejar do extenso tropel de ladrões que os rechassavam a descargas cerradas. Diziam uns a outros os lavradores que os padres, se elles fossem os assaltados,

não sahiriam d'entre os lençoes. Assim que esta rasão se propagou entre as turbas que confluiam, desandou tudo em covarde fuga para os seus lares, e á volta da casa espoliada reinava a quietação dos pavores, apenas quebrada pelo praguejar dos moribundos, e pelo ringir dos ramos nús das carvalheiras vergados ao pegão das ventanias.

Jacintho conduziu alguns salteadores á casa-forte dos padres—uma vasta caixa de granito abobadada, com rêlhas e estreita porta de ferro, para a qual se atravessava por um passadiço do tecto arqueado. Fabricavam-se estas casas incombustiveis nas provincias do norte, quando o dinheiro se amontoava nas arcas e nos contadores de nossos selvagens avós, que não tinham inventado um banco para cada cidade, nem sonhavam que os nossos filhos hão de inventar um banco para cada aldeia.

O feitor descortinou o esconderijo das chaves dos bahús e caixas atauxiadas de ferragem amarella. Por casual volver de olhos, Serafim Gonçalves leu na tampa de uma d'aquellas caixas inglezas o nome de Manoel Vieira em letras de cobre oxidadas; d'onde colligiu que o defunto pae dos defuntos padres deixára aos futuros liquidatarios aquella peça sonegada na herança de Londres.

O dinheiro em oiro, por ordem do chefe, era despejado em monte sobre uma vasta mesa de pedra marmore, collocada a meio da quadra. A baixella de prata e oiro, em que se lia a firma dos Bearsley e de Manoel Vieira, foi amontoada á parte. Adereços, manilhas gargantilhas, anneis, arrecadas, tudo de fabrica ingleza e da mesma procedencia, formaram outro grupo.

Feito isto, Serafim mandou repartir a vulto, em dez porções o dinheiro, e assim os outros objectos valiosos. Depois, perguntou:

—Que ajuste fez com este homem que lhe abriu a porta da casa, ó *Cavallaria?*

—Dar-lhe a decima parte do espolio.

—Estão aqui dez montes de dinheiro, dez de alfaias, e dez de miudezas de oiro e pedras. Esse homem que escolha uma porção de cada coisa.

—Escolhe, Jacintho, que é o coronel que manda.

O feitor examinou e escolheu.

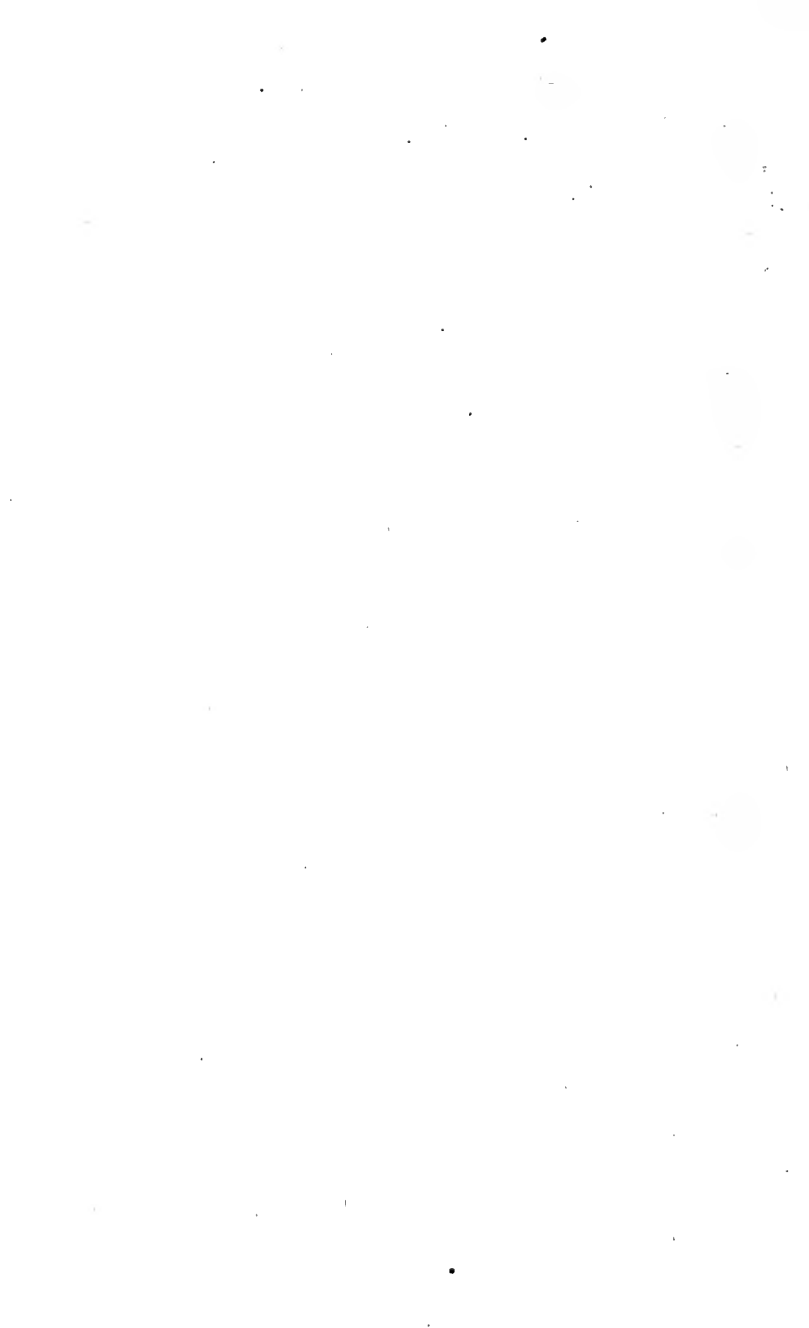
—Está satisfeita a condição da entrega que nos fez da casa de seus amos?—perguntou-lhe com sombria catadura Serafim Gonçalves.

—Sim, senhor—respondeu o traidor estupefacto.

—Pegue d'isso e retire-se da minha presença. Não consinto que, entre os meus valentes homens, se demore um infame que vendeu a vida de seus patrões. Vossê seria capaz de nos entregar ás baionetas da tropa e á corda do carrasco. Retire-se.

O Cavallaria acercou-se d'elle, e segredou-lhe:

—Vae-te embora... e trata da tua vida que não vaes mal arranjado...

Cuidaram em enfardelar o espolio com a pachorra de uma honrada familia que muda de casa. Na estrebaria dos padres estavam tres pujantes mulas, que serviram a transportar para Simães o saldo da liquidação.

XX

Simultaneamente, vingaram dois assaltos.

O medico de Varziella foi roubado na mesma noite por um destacamento de trinta escolhidos entre os cento e cincoenta. D'aquelles não voltára sequer ferido algum; mas tambem a entrepreza não surtira o previsto resultado. O medico pernoitára fóra, e o grosso dos seus cabedaes estava em Inglaterra, donde elle viera com a formatura e com idéas mais judiciosas que as dos padres, quanto a collocação de capitaes.

Não obstante, a quadrilha, disimada em onze homens no ataque de Travassos, recebeu avultado quinhão, e foi licenciada até nova ordem, salvo a guarda-de-honra do chefe, sua commensal, que se compunha de vinte extremados entre os mais façanhosos.

A justiça d'aquelles concelhos, auxiliada por tropa de linha e ordenanças, conseguiu capturar alguns bandoleiros, dispersos por suas aldeias e denunciados pelos visinhos. Jacintho José da Silva, delatado por um dos criados dos padres, foi logo preso nos Arcos-de-Val-de Vez, ferropeado de algemas, e maniatado de anginhos. Confessou a traição para respirar da tortura, e denunciou os cumplices, que conhecêra, orgulhando-se de dizer que o capitão da quadrilha era o sr. Serafim Gonçalves.

Este não vivia vida pacifica no seu antro de Simães; tinha, porém, amigos que previamente o avisavam de visitas incommodas. Nos dias em que era procurado em casa, dava elle um passeio mais extenso ao seu cavallo, ou sahia ao monte com os galgos e perdigueiros a beber o ar puro das cristas fragosas de S. Mamede, Ganidoura e Pena-provincia. Se a impertinencia dos timidos milicianos lhe era denunciada a horas mortas, Serafim reservava para uma das noites as suas intermittentes amorosas, que as tinha, e das mais selectas na belleza e linhagem das mulheres. Elle era bello, valente, rico e mysterioso. Ás mulheres que o adoravam dizia que era um anjo despenhado; e ellas erguiam-no da quéda, e amparavam-no ao seio, como se elle tivesse a predestinação destes archanjos bonissimos, mansos e desasados que senhora nenhuma insculpe no seu coração, á guiza de cherubim de altar.

No discurso de dois annos, os *Bravos de Simães* não emprenderam feito notavel. Mais de um terço esperava nas cadeias de Braga a sentença de degredo ou morte. Alguns haviam morrido a tiro covarde, se o lavrador pacifico os topava a geito de uma bala certeira, sem

receio de retaliação; e grande parte alistara-se nas fileiras do exercito liberal, logo que o duque de Bragança, em Julho de 1832, se assenhoreou do Porto.

Quando o general realista, Raymundo José Pinheiro, foi organisar nos concelhos do Minho guerrilhas que simulassem exercito, Serafim levantou oitenta homens, e declarou-se pela Rainha e Carta, escorraçando victoriosamente as pávidas milicias do general Raymundo dos concelhos da Povoa e Vieira. Esta nova posição revestiu-o de caracter meramente politico, e até sympathico aos liberaes, que a sua mesma cohorte perseguira, e a outros que as forças do general realista vexavam com tributos forçados, espancamentos e prisões.

Em fins de 1834, Serafim Gonçalves projectou retirar-se para Lisboa, movido por instancias de Jeronimo de Magalhães. Impulsava-o principalmente o despeito de se ver não só menos-presado, senão perseguido pelas authoridades liberaes, logo que lhe dispensaram a camaradagem de guerrilheiro. Nos cartorios subsistiam processos por homicidios e roubos perpetrados por Serafim com aggravantissimas circumstancias. Um governo, que precisava cimentar-se em bases de justiça, não podia trancar aquelles processos, e dar o exemplo da tolerancia que ajudára a perder no conceito do povo a facção indifferente aos crimes do capitão de ladrões. Quem mais ardentemente o perseguia era seu irmão, o abbade de Rio-Caldo, filho de Josefina; prendel-o, todavia, seria mais que difficil, tendo elle comsigo oitenta scelerados compromettidos nos mesmos processos e apostados a morrerem de bala, mas não em masmorras, patibulos e degredos.

Aos oitenta accresceu um neto do padre Bento da

Mó, filho de Leonel Roixo, marchante de Barcellos. Contára elle aos seus numerosos primos, bandeados com o de Simães, que andava foragido de Barcellos por crime de morte, e se acolhia á protecção dos parentes. Serafim acceitou-o de bom animo, ajuntando-o aos homens de mais confiança em respeito e sob palavra dos parentes.

Theotonio Roixo ia alli, de avenças com a justiça de Braga e esperança de bom premio, tecer incidiosamente o ardil da prizão de Serafim. Informou-se das paragens nocturnas onde elle ia acompanhado de trez confidentes. Deu secreto aviso á força militar acantoada na residencia de Rio-Caldo. Espiou ao anoitecer o intento de Serafim, que o sentáva á sua mêza: e n'essa noite lhe pediu que o acompanhasse, visto que um dos trez acostumados requerêra dispensa por incommodado de saude.

A denuncia já estava em Rio-Caldo. Vinte soldados cercaram a casa tão subtilmente que os dois companheiros de Theotónio, adormecidos no eirado, não despertaram. O alferes da guarda e o meirinho, que não conheciam o traidor, prenderam-no junctamente com os outros; e, quando Theotonio lhes explicava á puridade a sua missão n'aquelle feito, os dois executores da justiça responderam-lhe que lá em Braga se deslindariam esses negocios. Um dos outros prezos déra tento das explicações secretas, e desconfiára da traição.

Quanto a Serafim, foi facilmente preso como todos os celebres criminosos, que um subito descorçoamento maniatou. Ao saltar de uma janella para um quintal, viu quatro bayonetas apontadas ao peito, e quedou-se. Travάram d'elle como de uma creança timida, e ata-

ram-lhe o pulso direito ao pulso esquerdo de Theotonio Roixo. Pedio que o desatassem, dando palavra de honra que não fugiría. O alferes recebeu ás gargalhádas a hypotheca da honra de um chefe de salteadores.

Durante o transito pelas aldeias intermedias, d'ali a Braga, o povo deu morras aos prezos, e quiz arrancal-os á tropa.

Recolhidos á cadeia, o *Cavallaria* segredou a Serafim a desconfiança da traição de Theotonio.

—Mas elle está prezo como nós... —observou o de Simães.

—Deixal-o estar... Hade vêl-o sahir...

—Não sahe—disse Serafim, e dirigindo-se ao Roixo de Barcellos, fallou-lhe assim com ar compassivo:

—Ahi está prezo o sr. Theotonio sem ter tido a menor parte nos crimes que me cá trazem e mais a estes dois...

—Isso é verdade...

—Naturalmente, logo que o senhor prove a sua innocencia, está na rua.

—Assim o espero.

Ao romper da manhã do seguinte dia abriu-se a cadeia, e o carcereiro perguntou por Theotonio Roixo para lhe entregar um bilhete que recebera ao anoitecer, quando já estavam as grades fechadas.

—Eu lh'o entregarei, que elle está a dormir—disse o *Cavallaria* com indifferença.

Abriu-o, leu-o e levou-o ao quarto de Serafim, que estava escrevendo a Jeronimo de Magalhães.

Era do abbade de Rio-Caldo, affiançando ao traidor que sahiria na manhã do dia seguinte a perguntas, e não voltaría á prizão.

—Entrega-lh'o—disse serenamente Serafim, salivando na obreia, e enxugando-a á luz de uma bugia.

Theotonio leu o bilhete.

—É de tua mulher? coitada!—disse o *Cavallaria.*

—É... quem diabo lhe iría já dizer a Barcellos que estou prezo!...

—Tu estás aqui, estás na rua, primo Roixo! Tomara-me eu nos teus lençoes!.. Vê lá se nos fazes alguns serviços, quando lá estiveres fóra...

—Conta commigo...

—Mas, olha lá, tu não estás processado por crime de morte em Barcellos?.. Pelo menos assim m'o contaste!.. com que carga d'agua irás tu para a rua?..

—Isso é outra coisa... eu ando á fiança...

—Ah! não sabia isso, meu rapaz! Pois estimo, estimo!

Ao meio dia, entrou o carcereiro chamando Theotonio Roixo, de Barcellos.

—Prompto.

—Desça, que vai a perguntas.

—Ó sr. carcereiro! entreveio Serafim.

—Que quer o senhor?

—Já que se trata de perguntas, deixe-me aqui fazer uma a este sugeito. Olhe lá, sr. Roixo, por quanto vendeu vossê o homem que o recebeu em casa e o sentou á sua mêza?

—O que diz V. S.ª?

—Por quanto me vendeu ao abbade de Rio-Caldo? Vejo que se esqueceu... Ora vá ver se lhe lembra no inferno, e diga-m'o depois!

Proferida a ultima palavra, atravessou-lhe a gar-

ganta com tantas punhaladas, que as ultimas já faziam espirrar o sangue de um cadaver.

E depois, dando-lhe com um pé na cara, disse ao carcereiro:

—Mande enterrar isto, se a justiça o não quizer embalsamar.

XXI

Todos os dias chegavam á cadeia de Braga alguns *bravos* algemados que contavam a morte de outros assassinados pela tropa ou pela plebe. Um dos mais avençados com o destino era o *Apostata,* que citava versiculos da Biblia para demonstrar que muitos patriarchas e reis de Israel tinham sido ladrões, e tambem, acostando-se a Tito Livio, affirmava que eram quadrilha de ladrões os fundadores de Roma, avós dos senhores do mundo. E embriagava-se, dizia elle, para não ver os bravos de Simães, tristes, como melros de bico amarello, mettidos em gaiola.

Decorreram trez mezes de prizão, quando a mulher do carcereiro teve aviso de que uma senhora hospeda-

da na Estalagem das Travessas lhe queria fallar secretamente para negocio de seu interesse.

Foi, e entrou ao quarto de uma senhora, trajada com riqueza, já de annos que orçariam pelos cincoenta, rosto macerado, olhos desvidrados por lagrimas, e compuncção insinuante na voz.

—É V. S.ª a senhora que me mandou chamar? perguntou a carcereira respeitosamente.

—Sente-se; queira sentar-se aqui.

—É extrangeira? O seu fallar é assim a modo de...

—Sou uma infeliz, que é rica, e vem valer-se de uma mulher pobre, que tem em sua mão o thesouro da minha felicidade.

—Ó minha senhora, se é rica, não dê bofetadas em Deus! quem é rico faz o que quer e ainda lhe sobeja tempo... Eu, a fallar verdade, não sei de que possa servir a V. S.ª...

—Imagine que eu tenho um filho prezo na cadeia de Braga.

—Tem? coitadinha da pobre senhora! E então? é dos que vieram da Povoa?

—É.

—Mas não o Serafim que matou na cadeia o de Barcellos ás facadas...

—É esse.

—É?! mas o meu homem disse-me que a mãe do sr. Serafim morreu; e então como é que?...

—Sou a mãe pelo coração; sou a mulher agradecida ao pão que a mãe de Serafim me deu nove annos, quando era preciso que meu marido, desterrado e pobre, mendigasse em terra estranha, se ella nos não acudisse.

—Coitada, a senhora foi pobre, e agora...

—Sou rica, e quero tornar a ser pobre com tanto que salve o meu filho das garras da justiça e do seu cruel fado...

—Ai! senhora, se é fado, que remedio lhe hade dar?

—Não sei; quero ver até onde chega a força humana contra o destino.

—Como a senhora é rica bem se arranja tudo.

—Então como?

—Pois não sabe? é comprar a justiça.

—Não quero comprar ninguem. Quero mover a piedade das pessoas que podem restituir-me o meu filho. Essas pessoas são vm.[ce] e seu marido.

—Ó senhora! nós que lhe havemos de fazer... Deixal-o fugir?

—Sim.

—E depois vai meu marido para o logar d'elle? e ficamos nós sem modo de vida.

—Não. Vm.[ces] recebem trez mil cruzados, e a certeza de terem protecção em Lisboa que os livre de incommodo algum com a justiça. Trez mil cruzados são o preço de uns bens; são uma boa loja de mercearia; são mil modos de vida mais limpa e socegada que a de guardar os ferros em que gemem bons e máos, mas todos desgraçados.

—Não sei que lhe responda...—disse meditativamente a carcereira—Trez mil cruzados, disse V. S.ª?

—Sim.

—Pois eu não decido por ora; fallarei com o meu homem, e darei parte de mim ámanhã. Ora agora, se a senhora quer que eu leve uma cartinha ou alguma encommenda ao senhor Serafim...

—Agradecida. Eu escrevo-lhe, ha trez dias, de manhã e de tarde pela ama d'elle.

—A tia Bernardina? Ah! que santa creatura aquella! Está sempre a chorar quando lá vai, a terminos de elle lhe dar hontem ordem que lhe mandasse a comida, e não fosse lá. Mas a pobresinha já lá estava hoje... Pois, minha senhora, amanhã por todo o dia aqui estou o mais tardar... Adeusinho.

A mulher de Jeronimo de Magalhães escreveu em cifra ao marido relatando o que se passára, e a esperança que lhe prelusia bom resultado. Depois sobrescriptou a carta, destinando-a a Lisboa. Em seguida, escreveu a Serafim Gonçalves em francez, e ainda assim muito mysteriosa e vagamente na empreza encetada.

Bartolina contou as horas da noute e do dia, até perder, ao cahir da tarde, a esperança de fallar com a mulher do carcereiro. Era já noute fechada quando a suspirada mulher appareceu augurando boa nova no ar risonho.

—Vim mais tarde porque o meu homem quer isto feito com todas as cautellas.

—Acceita?—interrompeu em anceios de alegria a indiana.

—Diz que hade vir fallar com V. S.ª hoje á meia noute á Senhora de Guadelupe; e eu um pouquinho antes heide estar á porta da estalagem para acompanhar a senhora.

O encontro de Bartholina com o carcereiro deu como fechado o negocio, promptificando-se ella a antecipar os trez mil cruzados, e tirando elle a condicional que não trataria nada directamente com o prezo, mas sim Bernardina, que lhe levaria vestidos de mulher, com os

quaes sahiria disfarçado ás Ave-Marias. Quanto ao dia da fuga, resolveriam ulteriormente.

Escreveu a mulher de Jeronimo ao prezo, referindo-lhe a resolução. Serafim respondeu que não sahiria do carcere sem levar comsigo os seus amigos prezos. Affligiu-se acerbamente a extremosa ama d'aquelle desgraçado que tinha a virtude da lealdade no requinte da abnegação de si mesmo. Volveu Bartholina a intender-se com o carcereiro, e, contra o que previa, achou-o contente com a resolução do prezo.

—Eu antes quero que elles encontrem as portas abertas, e desarmem as sentinellas. Um só não o faria, dezoito facilmente o fazem. Eu posso salvar-me dizendo que dezoito prezos arrombaram a cadeia; e, sendo só um o fugitivo, ninguem me acreditará.

Convencionou-se o dia seguinte ás onze da noute.

Os dezoito prezos suffocaram trez sentinellas, colhidas de sobresalto, sem que ouvissem o menor ruido no interior da cadeia. Gritaram ás armas, quando os fugitivos transpunham a Senhora á Branca a passo indicativo de mediano terror. O *Apostata*, que estudára em Braga seis annos, e conhecia os desvios da estrada de Lanhoso, deu-os como salvos, logo que se internaram na floresta de carvalheiras subjacentes ao Senhor do Monte.

D'ahi ávante caminharam em grupos por despovoados, alimentando-se da esperança de cearem á noute no quartel-general de Simães.

Que intentos levava Serafim a Simães? Porque não cumprira a promessa feita a Bartolina de refugiar-se em Lisboa, e embarcar-se d'ali para o Brazil?

Entrava-lhe atrozmente na alma o aguilhão de uma nova vingança.

Na vespera da sahida, Bernardina, por innocente imprudencia, contara-lhe que D. Leonor de Monsul sahira do convento de Vianna, assim que Serafim entrara no carcere.

—E onde está?! em Monsul?—perguntou elle com os olhos empanados de nevoa precursora das fusilações medonhas.

—Não, menino; está em Sancta Luzia, em casa do marido.

—Casou? Leonor casou?—volveu elle refreando o impeto da colera.

—Sim, senhor, casou com o José Velloso, de quem ella dizia trapos e farrapos. Olhe V. S.ª se valia a pena affligir-se tanto, quando o berzabú da mulher lhe ía dando volta ao miôlo...

E elle tornou com um sorriso que falta ao tregeitar feróz do tigre:

—Eu disse-lhe a ella que a mataria, se cazasse com outro.

—Que a leve o diabo, Deus me perdôe—accudiu a ama. —Não se perdeu nada... Se o menino tivesse casado com essa creatura, a esta hora teria quatro ou cinco filhos!. Veja que desgraçadinhas creanças!..

—Dizes bem, Bernardina, dizes bem.... Vae-te embora, que eu vou escrever á nossa salvadora.

Desde aquella hora, notaram os seus bravos que o chefe já não era o indomito aspeito e a forte alma que olhava de frente para a perspectiva do patibulo. Amodorrara-se em soturna tristeza; cavaram-se-lhe as faces; orlaram-se-lhe as orbitas de um debrum roixo que os carbunculos interiores pareciam arraiar de luz sulphurica.

Á hora da fuga disse ao *Cavallaria*:

—Melhor me fôra morrer traspassado da bayoneta de uma sentinella!

—Porque? desanima o rei dos valentes?

—Não; não desanimo; mas queria ter morrido hontem.

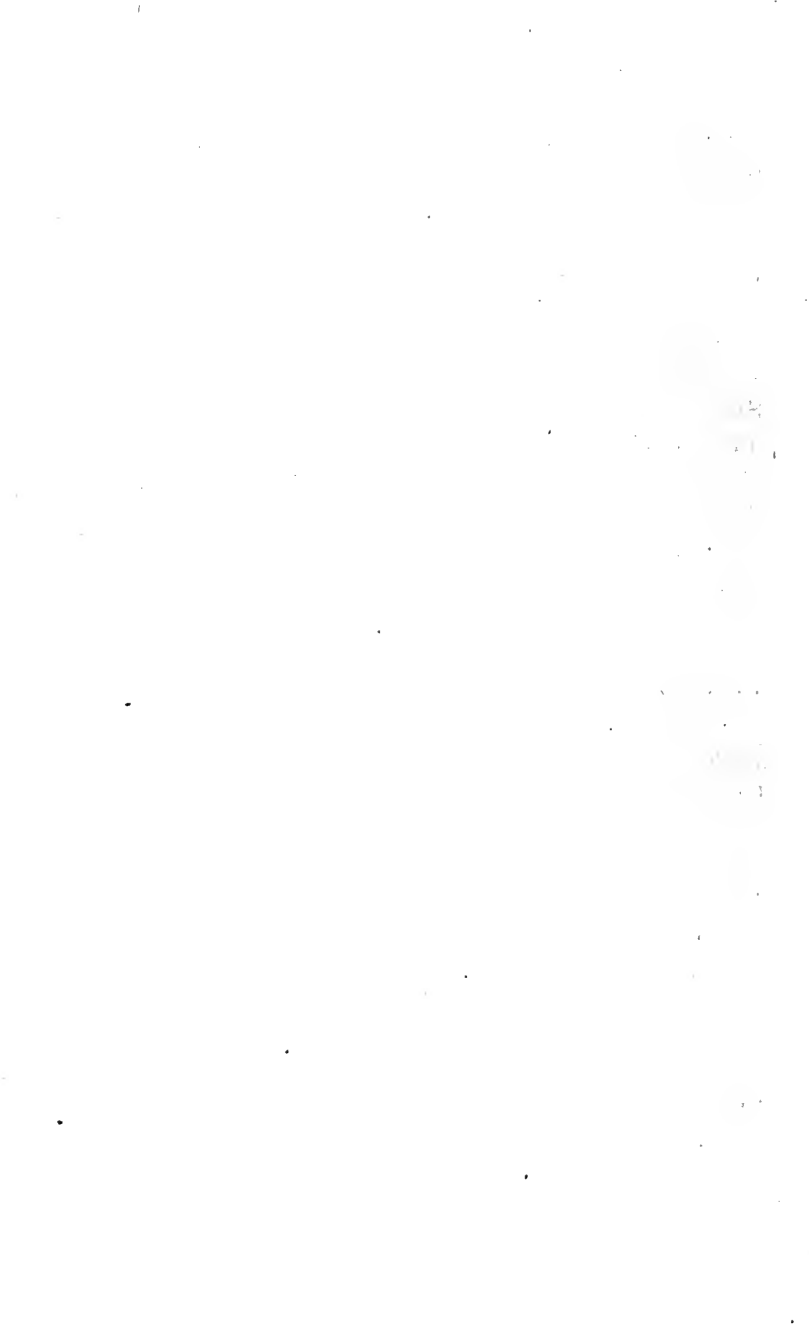
—Eu não o intendo, sr. Serafim! Quando teve segredos para o seu *Cavallaria*?

—Sabes que a Leonor de Monsul casou?—rugiu o de Simães—E que lhe jurei matal-a, se ella me escarrasse á cara tamanha affronta? E que, se ella tivesse sido minha mulher, eu poderia ter achado no berço de um filho o anjo que me salvasse?..

—E chora!—interrompeu o neto do padre Bento—Eu nunca o vi chorar!..

—Dizem que todos os moribundos vertem uma lagrima quando morrem.

....

Era a hora assignalada. Serafim passára o punho da jaqueta pelos olhos, sahira á rua, e déra o exemplo da investida contra a mais proxima sentinella.

XXII

Bernardina, depois da fuga de Serafim, aterrada pela agitação que ia em Braga, acolheu-se ao animoso amparo da indiana, cuja alegria se desvaneceu ao saber que o desgraçado voltára a Simães, tendo sido combinada a fuga em direcção ao Porto.

Referiu a ama que era ella a culpada da mudança de plano porque irrefletidamente déra a Serafim a noticia do casamento de Leonor.

—Jesus! o que vossê foi fazer!—exclamou Bartolina com as mãos na cabeça—Pois não sabia que elle jurou matar Leonor, se ella cazasse com outro?

—Eu sabia; mas cuidei que esse odio tinha passado.

—Que heide eu fazer, meu Deus!—volveu a consternada senhora.

E, apoz breve concentração, sahiu da hospedaria, dizendo a Bernardina que a esperasse em Braga.

Entrou a esposa de Jeronimo em uma alquilaria da rua dos Chãos e alugou dois cavallos para si e criado, sob condição de anoitecer em concelho de Lanhoso. Apóz violenta jornada, como chegasse aos limites d'aquelle concelho, tomou pratico da terra que a encaminhasse á quinta de Santa Luzia, em Fonte Arcada. Eram dez horas de borrascosa e escurissima noite quando chegaram ao portão da caza. Bartolina, despedindo o guia, mandou aldrabar com força, e repetir as pancadas, até que se abriu uma janella a mêdo, e de lá perguntáram quem era e o que queria.

—É uma senhora que se transviou no caminho da villa, e pede á sr.ª D. Leonor a caridade de lhe dar agasalho por esta noite.

—E quem é a sr.ª?— perguntou José Velloso.

—Não sou conhecida ainda que dê o meu nome.

—Mas conhece minha mulher?

—Conheço-a de nome.

—E donde vem a sr.ª?

—De Braga.

Velloso, desconfiado de ladrões, circumvagou a vista receosa, certificando-se que não havia mais alguem.

N'isto assomou Leonor ao peitoril da janella, e disse ao marido que recolhesse a senhora.

Desceu ella ao pateo a receber a hospeda, que lhe agradeceu, alem da caridade, a delicadeza. Como Bartolina tiritava de frio, Leonor levou-a para o quarto mais agasalhado, serviu-a de chá, desvelando-se em cuidados proprios dos habitos monasticos que adquirira em seis annos de cella de recolhida e trato com freiras.

José Velloso, que havia de madrugar para ir a uma feira distante, deitou-se; e Leonor, faminta de tagarellar com uma senhora de tão polidas maneiras, disse que ficaria no quarto até que a sua hospeda sentisse somno.

Contou a graciosa menina, a proposito de coisas que a hospeda acintemente dizia, que estivera no convento de Jesus, em Vianna.

—Sei perfeitamente.

—Sabe? então conhece-me...

—Conheci o infeliz moço que esteve para ser seu marido...

—Ah! o Serafim?... Olhe que fim o desgraçado teve!... Se eu casava com semelhante homem!... Ainda tremo quando penso n'elle!.. Então a senhora conhecia-o?

—Desde os doze annos. Fui muito amiga da mãe, que era uma sancta.

—Sancta! a senhora está enganada.

—Sim, diz bem a senhora; estarei enganada; que só Deus sabe quem é sancto; mas, se não era sancta, era excellente alma...

—Ora essa!— contradisse Leonor—pois não sabe que ella mandou matar a D. Josefina de Calvos, só por que o pai do Serafim casou com ella?

—Está enganada, minha senhora; quando a viuva de Alexandre de Calvos morreu de uma queda, estava eu ao lado de D. Rosa de Simães, assistindo-lhe ás serenas agonias da morte; e ao pé de mim estava um respeitavel ministro da religião que me disse: «está no ceo a alma d'esta martyr.»

—É a primeira vez que ouço dizer tal coisa!—du-

vidou Leonor—Então não foi o Serafim que matou a mãe do abbade de Rio-Caldo?!

—Não, minha senhora.

—Mas não tem matado muita gente?!.

—Assim dizem.

—E todos por ahi esperam que elle vá á forca.

—Deve ter dó do infeliz rapaz, não tem? Amou-o, pensou em ser esposa d'elle... estas coisas sempre deixam uma impressão de saudade nas almas bem formadas, como a da sr.ª D. Leonor...

—Isso é assim; mas olhe, minha senhora, elle não me tinha amor nenhum...

—Quem sabe? não era a menina tão formosa!

—O que elle queria era a minha riqueza... Qual amor! Ao fim de oito dias de namoro queria levar-me de casa como quem pega na filha d'um jornaleiro, e a põe n'uma casa até se aborrecer d'ella. Eu tinha a minha mãe, que eu adorava e não a podia deixar para ahi a morrer de vergonha; e elle queria por força que eu fugisse de casa, e ameaçava bater no confessor de minha mãe e n'este homem, que é meu marido. Com estas maneiras, hade confessar, minha senhora, que não se captiva o coração de uma menina, quando ella já tem vinte e quatro annos para ter juizo. Não me dá razão?

—Dou sim, minha senhora; menos em uma imprudencia sua, que peço licença para lhe recordar...

—Que foi?... já sei!...dar-lhe o requerimento...

—Para a tirar por justiça... isso mesmo, e depois, quando elle chegou com o juiz, a menina ter-se refugiado no convento...

—Fiz mal; mas, se eu não vou para o convento, olhe que elle matava-me, porque jurou matar-me.

—E não receia que elle a mate?

—Sabe Deus! mas todos me dizem que elle não torna a ter liberdade, nem eu sahi do convento emquanto não soube que elle estava prezo... Mas—proseguiu Leonor, reparando assustada no semblante amargurado da hospeda—a senhora receia que o Serafim possa tornar a esta terra, depois de ter roubado e matado tanta gente?.,

—Receio.

—Porque? diga, diga, que eu tremo de mêdo... Se elle cá tórna, de certo me mata, e mais a meu marido...

—Ouça-me sem sobresalto... O Serafim arrombou a cadeia de Braga, e fugiu ás onze da noite de hontem.

—Valha-me Nossa Senhora!—bradou Leonor—Vou avisar meu marido!..

—Vá; e diga-lhe que devem mudar de terra por algum tempo. Vão para sitio mais povoado, Braga ou Porto; e quando receberem uma carta minha, dizendo-lhes que podem voltar para aqui, venham e vivam tranquillos.

—A senhora é um anjo enviado por Deus!—tornou Leonor com vehemencia—Deixe-me ir chamal-o á cama...

E hesitando sahir da alcôva, disse a tremer:—Até já tenho mêdo de atravessar este corredor ás escuras!

—Eu vou com a senhora—animou a risonha Bartolina, pegando no castiçal—Não seja tão medróza... Vamos lá, que o Serafim ainda não appareceu como fantasma.

—E a senhora ri-se? Olhe o meu coração como bate!.

A indiana poz-lhe a mão sobre as desordenadas palpitações, e disse-lhe:

—Quer ver tambem como bate o meu coração?

E tomando-lhe a mão, ajustou-a ao lado esquerdo do peito, e accrescentou:

—Sente?

—Mas a senhora parece que está a querer ouvir alguma coisa lá fóra! Esta bulha são os cavallos da senhora que estão aqui debaixo, não são?

—Creio que são... Eu nada ouço lá fóra...—dissimulou a nervosa Bartolina, que no sentido da audição comprovava a subtileza das mulheres thysicas.

—Mas o seu coração palpita de um modo... Diga-me o que ouve... diga-me pelo amor de Deus!..

A attenção da hospeda era mais accurada, quando o portão rangeu nos gonzos. Leonor expediu um grito estridulo, e correu em direitura do quarto, a chamar o marido. A hospeda travou-lhe de força no pulso, e disse-lhe com intimativa:

—Não se aparte um instante de mim...

—Ó minha senhora, é o Serafim que vem ahi?—bradou em convulsões Leonor, revelando nos olhos baços desesperação e terror—Olhe... batem á porta do cimo da escada... ouve raspar de ferro na fechadura?.. querem arrombal-a... Deixe-me chamar meu marido, que o não vão matar na cama...

—Não vá, elle ahi vem... Recolha-se á minha alcôva commigo.

José Velloso, em habitos menores, vinha espavorido ao longo do corredor, com uma pistola de alcance em cada mão. A esposa chamava-o acenando-lhe da porta da hospeda.

—Estão ladrões a arrombar a porta da sala da escada—disse elle em vóz baixa.

—Não faça uso das armas—aconselhou a hospeda.

—Que não faça uso das armas?—contraveio elle —está a zombar a senhora?

—Não faça uzo das armas, porque morre com toda a certeza—insistiu a indiana.

—Então a senhora sabe...—objectou José Velloso.

—Olha que é o Serafim!—cortou Leonor.

—O quê?!—bradou elle abrindo descompassadamente os olhos, e sentindo fallir-lhe a coragem com que sahira do quarto.

—Elle mata-me!?—exclamou Leonor, voltando-se supplicante para a hospeda com supersticiosa confiança nos seus conselhos.

—Não hade matar, se fizerem o que eu lhes disser. O sr. Velloso chame um dos seus criados, e diga-lhe que abra todas as portas; se Serafim perguntar pela senhora, o criado diga-lhe que a senhora está na alcôva; e deixe-o entrar. Não se demore que eu já ouço ferir lume perto d'aqui.

—Já estão na sala...—confirmou o marido torvado de mêdo.

—Vá, faça o que lhe digo.

Os criados já vinham ao encontro do amo.

—Vá um de vossês abrir as portas todas,—disse Bartolina.

—Façam o que ella diz—ordenou o amo para os criados que o encaravam com estupendo assombro.

—O sr. Velloso vá para o seu quarto; e vossês, se alguem lhes perguntar pela sua ama, conduzam-no para esta alcôva.

Ao abrirem a porta que separava o salão dos aposentos interiores, viram um só homem de capote, chapeu baixo, e uma lanterna já accesa, ao clarão da qual

enxergaram o cinturão com pistolas e faca de matto. Reconheceram o Serafim de Simães com a mão na coronha de uma pistola, e recuaram ao vel-o. Neste momento quatro vultos surgiram na soleira da porta exterior. Serafim deu-lhes o signal que não entrassem.

—Onde está a sr.ª D. Leonor? na cama?—perguntou Serafim.

—Ainda não se deitou—disse um criado.

—Vai dizer-lhe que a espera n'esta sala Serafim Gonçalves.

Foi um dos criados com o recado. Bartolina respondeu:

—Diga-lhe que póde entrar, que é esperado.

—V. S.ª pode vir que a senhora espera-o.

«Alguma emboscada» pensou entre si Serafim, depondo a lanterna, e descinturando duas pistolas engatilhadas.

—Andem lá adiante!—disse elle aos dois criados.

—Está aqui n'este quarto a senhora—indicou o guia.

N'isto, abriu-se de dentro a porta. Serafim pôz o pé no limiar, e estremeceu. Tinha em frente d'elle immovel, hirta, magestosa de severidade, a mulher de Jeronimo de Magalhães.

—Que quer?—perguntou ella—quer matar uma mulher que treme e chora? Ali a tem, cavalheiro! ali a tem, bravo! é uma proeza sem risco!. Vá! um tiro! uma facada n'aquella mulher, que apenas lhe pode dar o incommodo de lavar as mãos sujas de sangue. Vá, sr. Serafim! Eu ainda hontem lhe chamava o filho do meu coração! Dê á sua segunda mãe o galardão de o ver assassinar uma mulher!

Leonor, innovelada no pavimento, a um canto da al-

côva, não tinha completa consciencia do que ouvia.

Serafim ainda deu um passo no soalho do quarto, erguendo a cabeça por sobre o hombro de Bartolina, afim de encontrar o rosto de Leonor. Viu no escuro aquelle vulto agachado, a cabeça negrejando no regaço do vestido alvacento, e as mãos cruzadas nos joelhos.

Bartolina alongára o braço, quando elle entrou, querendo afastal-o.

—A mulher está salva—disse Serafim—Deixe-me vel-a e ouvil-a.

—Agora me humilho eu, meu filho!—exclamou a canarim, pondo as mãos supplicantes e fazendo mensão de ajoelhar—nem vel-a nem ouvil-a!

Serafim Gonçalves desandou pelo corredor, onde estávam os dois criados; e Bartolina, beijando a face de Leonor, que lhe humedeceu de lagrimas a sua, foi no seguimento d'elle.

XXIII

Conseguiu a mulher de Jeronimo de Magalhães que Serafim sahisse no dia immediato para o Porto, disfarçado em arrieiro, cortando as barbas, e desviando-se das grandes povoações. O itinerario marcado era por fóra de Barcellos até ganhar o littoral, e accoitar-se em taverna onde a concorrencia de gente da infima plebe desviasse suspeitas. D'ali traçava o plano da canarim o seguimento da jornada até Lisboa com menos cautellosas precauções, evitando todavia paragens onde lhe reclamassem passaporte. Era convencionado que apenas Serafim chegasse a Lisboa, embarcaria com falso passaporte para o Brazil.

N'este proposito Bartolina foi esperal-o no Porto, on-

de lhe indicou a hora e o local do encontro em determinado dia.

Jornadeou Serafim toda a noite, e repousou ao nascer do sol, tendo já passado a altura de Barcellos, em um palheiro de lavrador nas visinhanças de Cacabaya.

Quando ao pardejar da noute, quiz seguir jornada, sentiu vagados, que attribuiu a cansaço e falta de alimento. Ainda assim proseguiu até á «Ponte da Mulher morta» mettendo-se á estrada real, afim de procurar nas estalagens algum sustento que o revigorasse.

Emquanto esperava que lhe cozinhassem um caldo de frango na «Ponte da Mulher morta» chegou um destacamento de soldados de passagem para Barcellos com seis prezos algemados, e conduzidos da cadeia da Magdalena. Serafim mostrou-se quieto e inalterado como a innocencia, á chegada da escolta.

E, reparando nos seis presos, reconheceu aquelle Jacintho que lhe abrira as portas dos padres de Travassos.

Instigado pela curiosidade, perguntou ao cabo da escolta se aquelle preso não estivera nas cadeias dos Arcos-Val-de-Vez. Explicou o cabo que os liberaes, quando chegaram aos Arcos, abriram a cadeia, e lhe deram liberdade; mas que o parvo—dizia o cabo—em vez de safar-se, déra no sestro antigo de ladrão e assassino, até que o povo da Magdalena e Cazal de Pedro o catrafiára de novo.

Quando o cábo dava estas explicações, Jacintho, encarando com penetrante sagacidade nas feições de Serafim, disse lá comsigo:

—Eu conheci-o sem bigode, e com bigode. Quando não tinha bigode era aquella cara. Se não é o de Simães, é o diabo por elle. Não vou d'aqui sem me desenganar.

E, com astucia de professo malandrim, quando o official da escolta dava ordem de marcha, o filho do Joaquim da Gaivota disse em alta vóz:

—Ó lá, sr. Serafim Gonçalves de Simães!

E Serafim rodou o pescoço com tal presteza que Jacintho exclamou:

—Não me enganei! Ali está o meu primeiro chefe! Ó patrão—clamou elle ao taberneiro—Deite meia canada do maduro, que quero beber á saude do meu capitão, que arrombou a cadeia de Braga, ha trez noites!

Serafim obedeceu ao irreflexo impulso do medo que se manifesta na fuga que parece toda organica e superior á vontade. De um pulo ganhou o quintal da taberna, e resvalou de raspão por uma alta ribanceira; mas os soldados, que o perseguiam, desfecharam sobre elle á vóz do alferes. O fugitivo cahiu sobre um joelho, por onde lhe entrára a bala que o alcançou.

Cercaram-no soldados com as bayonetas apontadas. Forçaram-no a erguer-se, e rodear grande espaço de terras lavradias para entrar na estrada. Era-lhe impossivel caminhar. Pediu em termos de estremada cortezia ao alferes que lhe permittisse alugar uma cavalgadura. O militar, movido pela fidalguia da phrase e da voz, cedeu com todos os resguardos de segurança.

Entrou Serafim Gonçalves na cadeia de Barcellos, onde lhe extrahiram a bala. Requereu que o removessem para os carceres da Relação do Porto; mas a viuva de Theotonio Roixo, assassinado na cadeia de Braga, mulher de vastos recursos, e parte implacavel contra o assassino, requereu tambem, responsabilisando-se pela segurança do prezo, cuja guarda seria feita por vin-

te homens armados e pagos á sua custa. A justiça acceitou-lhe a proposta.

Dias depois, a indiana estava em Barcellos, e não conseguira do carcereiro nem do corregedor licença para ver o prezo. Com a alma excruciada, foi para Lisboa, confiada ainda nos milagres que se operam no templo da justiça.

Bernardina lá se via no seu posto, a chorar ao pé do carcere onde estava, homem perdido, aquella creancinha que tantas vezes lhe sorrira no seio.

Seis mezes depois, Serafim Gonçalves foi julgado e sentenciado á pena ultima, na forca, arvorada no campo de Sancta Anna, em Braga.

É de 1835 a sentença condemnatoria em primeira instancia. A Relação do Porto confirmou-a, e o supremo tribunal de justiça annulou o processo.

Começaram os milagres esperados por Bartolina. Em 1837, o reo condemnado foi segunda vez ao tribunal. A mesma sentença de morte na forca. A relação do Porto acceitou os embargos que se demoravam conclusos um anno, e o supremo tribunal annulou o processo por falta de certas solemnidades na intimação da sentença.

O solicitador de Serafim Gonçalves era Jeronimo de Magalhães, com o patrocinio de jurisconsultos e estadistas, de titulares do novo regimen e de capitalistas poderosos em todos os regimens.

Voltou a ser julgado Serafim Gonçalves pela terceira vez em 1839. Luctava contra o ouro de Jeronimo, que provinha de Manuel Vieira, o ouro da viuva do marchante, que procedia da mesma origem fatidica. Estavam com ella os queixosos que instauraram vinte e qua-

tro fabulosos processos contra Serafim, como se os verdadeiros não bastassem a condemnal-o.

O juiz da primeira instancia era inflexivel. Terceira sentença: a forca, sempre a forca.

Os descendentes dos padres de Travassos, as irmãs do desembargador de Oliveira, o filho de Josefina de Fonte-Arcada, a viuva e filha de Theotonio Roixo, e não sei se o espectro de Leopoldo Ayres Cortez, todo este cortejo de gente lagrimosa assediava a consciencia do juiz que lavrava a sentença de morte.

Como se operou a maravilha de estar, depois da ultima sentença, ainda cinco annos prezo nas cadeias de Barcellos o condemnado? Perdeu-se o processo nos archivos do supremo tribunal! Ultimo milagre...

E ia ser novamente instaurado, quando Jeronimo de Magalhães, nas ancias de mortal doença, apertou ao seio a esposa, e lhe disse:

—Deixo-te pobre! Gastei tudo na louca tentativa de salvar da forca o filho da nossa bemfeitora. Morro quando, se vivesse, me seria forçoso saber a hora em que o carrasco saltava aos hombros do padecente... Que farás tu, ó sancta amiga do degredado, que te deu como filho um condemnado ao patibulo?

—Morrerei, quando Serafim fechar os olhos. Vel-o-hei perto da forca, para que elle saiba que entre as testemunhas da sua agonia estava uma que o chorou. Bernardina é já morta. Tu vais emfim descansar, meu dilacerado filho. Eu irei, quando não tiver no mundo ninguem... Bem sabes que eu sei como se adormece e não se acorda...

E o conselheiro Jeronimo de Magalhães expirou em dezembro de 1842, tendo exercido officio importante na repartição dos negocios do reino.

Assim que elle ficou em sepultura pobre alli pelo cemiterio do Alto de S. João, o processo resurgiu das catacumbas do supremo tribunal, com negação de revista.

Serafim Gonçalves recebeu a nova de que não tinha para onde appellar, senão para Deus.

—É tribunal que está muito longe—respondeu elle ao solicitador—Se lá tem relações, sr. procurador, chegue lá, sonde a opinião do juiz, e volte com a resposta.

—Não se zomba de Deus!—observou o solicitador —Nas suas circumstancias salva-se a alma, purificando-a com a contricção.

—Tem dois officios, amígo? sollicita, cathequiza; faz favor de me dizer se inforca?

Era este o animo festivo, posto que algum tanto impio, do filho de Alexandre de Calvos.

XXIV

N'aquelle anno de 1842 era já fallecida em extrema pobreza a viuva de Theotonio Roixo, o rico marchante, que se vendêra a um punhado de ouro.

Sua filha, cazada pobremente, nos arrabaldes de Barcellos, assignara-se como parte contra Serafim, porque a mãe, em artigo de morte, assim lh'o pedira.

—Quando te falte a pitança que se dá ao carrasco, vai pedil-a de esmola; mas não consintas que outrem lha dê! — palavras da mãe que morria bastantemente convicta de que as estrellas lhe abririam alas para ella se abraçar a S. Pedro nos penetraes da gloria.

No dia 23 de março de 1843, o condemnado recebeu mandado de transferencia para a cadeia de Braga.

—Até que emfim!—murmurou elle.

Vestiu-se com esmêro, repartiu pelos prezos parte do escasso dinheiro que tinha; entrou na escolta, offereceu os braços á algema, que o commandante não deixou lançar-lhe sob sua responsabilidade; e d'ahi até Braga conversou com o tenente da escolta, referindo-lhe anecdotas e factos de Pariz, com chiste, e desempeno de quem jornadeia em muito alegre companhia.

Á entrada de Braga, desdobrava-se o crepusculo da noite.

Era grande a multidão, que os soldados afastavam com mais cronhadas que reflexões. Todos sympatisavam com o prezo, e receavam algum insulto.

D'entre as turbas apinhadas na «Cruz da pedra» rompeu uma mulher alta, vestida de negro, com os braços estirados para elle.

Um soldado quiz repellil-a; mas Serafim disse ao soldado:

—Deixe-me abraçar essa mulher.

Bartolina abraçou-se n'elle, afogada por soluços que apenas lhe deixaram proferir a palavra «filho»

—Oh! porque me appareceu n'esta hora, que me matou a alma antes do corpo?—disse elle lavado em lagrimas.

E voltando-se para o tenente, murmurou:

—Vamos, sr. tenente.

E desprendeu-se dos braços d'ella, que cahiu de encontro á mó do povo.

A indiana ainda o seguiu, sem poder desenvencilhar-se do povo. Uns commiseravam-na; injuriavam-na outros, as mulheres principalmente, vociferando que devia ser muito desavergonhada a mulher que chorava por tamanho scelerado.

Ella levava fechado na mão um frascosinho, que quizera metter na algibeira de Serafim, dizendo-lhe secretamente que se suicidasse; mas elle lançara-a de si tão de golpe que lhe não deu modo de lh'o passar.

Desde aquelle momento as torturas que alanciaram Serafim Gonçalves não se intendem nem se exprimem. Perguntava se o inforcariam no dia seguinte, como quem librava toda a sua esperança na anniquilação.

De noite, jazeu amadornado em febril lethargia. Ao romper da manhã, pozeram-no em oratorio, assistido de um egresso carmelita.

Serafim relanceou a vista amortecida á cruz, e disse voltado para o padre:

—Aquelle philosopho, conta-se que dissera uma vez «Bem-aventurados os que choram...»

—Porque esses hão de ser consolados,—concluiu o egresso e accrescentou;—Aquelle philosopho era Deus. Humilhe-se, meu filho.

—Seria injurial-o suppor que Deus carece das minhas humilhações.

O egresso ia redarguir, quando o padecente proseguiu sem energia, mas com placidez:

—Sr. padre, eu não creio. Os seus argumentos podem ser bons; mas, na minha posição, ha um só argumento para a conversão: é o terror da morte... Eu não a temo...

—Da morte, não, da vida immortal da alma.

—Que é a alma, senhor?

—Uma emanação de Deus, que volve á sua origem, depois de purificada pela contricção das culpas.

—Pois bem, senhor, peza-me de não ter sido feliz, porque seria bom e digno de Deus. Peza-me de haver

nascido predestinado para o patibulo. Peza-me que Deus me não fizesse honrado, virtuoso, crente na immortalidade da minha alma. Eis aqui a minha contricção. Se não tem mais que me diga, deixe-me.

—Eu continúo a pedir a Jesus Christo—volveu o ancião alçando os olhos lagrimosos á imagem—que lhe mova o coração.

— Peça por outros desgraçados maiores. O meu supplicio começou no berço. O meu berço embalou-se na onda do ouro amaldiçoado. Quantos pozeram a mão n'aquelle dinheiro, tem o ferrete da maldição.

— Não todos.

— Quaes são os felizes?

— Não ha felizes n'este mundo, meu filho. Se pergunta quaes são os herdeiros da herança de Londres que não tem as mãos tintas de sangue, mostrar-lhe-hei as minhas. Eu sou um d'esses herdeiros.

— O senhor?

— Sim, meu filho. A mãe de Manoel Vieira chamava-se a Carlota das Courellas. Courellas é a aldeia onde eu nasci. Sou neto de uma irmã de Carlota. Todos os filhos das irmãs de Carlota viveram honrados como Manoel Vieira. E os netos d'aquellas mulheres pobres não são abastados, mas não são infelizes. Meu pai, sr. Serafim Gonçalves, recolheu aos mosteiros filhos e filhas; depois repartiu pela pobreza o que lhe sobejou, que era muito, reservando para si pouquissimo. Dizia elle que Manoel Vieira deixara os seus haveres aos pobres, não para serem ricos, mas para serem melhormente acondicionados, e crearem em si os generosos sentimentos que a mão da miseria esterilisa. Eu e meus irmãos vivemos hoje da esmola que nos dá o estado. Se essa

esmola nos for negada, mendigaremos sem pejo. Ferrete de maldição não o temos. A profecia do monge, ainda bem, não se realisou.

—Que profecia?

—Estava no leito da morte o convertido tronco d'essas vergonteas que gottejam sangue e lagrimas, e disse ao filho que o seu ouro corromperia tudo por onde passasse. Estava morta a piedade nas almas que esse dinheiro embriagou; e apagados os vestigios do sacramento baptismal nas mãos que converteram o ouro em lama de vicios, amassada em sangue de uns e em lagrimas de outros. Não me pergunte por que Deus permittiu que os descendentes das irmãs de Carlota recebessem os juros da sua herança em contentamento dos infelizes com quem a repartiram; ao mesmo tempo que a posteridade dos filhos de Bento Ribeiro, e de Leonardo, seu bisavô, sendo irmão do honradissimo João Verissimo, e a do alferes de Cima-de-Villa, e a do Joaquim da Gaivota, cujo filho foi enforcado hontem...

—Hontem? O Jacintho?

—Sim, meu filho, foi hontem enforcado em Vianna.

—Ha nove annos que o prenderam... Que longo tempo o fizeram esperar a sentença!...

—Tres vezes fugiu do carcere, e outras tantas mortes sobrepoz á carga dos seus crimes... Voltemos a nossa attenção para a sua alma... Ajoelhe a meus pés... Ajoelhe a meus pés, filho!

—Ajoelho — disse Serafim, ajoelhando — no seu semblante revela-se tudo quanto Deus pode dar a uma alma. Já vê que eu creio em Deus, e em nome d'elle lhe peço uma esmola...

—Esmola, meu filho?! diga...

—Está em Braga uma infeliz senhora que me foi segunda mãe durante nove annos de cadeia. Chama-se Bartolina, e é viuva de Jeronimo de Magalhães da extincta casa de Garfe. Esta senhora ou morre de dor ou tem de mendigar vivendo. Procure-a. Dê-lhe algumas migalhas do seu pão, ou ampare-a, se ella estiver agonisante.

—Assim o farei, meu filho. A vossa amiga é desde este momento minha irmã.

Serafim cobriu de lagrimas as mãos do sacerdote. Jesus Christo, do alto da cruz, descera o olhar da misericordia sobre aquelle homem.

Instantes depois, o padecente repetia as palavras do egresso:

Eu peccador me confesso a Deus todo poderoso.....

....

Áquella hora, na estrada de Barcellos a Braga, realisava-se o lance previsto pela viuva de Theotonio Roixo, nas vascas da morte. Uma escolta, que conduzia dois carrascos para Braga, parou em S. Verissimo, onde residia a filha de Theotonio; e, batendo á porta d'ella, o meirinho reclamou doze mil réis: meia moeda para cada algoz, outra meia para elle, e o restante para vinho dos soldados. A bisneta do padre Bento da Mó disse que não tinha dinheiro. Forçaram-na a pedil-o, porque os carrascos não cediam dos seus direitos. Poz-se a mulher caminho de Barcellos; mendigou os doze mil réis; voltou vigiada pelo meirinho; deu cinco pintos a cada algoz, e o remanescente á soldadesca. [1]

[1] *Periodico dos Pobres*, do Porto, de 27 de Março de 1843:—*Barcellos 24 de março. Aqui pernoitaram os dois executores da justiça. Não seguiram á estrada real; mas outra que chamam* «de Barco» *bastantemente frequentada e mais curta. N'esta mes-*

Em 23 de março, á tarde, entraram os carrascos em Braga.

Fez-se um alarido grande á volta da cadeia.

Serafim espertára do sopôr em que emergira com o rosto apoiado nos joelhos de fr. Antonio da Virgem.

—Que é?—perguntou elle—oiço tanta bulha!

Rolaram duas grossas bagadas nas faces do confessor.

—É o algoz?—preveniu o padecente com indescriptivel terror.

—Então, meu filho? a sua coragem de ha pouco? peça animo a Jesus Christo...

—Trinta e cinco annos!—murmurou Serafim.—Não tive um dia de felicidade em trinta e cinco annos! E que morte!... Ah! meu pae! meu pae! que feliz foste em morrer!... Padre, rogue outra vez a Deus que me deixe dormir... dormir... até que me vistam a alva... A forca! a forca!—bradou elle, arrancando punhados de cabello, e correndo vertiginosamente no pequeno recinto do oratorio.

Fr. Antonio abraçou-o, exorando-lhe com soluçantes

ma direcção e freguezia de S. Verissimo, a pouca distancia d'esta villa, moram José Joaquim do Valle e mulher, accusadores do réo Serafim José Gonçalves. Á porta d'estes parou a comitiva; e official de diligencia que acompanhou os executores, exigiu-lhes 12$000 réis, dizendo que era de lei dar-se-lhe para repartir 2$400 a cada um dos executores, 2$400 a elle official, e o resto para dividir pela escolta. A mulher respondeu que não tinha alli dinheiro; mas tornou-se-lhe que o arranjasse. Teve de vir á villa, e andar em procura dos seus conhecidos para obter os 12$000 réis, sendo acompanhada do official que fez a exigencia e de um soldado. Moralise quem quizer. Nós expomos o facto como aconteceu, e nada acrescentaremos por esta vez.

Posto que a correspondencia de Barcellos seja datada de 24, os algozes pernoitaram alli na noite de 22.

preces que voltasse a ajoelhar diante de Jesus-Christo.

O padecente ajoelhou, com o rosto no pavimento e os braços distendidos. O egresso, de par com elle, levantava os seus para á cruz, exclamando:

—Não o desampareis, não o desampareis, pae de misericordia! Fizestes, oh Christo, o milagre de o alumiar com o raio da fé; agora, Senhor, dae-lhe alento no angustioso trance!

Serafim desdobrou-se lentamente, e encostou a face ao braço do confessor, que lhe enxugava as lagrimas com a fimbria da batina.

Ao cerrar da noite, o padecente entrou em convulsões, que se applacaram em longa syncope. O facultativo da misericordia, chamado ao oratorio, disse que a suprema felicidade de tamanho desgraçado seria a morte por combustão cerebral.

A febre remittiu ao romper da manhã. O aspeito de Serafim era cadaverico, mas tranquillo.

Fr. Antonio da Virgem convidou-o a reconciliar-se para commungar. O penitente ajoelhou com difficuldade, e amparado nos braços do ministro de Deus misericordioso, deteve-se meia hora. Depois tomou o Santissimo Sacramento, e recusou o almoço que lhe offereceram.

Desde as 6 horas da manhã do dia 24 de março, mais de dez mil pessoas juncavam o campo de Santa Anna, á volta da forca, arvorada em frente da egreja dos Congregados.

O dia era de formosa primavera. As andorinhas gazeavam nos beiraes do telhado do oratorio; os acres perfumes das florestas, que sobranceiam a louçan princeza do Minho, coavam-se pelas grades do ergastulo,

onde Serafim Gonçalves vestia a tunica. Elle moveu os olhos, e contemplou o ceo; attentou o ouvido e ouviu o profundo mugido dos dez mil espectadores da sua agonia. Voltou-se para o sacerdote, e disse-lhe como em segredo, com infantil pavor:

—Não me desampare...

Sahiu o prestito, por entre um esquadrão de cavallaria, e alas de tropa de linha, que se formavam circularmente á volta do patibulo. O padecente apenas podia mover-se, amparado no hombro do egresso, que lhe dizia tudo que Deus inspirara de consolações e sublimes tristezas n'aquella crucificada alma.

Ás onze horas em ponto subiu á forca, amparado por dois padres. Ajoelhou, como se as pernas se paralisassem, antes do carrasco lhe lançar o esparto, e disse ao padre:

—Adeus, meu pae!... Morro...

Instantes depois, o corpo descahia impulsado pelo carrasco; mas os que mais de perto viram o trance, disseram que Serafim Gonçalves já estava morto, quando foi arrojado da prancha.

Fr. Antonio da Virgem permaneceu longo tempo em joelhos e mãos erguidas.

Eis aqui a laconica simplicidade com que os historiadores periodistas d'aquelle tempo relataram o trespasse de uma vida que tinha uma aureola de sinistros relampagos:

(Periodico dos Pobres de 27 de Março de 1843) Sexta feira ás onze horas da manhã soffreu a pena ultima na Cidade de Braga o padecente Serafim José Gonçalves,

tendo os executores chegado de Vianna na vespera á tarde, de executarem Jacintho José da Silva, natural de Giela, do julgado de Val-de-Vez. O reo, que tinha ido com muito animo pela estrada, comendo e bebendo, subiu ao patibulo muito desanimado e abatido.

CONCLUSÃO

Fr. Antonio dos Anjos informou-se da residencia de Bartholina de Magalhães. Disseram-lhe que a mulher do carcereiro recolhera em sua casa uma senhora que á Cruz da Pedra se abraçára no padecente; e accrescentaram que se era essa a mulher que Fr. Antonio procurava, a encontraria morta, tendo expirado á hora em que Serafim sahira da cadeia para a forca. Foi o egresso a casa do carcereiro, e viu a padieira e hombreiras da porta forradas de negro. Entrou a contemplar a segunda mãe de Serafim Gonçalves, e a viuva do seu amigo de infancia e collegial de Braga, e viu um rosto macerado com visiveis signaes de envenenamento, denunciados pelo cheiro da morphina.

—Como foi a morte d'esta mulher?—perguntou o egresso á carcereira.

— Quando soube que o padecente ia sahir, tirou um vidro do seio, bebeu uma agua turva, dizendo que era para adormecer. D'ahi a uma hora parecia dormir profundamente, mas não respirava. Chamei a toda a pressa o medico, e elle disse que estava morta.

O egresso poz-lhe a mão na fronte, e murmurou:

— Deus não permittirá que te percas, nobre alma!

Os restantes personagens d'esta narrativa acabaram nas masmorras, na guerra da restauração do throno legitimo, nas garras do povo que os despedaçava em meio das escoltas. O *Cavallaria* foi espingardeado no local onde escrevo este livro, quando, em 1836, capitaneava uma quadrilha de salteadores muito desmedrada da antiga affoitesa.

Não tenho noticia de existir alguem que proceda das familias contempladas com os 1:200 contos de Manoel Vieira. Aquella santa gente das Courellas foi povoar o céu, depois que repartiu pelos pobres as ultimas reliquias dos seus haveres.

Ha coisa de dez annos que á porta de um recolhimento de Braga me mostraram uma velha maltrapida a olhar com estupida attenção e alvar sorriso para uma tigella de barro que tinha no regaço.

—Aquella louca—disse-me o meu informador—é a mulher que devia ser a esposa, e talvez a salvadora de Serafim Gonçalves. Ali tem a Leonor de Monsul. O marido dissipou quanto possuia, e morreu aqui em Braga, ali mesmo onde ella está, em 1847, atravessado de uma bala, quando o Macdonell aqui veiu dar sêvo ás hostes do conde de Casal. Sahiu d'aqui menina, quando n'este campo lhe arrastaram o pae; e voltou, quando

aqui mesmo lhe mataram o marido. Quando lhe perguntam se ainda se lembra do Serafim, espanta-se, recorda-se, emerge das trevas, chora e diz: «Fui eu que o matei!» e crava os olhos, espavoridos, n'aquelle sitio onde esteve a forca.

FIM

ERRATAS

VOLUME I

Pag. 13, linha 16, *desvergonhosa* leia-se *vergonhosa.*
Pag. 20, linha 17, *eira do,* leia-se *eirado.*
Mesma linha *raquerimento,* leia-se *requerimento.*
Pag. 78, linha 4, *para* onde, leia-se *por* onde.

VOLUME II

Pag. 11, linha 30, *o* Christina, leia-se *e* Christina.
Pag, 17, linha 3, *Travassô,* leia-se *Travassos.*
Pag. 22, linha 23, *em collegio educar,* leia-se *educar em collegio.*
Pag. 58, linha 12, *se mostrava,* leia-se *não se mostrava.*
Pag. 63, linha 21, *roconditos* leia-se *reconditos.*
Pag. 68, linha ultima, *cothegoria* leia-se *cathegoria.*
Pag. 74, linha 11, *aviltadas* leia-se *aviltantes.*
Pag. 82, linha 19, *brigadas* leia-se *brigadeiro.*
Idem, linha 21, *harcas* leia-se *barcas.*
Pag. 83, linha 12, *infermisso* leia-se *infermiço.*
Pag. 87, linha 9, *com Gomes Freire* leia-se *com os sectarios de Gomes Freire.*
Pag. 97, linha 24, *bilhetes* leia-se *e bilhetes.*
Pag. 160, linha 14, *in troque* leia-se *in utroque.*
Pag. 170, linha 30, *afastavam* leia-se *afastava.*